ANNO XXIII — N.º 37
Rio, 14 de Setembro de 1929
Preço: 1$000

— Quando soffria um ataque de enxaqueca,

a dôr e o mal estar tornavam-se tão intensos, que ella ficava horas e horas soffrendo horrivelmente num quarto escuro, sem poder sequer supportar a luz.

Que achado, que allivio, quando, depois de haver experimentado meia duzia de remedios, sem resultado, tomou uma dóse de

"o meu unico allivio"!

Passados poucos momentos, e a dôr e o mal estar tinham desapparecido como por encanto!

Dôres de cabeça em geral; dôres de dentes e ouvido; nevralgias, cólicas menstruaes e rheumatismo; consequencias de tresnoitadas, excessos alcoolicos, etc.

Não *affecta* o coração nem os rins.

O conto brasileiro

O cão de guarda

— Então?!... Vê lá o que fazes! não me conheces mais? E' justo... Tive a desentranhada alma de vender-te a esse ricaço a quem agora serves, e por uma insignificancia! Mas, que queres? A vida! Esta vida que faz com que tudo se venda: consciencia, corpo, braços, cerebro, mulher, tudo! Não fazes idéa quanto me custou o separar-me de ti. Eras tão meigo, tão bom! E a Guilhermina gostava tanto de ti! Olha que chorou bastante quando te foram lá buscar. Bem. Vamos ao que me traz aqui a estas horas: A Guilhermina está doente. Vae para dois mezes que está se alimentando apenas de caldos de gallinha. O medico vive ironicamente a recommendar-me o maximo cuidado como si não fosse eu quem tivesse o maior interesse pela sua saude. Acabaram-se as gallinhas no poleiro que tu guardavas com fidelidade. Porisso te chamavas o "Fiel". Ainda te chamam assim? Mas, escuta bem: Estão exgotados os meus fracos recursos. Para cumulo das desventuras, estou sem emprego; o que quer dizer que a nossa bôa Guilhermina está condemnada a morrer por falta de alimento. Tu pódes auxiliar-me. E' verdade que isso importa em faltares aos teus deveres de cão de guarda... Foste sempre tão carinhoso para com a Guilhermina, que não irás, decerto, oppôr ao sentimento de humanidade o preconceito de um dever que te impõem como condicção, em troca do tratamento que te dispensem. Somos ambos escravos, e ambos temos a necessidade de ser livres. A liberdade para mim consiste agora em surripiar algumas gallinhas para alimentar a bôa Guilhermina, que está de cama; e para ti consiste em te livrares dessa corrente para poderes saltar á vontade ou ires para as alamedas do parque admirar as estrellas. Conheço-te bem e sei que és um pouco poeta! Muitas vezes te surprehendi de olhos fitos na lua, sentado nas patas trazeiras, pensando talvez no amor de alguma cadellinha da vizinhança. A's vezes, punhas-te até a cantar uma canção romantica, cheia de melancolia, soltando uivos tristes de quando em quando.

* * *

— Estamos entendidos. Folgo immenso em vêr que ainda não mudastes; és o mesmo sentimentalista, o "Fiel" da gente pobre. A Guilhermina vae ficar satisfeita comtigo; quando lhe contar a tua cumplicidade neste roubo de gallinhas... Ah! esqueci-me de que é preciso occultar-lhe esta aventura. Teria escrupulos, a pobre, e não as comeria! Foi sempre tão honrada! Ao que nos leva a miseria!... De honesto trabalhor que sempre fui, e como tu sempre me conhecestes, transformado em ladrão de gallinhas, escalando a altas horas da noite os muros de uma rica propriedade onde contava com a tua cumplicidade! "Si tivesse a desventura de ser visto por algum policial, seria preso, arrastado aos tribunaes, condemnado, e a minha pobre Guilhermina talvez morresse de fome ou de desgosto. Os teus collegas bipedes são deshumanos! Nem dei pela existencia dos teus collegas de guarda, tão forte é o motivo que me impulsiona a commetter este acto.

* * *

— Não quero demorar-me agora. D'aqui a pouco surge o dia, podem os criados surprehender-nos e estamos ambos perdidos. A ti te môlam de pancadas por não teres dado signal; e a mim me conduziam ao posto policial para confessar o meu crime...

"Prestaste-me tão bom serviço, que me corta o coração á idéa de prender-te novamente. Prefiro deixar-te em liberdade. Tu gostas da liberdade, não é certo? Quem é que não gosta?...

Deves sentir bem a falta della agora. E' verdade que lá em casa nem tinhas siquer uma casinha onde te abrigasses do relento; não andavas tão bem tratado como aqui, na fidalga moradia que te fizeram e onde és servido pelos criados da casa como qualquer *lord*. Mas bem sabes que quando faltava era para todos. Tu fazias parte da familia, eras attingido como todos nós pela miseria a que nos obrigavam certas situações difficeis. Em compensação, eras livre! Podias á vontade dar-te de namoros, passear nas avenidas, quando a "carrocinha" não andava por lá na sua miseravel profissão de saneamento.

(*Ouvem-se vozes e passos dos guardas.*).

O COMMENTARIO

Está fervendo!...

A politica anda em pleno ebulição. Na imprensa e no Congresso de outra coisa se não trata sinão da successão presidencial. E a parlapatice, a rhetorica barata dominam a situação.

Esquecem-se, Camara e Senado, de que o seu papel é legislar para a vida financeira e para a vida administrativa do paiz, e não andar a discutir os merecimentos deste ou daquelle candidato á curul presidencial, bem como os processos de que lançam mãos para a victoria de seus desejos. E outra coisa não preoccupa o espirito dos chamados paes da patria.

Olvidam-se os mais serios problemas nacionaes, põem-se de lado as questões mais prementes, afastam-se os objectivos mais dignos e os assumptos mais importantes, afim de somente se tratar de pessôas e de coisas pessoaes.

E' triste o scenario; mas, que se ha de fazer?

Está fervendo!...

Está fervendo!...

O CONTO BRASILEIRO

(Conclusão)

— Mão! Estou descoberto, "Fiel". Atira-te a mim para salvares, a tua responsabilidade! Anda... Não percas tempo!...

(*Vendo entrar os guardas, o cão atira-se a elles, furiosamente*).

— Comprehendo o teu inutil sacrificio. Sou eu quem não te deixará agora entregue á sanha policiesca dos teus collegas que podem considerar o teu acto como sendo uma traição e não terão muito pejo em fuzilar-te... São completamente desprovidos de sentimentos; nem os podem ter porque isso importa na inexistencia dessa profissão deshumana, com a qual acreditam estabelecer o equilibrio social.

— Praticaram um acto de heroismo! Prenderam um homem que se deixou prender, um ladrão que veiu procurar, onde havia demais, algumas gallinhas para satisfazer ás necessidades impostas pela medicina a uma mulher que agoniza. Nem vos apercebeis que a vossa acção, a vida dos vossos actos "heroicos" é detestada mesmo pelos vossos protectores, aquelles a quem servis!... Procuraes manter a ordem fomentando a desordem. Não vêdes, homens ineptos, que as instituições que protegeis são as causas da falta de ordem? Existem ladrões, porque existem miseraveis. Ha criminosos porque vós existis, para os prender e classificar. Ha bebedos porque a fabricação do alcool constitue uma industria rendesa, que a lei protege e cujo funccionamento vós asseguraes. Regularizaes a prostituição onde se pervertem os caracteres a chafurdar no vicio, que é mantido por aquelles a quem protegeis, e não vos passa pela cabeça que a immoralidade, a syphilis, a ruina dos lares são consequencias desse mal que existe. Covardes! Tendes vossas esposas mettidas em pocilgas immundas, os vossos filhos semi-nús e vos encheis de orgulho ao defenderes os patifes que passam as noites nos clubes de jogo ou nos "cabarets" do vicio e pagam por um sorriso, um beijo ou um abandono o necessario para vos fazer felizes a vós! Levaes para o carcere a mulher infeliz que á noite, passa sózinha n'algum suburbio mal illuminado, e encheis de honrarias a mulher "chic" que, á noite, emquanto o marido se debate nos braços de alguma amante que e sabe illudir e explorar, passa, por sua vez, na *limousine* do seu amante, a caminho da sua *garçonnière*.

Condenaes a pobre mulher que, allucinada, mata o seductor e reverenciaes o estupido burguez que paga com alguns contos de réis a honra de cada mulher que atira ao lodaçal do infortunio!

Prendeis um homem que vem ao quintal de um abastado capitalista buscar uma gallinha para alimentar uma esposa que adora e que agoniza no leito de morte, e levaes ao auge a vossa admiração por este nababo que tem alguns milhares de operarios que se suicidam lentamente pela "thysica", nas suas fabricas anti-hygienicas; que sabe impingir algodão mecerizado por seda, que joga na Bolsa apostando com a ruina de alguem; que faz transacções cambiaes que produzem a miseria, a fallencia, o crime, a prostituição! Homens honrados! Honestas columnas da Sociedade apostrophados por Ibsen! Carcassas psychologicas apodrecidas e dissecadas, nos laboratorios de Hamon! Podeis orgulhar-vos do que acabaes de fazer. Aqui me tendes: Podeis manietar-me, conduzir-me ao carcere, fuzilar-me. Já formei o meu juizo sobre as vossas vidas inuteis; tenho formadas as minhas conclusões a vosso respeito.

Sois lidimos representantes dos destruidores de Carthago; os mesmos entes despreziveis contra os quaes se voltou o odio do povo amotinado de Paris na tomada da Bastilha; sois os continuadores da obra infame do empacamento do carro maravilhoso do Progresso, a cujo fulgor os vossos olhos cegam.

"Levae-me! Pertenço á Lei!...

(*Fiel, o cão de guarda, cada vez mais desesperado, investe novamente contra os policiaes, mordendo desesperadamente a um delles nas pernas. O policial não vacilla: puxa do revólver e atira ao pobre cão, que parecia comprehender esta tragedia humana. O ladrão de gallinhas, vendo que o seu bravo defensor ia cahir fulminado pelas balas policiaes, de um salto, collocou-se á frente, aparando no peito as balas que eram dirigidas ao "Fiel". Os dois policiaes ficaram olhando-se, pasmados, emquanto o "Fiel" lambia o infeliz, que tivera morte instantanea. Um delles, rompendo o silencio que se fazia no ambiente inquietante, dramatico, da rica propriedade, sentenciou*):

— Aqui está uma coisa, collega, que me faz pensar: este homem não devia ser nenhum malvado, pois que deu a vida por um cão...

— E' um louco! Não ouviste o que elle esteve a dizer?

— E' um louco, lá isso não resta a menor duvida! Mas olha que sempre te digo que poucos homens de juizo seriam capazes deste gesto abnegado!...

SOUZA PASSOS.

TIMIDEZ

SEMPRE fui muito timido. Quando comecei a ser homem, é que mais se accendeu em mim a inconveniencia dessa inferioridade.

Recolhido ao meu isolamento detestavel, o mais leve contacto exterior era, para o meu temperamento, garras, aos milhares bem horriveis, de dragões imaginarios.

Sentindo bem fechadas as portas e janellas do escondenijo, tudo em mim parecia repousar n'um interminavel suspiro de allivio. Dias, si os havia, eram sequencias de supplicios que se antepunham á minha existencia. Na demencia desse ostracismo, libello, talvez, de um mal passo em remota encarnação, comecei a sentir desfiar, fio a fio, o tecido malhado da esperança.

Sómente agora, a custo de estoica batalha com a espontaneidade, consegui ajuntar-me ao resto do mundo.

Venci recuos. Velei, com sorrisos vermelhos, as pallidas afflicções que me cercavam. E, por fim com uma firmeza bem masculina, resolvi dar um banquete aos meus amigos.

Azafama terrivel entre a sala de jantar e a cozinha. Verdadeiras *lançadeiras* de creados a conduzirem iguarias e pratos servidos. O vinho correu, em torrentes, pelas gargantas resequidas, e em vapores, pelas cabeças alegres dos meus hospedes.

Curei-me com a experiencia.

— Curado? Como assim?

— Devido a simples engano...

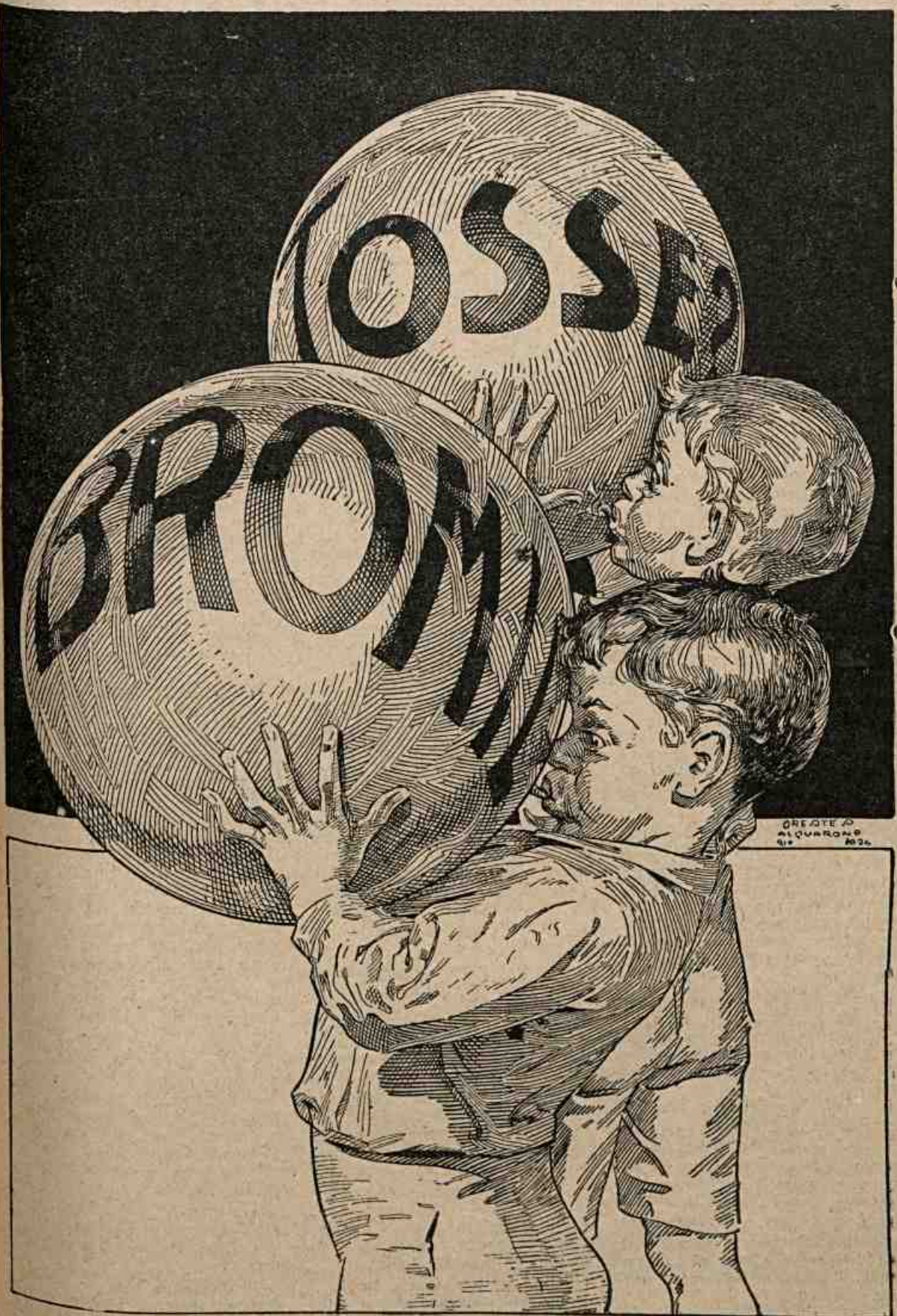
— Original!

— Mandei servir maçãs para sobremesa e.... nos trouxeram mulheres!

— Mulheres?

— Falei em mulheres? — Oh, perdão... Que são mulheres?

BRAZ GILÉTTE.

OSSES
BROM

SEU GRANDE ERRO

LEILAH era uma rapariga romantica.

Apezar de não ser rica, pertencia a uma respeitavel familia de São Paulo. Era uma dessas modernas criaturas que vivem a sonhar, povoando o cerebro de fantasias hauridas nos romances de autores de imaginação doentia, e nos melodramas cinematicos a que costumam assistir plenas de emoções.

Já contava 17 radiosas primaveras e até então fôra habituada ao conforto que seus paes lhe podiam prodigalizar. Suas vontades, não raro, eram satisfeitas, muito embora isso exigisse dos velhos progenitores uma bôa parte de sacrificios.

Nunca occorrera aos paes de Leilah, talvez por excesso de amor, a conveniencia que havia em preparal-a para a vida. Dest'arte, teve a joven ensejo de mergulhar a sua alma moça num mar de fantasias que o seu cerebro inexperiente lhe creára.

Certo dia, encontrava-se Leilah repousada no seu amplo canapé, entretida a ler um livro, quando entrou inesperadamente sua amiguinha Eleonora, esfusiante de alegria.

— Sabe, minha bôa amiga, que venho convidal-a para a recepção que damos esta noite á sociedade paulistana?

— Oh! Que surpresa, Eleonora! Você bem mostra que sabe honrar a nossa camaradagem. Então, explique os motivos dessa festa!

— E' simples — respondeu Eleonora: — maninho acaba de regressar de uma longa viagem que emprehendeu á America do Norte. Negocios, já se sabe! A festa é em regosijo pela sua chegada.

Frank Willer, na verdade, era um rapaz de refinadas qualidades, e, como premio da sua optima conducta e dedicação ao trabalho, seu pae lhe déra sociedade nos negocios.

— Conto com você para a nossa festa. Olhe, não falte!

— Certamente, pois isso me da immenso prazer. Depois você sabe que sou senhora das minhas vontades. Papae e mamãe seriam incapazes de me contrariar. Olé!

Eleonora retirou-se com o seu genio alegre e vivaz, não esquecendo, á porta, de reiterar o convite.

Leilah não faltou á recepção dos Willer, opulentos paes de Eleonora e Frank. Acompanharam-na seus velhos paes.

Ao transpôr os humbraes daquella magnifica mansão, Leilah não occultou o seu deslumbramento ante o aspecto festivo da casa, a riqueza de "toilettes", a illuminação feerica, tudo emfim.

Recebeu-a Eleonora, que não tardou em apresental-a a Frank:

— A minha melhor amiga, maninho.

— Muito prazer, senhorinha.

— Obrigada.

— Quero, maninho, que você dance com Leilah. E' uma divina interprete de Terpsychore.

Leilah protestou:

— Qual! Senhor Willer, sua irmã está gracejando, não acredite, sim? Somos muito amigas, por isso é que diz assim.

— Penso que minha irmã não andou mal em dizel-o, senhorinha. Na sua ausencia muito tem dito a seu respeito.

A conversa proseguiu ainda por alguns instantes, quando um barulhento "jazz-band", estrugindo notas desengonçadas, concitou-os a se entregarem á lubricidade louca de uma dança selvagem.

Frank sente por Leilah uma attracção invulgar. Ella dá mostras de estar correspondendo ao affecto do rapaz.

Naquella noite conversaram muito e não dançaram menos.

Dahi por deante Frank começou a cortejar a romantica rapariga, já sentindo por ella grande amor.

Um dia em que ambos se encontravam a sós, Frank perguntou:

— Leilah, você concordaria em ser minha esposa?

Sempre ávida de estranhas sensações, sem consultar a razão respondeu:

— Sim, meu amor, e com que prazer! Você tem sido tão bomzinho para mim. Como havemos de ser felizes!

Leilah accedêra ao pedido do moço apaixonado, embora não sentisse o coração pulsar por elle. Preoccupava-a, tão sómente, o desenrolar dos factos — o romance.

No dia aprazado — um radioso dia de maio — realizavam-se naquella capital, em meio a um ambiente de flores e alegria, os esponsaes de Frank e Leilah.

Foram residir numa ampla e confortavel vivenda que o velho Willer lhes dera como presente de nupcias.

— Que acha, querida, do logar que escolhi para nosso ninho e onde, a seu lado, espero encontrar a felicidade?

— Encantador, meu maridinho! Não imagina o prazer que sinto. Tudo aqui é tão cheio de seducção...

E cingindo-a nos braços:

— Leilah, você não imagina quão feliz me sinto em saber que tudo aqui está a seu contento.

— Oh Frank, vejo que os meus sonhos a pouco e pouco se vão crystallizando em doce realidade — ponderava ella, languidamente entregue ás caricias do esposo.

Passam-se alguns annos. Frank sente cada vez mais que aquella encantadora mulher o prende, tanto mais quanto, agora, duas lindas crianças vieram enriquecer-lhes a casa. Paulo e Margarida são o seu encantamento, a expressão maxima da sua felicidade.

Leilah, ao contrario, depois que se tornou rica e conheceu o fausto, mais se deixou levar pelos pendores romanticos que revelára no verdor dos annos. As festas, as recepções, os passeios a miude, que a vida social lhe proporcionava, roubavam-na á vida do lar e ao cumprimento dos deveres de esposa e mãe. Esse estado de cousas inda mais se accentuou com as constantes ausencias de Frank, motivadas pelos seus multiplos e importantes affazeres.

* * *

— Você não imagina, Cleone, como eu gostaria de me dedicar á carreira theatral! Como deve sentir-se lisonjeada uma mulher, ao receber os applausos da multidão e vêr-se rodeada de uma legião de adoradores — assim falava Leilah a uma de suas mais intimas amiguinhas, numa festa de caridade promovida por conspicua figura da sociedade paulistana.

— Sou tambem da sua opinião, Leilah — ponderava a amiga — e certamente faria o mesmo se me fôra dado possuir um rosto e uma plastica como os que os deuses lhe prodigalizaram.

— Bondade sua, Cleone. Você ainda é formosa. Ademais, nunca teve filhos, o que é uma vantagem...

Obstinada na idéa de seguir a carreira theatral, não foi difficil a Leilah approximar-se do riquissimo empresario Roberto Lee.

un
air embaumé
Perfume
RIGAUD 16 rue de la Paix PARIS

no de uma companhia de variedades que na época constituía o maior successo theatral. Pel-o quando seu marido se ausentára por alguns dias, a negocios.

Insinuada pelo empresário, Leilah não reluta em abandonar o ditoso lar que o amôr de Frank lhe déra, e nem tampouco os innocentes filhinhos.

Chama Mme. Delange, sua governante, e diz-lhe:

— Madame, preciso ausentar-me por alguns dias. Confio aos seus cuidados a casa e as crianças. Aqui tem uma carta para o meu marido. Deixo-a em cima do "toilette".

— Sim, minha senhora, não se

SEU GRANDE ERRO

(Continuação)

* * *

preoccupe. Cuidarei de tudo — respondeu com solicitude Mme. Delange.

Passados tres dias, Frank retornava de sua longa viagem.

— Onde se encontra a minha esposa?

— Ha tres dias que deixou esta casa, allegando motivo superior — respondeu a governante. — Deixou-lhe uma carta que está em cima do "toilette".

Frank, estupefacto, sem atinar com o que lhe dizia Mme. Delange, abalou-se para o quarto, tomando entre as mãos tremulas a carta fatidica.

Estava concebida nestes termos fulminantes: — "Frank, deixo-o porque este não é o meu logar. Infelizmente não o amo. Perdôe-me. Leilah".

Frank deixou-se cahir numa cadeira. Sentia o peso da vergonha e da ignominia esmagar-lhe o coração. Por instantes perdeu o dominio do seu "eu" e, extatico, o olhar aparvalhado, permaneceu immerso em profundas cogitações, procurando, talvez, convencer-se da dura realidade.

E num soliloquio:

— Nunca julguei que Leilah pudesse trocar por uma vida artificiosa a vida de encantos do lar. Amei-a com o mais puro amôr e sempre lhe devotei a maior dedicação. Mas de ora por deante darei por encerrado este capitulo negro da minha vida. A isso sopreponho o meu amôr proprio. Saberei resignar-me com a sorte. Saberei reagir.

* * *

Leilah vive agora em meio a seducção da grande metropole.

Viera para o Rio de Janeiro acompanhada de Roberto Lee e fizera-se sua amante.

Consoante seu sonho de outróra conseguiu, apoiada pelo emprezario, tornar-se "estrella" da companhia por elle dirigida.

Passam-se alguns annos.

A pobre rapariza já soffre os dissabores daquella vida enganosa, prenhe de desventura e dôr.

O vil empresario, fiel ao seu programma, conquistava bellas mulheres com o fim ignobil de dar pasto ao seu temperamento libidinoso e, ao mesmo tempo, manter o elenco da sua companhia.

Estavam as suas attenções agora voltadas para uma tal Nanette, que, á maneira de Leilah, tambem abandonára a familia para seguil-o. Leilah suspeitou-o e resolveu certificar-se da verdade, surprehendendo-os em flagrante.

Assim é que, indo um dia, mais cedo do que de costume, ao ensaio, lá se lhe deparou Roberto em pleno colloquio amoroso com a linda francezinha, no camarim desta.

— ... ?

— Que veio fazer aqui a estas horas? — indagou Roberto, num tom brusco, que denunciava revolta.

— Inteirar-me do seu procedimento que ha muito é alvo da minha suspeita. Não queria, de modo nenhum, acreditar nessa tris-

NOVO TRATAMENTO DO CABELLO

Restauração — Renascimento — Conservação

PELA **Loção Brilhante**

PATENTE N. 5739

Formula Scientifica do Grande Botanico Dr. Grornd, cujo segredo foi comprado por 200 contos de reis.

Approvada e licenciada pelo Departamento Nacional da Saúde Publica pelo Decreto n. 1213 de 6 de Fevereiro de 1928

Recommendada pelos principaes Institutos Sanitarios do Extrangeiro.

A LOÇÃO BRILHANTE É O MELHOR ESPECIFICO INDICADO CONTRA:

Quéda dos cabellos — Canicie — Embranquecimento prematuro — Calvicie precóce — Caspas — Seborrhéa — Sycose e todas as doenças do couro cabelludo.

CABELLOS BRANCOS Segundo a opinião de muitos sabios, está hoje completamente provado que o embranquecimento dos cabellos não passa de uma moléstia. O cabello cahe ou embranquece devido á debilidade da raiz.

A **Loção Brilhante**, pela sua poderosa acção tônica e antiseptica, agindo directamente sobre o bulbo, é, pois, um excellente renovador dos cabellos, barbas e bigodes brancos ou grisalhos, devolvendo-lhes a côr natural primiva, sem pintar, e emprestando-lhes maciez e brilho admiravel.

CASPAS — QUÉDAS DOS CABELLOS Múltiplas e variadas são as moléstias que atacam o couro cabelludo dando como resultado a quéda dos cabellos. Dastas, a mais commum são as caspas. A **Loção Brilhante** conserva os cabellos, cura as affecções parasitarias e destróe radicalmente as caspas, deixando a cabeça limpa e fresca.

A **Loção Brilhante** evita a quéda dos cabellos e os fortalece.

CALVICIE Nos casos de calvicie com tres ou quatro semanas de applicações consecutivas começa a parte calva a ficar coberta com o crescimento do cabello. A **Loção Brilhante** tem feito brotar cabellos após periodos de calvicie de mezes e até de annos.

Ella actua estimulando os folliculos pilosos e desde que haja elemento de vida os cabellos surgem novamente.

SEBORRHÉA E OUTRAS AFFECÇÕES Em todas as alopecias determinadas pela seborrhéa ou outras doenças do couro cabelludo os cabellos cahem, quer dizer, despegam-se das raizes. Em seu logar nasce uma penugem que segundo as circumstancias e cuidado que se lhe dá cresce ou degenera.

A **Loção Brilhante** extermina o germen da seborrhéa e outros microbios; supprime a sensação de prurido e tonifica as raizes do cabello, impedindo a sua quéda.

TRICHOPTILOSE Ha também uma doença, na qual o cabello, em vez de cahir, parte. Póde partir bem no meio do fio ou póde ser na extremidade, e apresenta um aspecto de espanador por causa da dissociação das fibrillas. Além disso, o cabello torna-se baço, feio e sem vida. Essa doença tem o nome de trichoptilose, e é vulgarmente conhecida por cabellos espigados. A **Loção Brilhante** cura-a, pelo seu alto poder antiseptico e alimentador, e facilmente, dá vitalidade aos cabellos, deixando-os macios, lustrosos e agradaveis á vista.

VANTAGENS DA LOÇÃO BRILHANTE

1.º — E' absolutamente inoffensiva, podendo, portanto, ser usada diariamente e por tempo indeterminado, porque a sua acção é sempre benefica.

2.º — Não mancha a pelle nem queima os cabellos, como acontece com alguns remedios que contêm nitrato de prata e outros saes nocivos.

3.º — A sua acção vitalizante sobre os cabellos brancos, descorados ou grisalhos começa a manifestar-se 7 ou 8 dias depois, devolvendo a côr natural primitiva gradual e progressivamente.

4.º — O seu perfume é delicioso, e não contém oleo nem gordura de especie alguma que, como é sabido, prejudicam á saúde do cabello.

MODOS DE USAR

Antes de applicar a **Loção Brilhante** pela primeira vez é conveniente lavar a cabeça com agua e sabão e enxugar bem.

A **Loção Brilhante** póde ser usada em fricções como qualquer loção, porém é preferivel usar do modo seguinte:

Deita-se meia colher de sopa, mais ou menos, em um pires, e com uma pequena escova embebida de **Loção Brilhante** fricciona-se o couro cabelludo bem junto á raiz capillar, deixando a cabeça descoberta até seccar.

PREVENÇÃO

Não acceitem nada que se diga ser a «mesma coisa» ou «tão bom» como a **Loção Brilhante**.

Póde-se ter graves prejuizos por causa dos substitutos.

PENSE V. S. em ter novamente o basto, lindo e lustroso cabello que teve ha annos passados.

PENSE V. S. em eliminar essas escamas horriveis que são as caspas.

PENSE V. S. em restituir a verdadeira côr primitiva ao seu cabello.

PENSE V. S. no ridiculo que é a calvicie ou outras molestias parasitarias do couro cabelludo.

Nada póde ser mais conveniente para V. S. do que experimentar o poder maravilhoso da **Loção Brilhante**.

Não se esqueça. Compre um frasco hoje mesmo. Desejamos convencer V. S. até á evidencia, sobre o valor benefico da **Loção Brilhante**. Comece a usal-a hoje mesmo. Não perca esta opportunidade.

A **Loção Brilhante** está á venda em todas as drogarias, pharmacias, barbeiros e casas de perfumarias. Si V. S. não encontrar **Loção Brilhante** no seu fornecedor, córte o coupon abaixo e mande-o para nós, que immediatamente remetteremos, pelo correio, um frasco desse afamado especifico bacillar.

(Direitos reservados de reproducção total ou parcial)

Unicos cessionários para a America do Sul:
ALVIM & FREITAS — Rua Wencesláu Braz nº. 22-sob.
S. PAULO. — C. Postal, 1379.

COUPON
(F. - F.)

Srs. ALVIM & FREITAS —
Caixa 1379 — S. Paulo

Junto lhes remetto um vale postal da quantia de réis 10$000, afim de que me seja enviado pelo correio um frasco de LOÇÃO BRILHANTE.

NOME ....
RUA ....
ESTADO ....
CIDADE ....

te verdade — redarguiu nervosamente Leilah.

— Prohibo-a de fazel-o. Sou um homem completamente livre. Não tenho compromissos.

— Roberto, nunca pensei que você fosse tão cynico ao ponto de negar o compromisso de honra que assumiu para commigo. E' essa a paga que recebo por tudo quanto fiz por sua causa, miseravel?

— Basta de insultos! Hoje mesmo deixará de fazer parte da minha companhia. Não quero vel-a por mais instantes neste logar.

A pobre mulher sentiu o amôr proprio abrasar-lhe as faces. Coberta de opprobrio, não queria de fórma alguma reivindicar um amôr que agora soube ser falso. De um relance apercebeu-se do seu grande erro. Era tarde demais.

Atirada á rua, como se fôra uma miseravel mendiga, Leilah recorreu aos favores de uma amiguinha, bailarina de theatro ligeiro, que conseguiu collocal-a como corista da companhia em que trabalhava. Não poude arranjar coisa melhor: a sua belleza já fenecia e a voz não mais tinha a doçura de outróra.

Relegada para uma posição obscura na carreira do theatro, a infeliz Leilah, após a rude lição de Roberto Lee, passou a ter uma vida de contrariedades e privações ininterruptas. Isto inda mais se aggravou devido ao facto de ter o pensamento constantemente voltado para os seus entes queridos.

Momentos havia em que ella perguntava a si mesma:

"Por que não supplicar o perdão de meu marido? Por que não dizer-lhe que o soffrimento e a dôr semearam virtudes no meu coração e ensinaram-me a venerar o seu nome e a bem querer os nossos filhos?"

E ao mesmo tempo:

— Oh meu Deus! A sociedade jamais me perdoará. Meu marido, fructo dessa sociedade, tambem não me quer mais. Elles teem razão. Paulo e Margarida são dignos de um nome sem macula. Não faz mal. Continuarei a expiar a minha culpa, que reputo bem grande.

* * *

— Psiu! Psiu!

— A senhora é que chamou?

— Sim. Quero o "Diario da Manhã".

— Aqui o tem. Obrigado.

Era a infeliz Leilah que, ha pouco restabelecida de pertinaz molestia que lhe devastára impiedosamente o organismo, se via na dolorosa contingencia de procurar trabalho para não estender a mão á caridade alheia. As privações de toda sorte e os padecimentos moraes, sem treguas, atiraram-na para a indigencia de um catre de hospital, á mingua de recursos. Havia muito que estava proscripta da phalange do theatro. Comprazia-se a sorte de vel-a novamente em meio á turba multa, reduzida á triste condição de mendigo, sem tecto, sem familia, sem amigos.

SEU GRANDE ERRO

(Conclusão)

* * *

Guiada por um annuncio, a infeliz criatura foi ter a uma luxuosa vivenda situada num aristocratico bairro da cidade. Lá chegando, fez soar uma campainha. Attendeu-a um criado, que logo a levou á presença de sua ama.

— A que vem a senhora?

— E' a respeito do seu annuncio minha senhora. Desejava obter o logar de governante na sua casa.

— Ah! percebo. Na verdade preciso de uma. Tem aptidões para bem dirigir uma casa?

— Perfeitamente.

Ficou accordado entre Anna — nome que adoptára Leilah desde a sua triste aventura — e a joven e formosa senhora, que desde logo aquella começaria a trabalhar. As suas maneiras delicadas e a sua conversa captivante haviam-na impressionado favoravelmente.

No dia immediato a formosa Doris, logo cedo, chamou a governante e recommendou-lhe que preparasse a casa e adoptasse as necessarias providencias para um lauto jantar. Seu marido deveria regressar naquella tarde de uma viagem de inspecção que emprehendêra ao interior paulista, pois que era engenheiro-chefe de importante companhia. Ademais, era dia do seu natalicio, que a esposa affectiva desejava commemorar na intimidade. Não convidára pessoa alguma a não ser o seu velho e querido pae.

Depois do meio dia, começaram a chegar alguns telegrammas de felicitações.

Anna, a governante, em pessoa, recebia-os, e, a cada um que lhe era entregue, mais intrigada ficava, ao ler: "Paulo Willer, etc." Por ventura estaria ella na casa do seu proprio filho? Talvez. Quem diria?

A's 7 horas da noite, entrava em casa, numa alegria incontida, o joven engenheiro, ansiosamente esperado pela esposa.

Anna cautelosamente postou-se num logar discreto, de onde pudesse observar os gestos e ouvir a voz do homem que a preoccupára sobremo o áquella tarde. Innundou-se-lhe a alma de alegria. A voz do sangue como que lhe gritava aos ouvidos: — "Aquelle é teu filho! Não o reconheces?"

A duvida que ainda lhe pairava na mente dissipou-se de todo no momento em que ouviu o engenheiro dizer:

— Sabes, Doris, aproveitei a minha estada em São Paulo para visitar a mana Margarida. Casou-se com um collega meu e vivem felizes. Pediu-me instantemente que a recommendasse a você.

— Obrigada, Paulo. Como eu gostaria de vel-a!

Instantes após, alguem toca a campainha.

E' o pae de Doris, que vem cumprimentar Paulo e fazer as honras do jantar.

— Paulo, papae acaba de chegar!

— O senhor Roberto, venha de lá um abraço! Já estava com saudades suas.

— E eu tambem. Acceitei o convite de Doris para jantar com vocês e não me esqueci de trazer um presentezinho. Sei que faz annos hoje.

— Muito obrigado, senhor Roberto.

Nesse momento Anna acabava de dar umas ordens aos criados, e, ao passar pelo corredor, ouviu distinctamente: "..... senhor Roberto". Teve um sobresalto. Este nome trazia-lhe recordações angustiosas. Comtudo teve curiosidade de observar o recem-vindo. Era velho, basta cabelleira branca, de feições um tanto abatidas. A um olhar mais intenso e perscrutador, a governante empallideceu. Desgraçadamente se achava deante do seu algoz. Aquelle ancião outro não era senão Roberto Lee, ladrão de sua honra e destruidor do seu lar.

Anna procurou evitar fosse vista pelo sogro de seu filho. Temia que elle a reconhecesse.

Lembrava-se agora haverem-lhe dito, em tempos, que Roberto Lee tinha uma filha que mandára educar na Europa, depois que lhe morrêra a mãe, sua unica esposa. O tempo tomára a si a incumbencia de proval-o. E era verdade.

No outro dia, quando procuraram por Anna, a governante, não a encontraram.

Desapparecera tão mysteriosamente, que até os serviçaes tinham nos semblantes um ar interrogativo:

— Que teria havido? — indagava um.

— E' estranhavel! — ponderava outro.

— Deve ser demente — affirmava com convicção um terceiro.

E nunca mais se ouviu falar naquella desgraçada mulher.

RAMAYANA

O Homem Morre pela Boca

Queda do Cabello

Dentes Cariados e Doentes

Carne Má, Peixe Ruim, Agua infectada, tudo isto encurta a Vida.

Mais Ainda: Todos Fumão hoje (até as Mulheres); muitos comem e bebem mais do que é necessario, e quasi ninguem mastiga bem a comida, como deve.

O Resultado: Todos ficam velhos depressa e morrem mais depressa ainda.

A Melhor Prova: Todos, hoje em dia, sofrem de Queda dos Cabellos; quasi ninguem tem os Dentes Perfeitos e Sãos; está aumentando, cada vez mais, o enorme numero de pessôas que sofrem de Nervosidade, Tonturas, Exgotamento, Desanimo Profundo, Dor de Cabeça, Aborrecimento da Vida, Fraqueza Geral, Doenças do Sangue, do Coração, dos Rins e muitas outras Molestias Perigosas!

Isto já é um Começo de Morte!

O Peior e Mais Grave de tudo é que ninguem sabe quando está começando a ficar doente.

Quando manda chamar o Medico, quasi sempre já é tarde.

Para evitar tantos Perigos, tenha sempre o maior cuidado com o Estomago, intestinos e Figado.

Não use nunca remedios Fortes e Violentos, nem Purgantes, Aguas Purgativas, Oleos Purgativos, Azeites Purgativos, Pastilhas ou Pilulas Purgativas, que fazem sempre Muito Mal a todo o Corpo.

Trate sua Saude com todo cuidado e sempre com muito carinho.

Use somente Remedio Brando e Suave, que cure pouco a pouco, mas de maneira segura, o Estomago, dê Forças aos intestinos e faça bem ao Figado.

Somente assim terá saude.

Nada de impaciencias.

Quem sofreu do Estomago e intestinos, durante muitos annos, quem teve Prisão de Ventre e outras Doenças, annos seguidos, não poderá curar-se em poucos dias, com poucos vidros de remedio.

Use **Ventre-Livre**, Remedio Brando e Suave, tão conhecido e de Enormes Vendas nos mais adeantados paizes do Mundo, para o Tratamento das Doenças do Estomago, intestinos e Figado.

Não sofra mais! Use **Ventre-Livre.**

Comece hoje mesmo a usar **Ventre-Livre.**

ITABAIANINHA (Sergipe) — O methodo para alfaiate que deseja obter, encontral-o-á na Livraria Alves, á rua do Ouvidor, 166. Escreva para esse estabelecimento, fazendo o seu pedido, e será attendido com a maxima presteza.

MORENINHA (São Paulo) — Aqui está a sua carta, sem lhe tirar uma virgula. Eil-a:

Sr. Yves: — Não sei si foi a noticia de que esteve dez dias enfermo e longe da redacção do Fon-Fon que me animou a escrever-lhe. Em todo o caso depois de uma tregua, talvez esteja mais disposto a attender aos nossos pedidos, ás vezes bem importunos.

Ficar-lhe-ei muito grata se pudesse merecer-lhe o favor de fazer o meu estudo graphologico. Será bem recebido esse meu pedido. Entretanto ficarei pedindo a Deus que minha carta lhe chegue ás mãos num momento de bom humor.

O senhor, certamente notou que não lhe fiz elogios antes de pedir-lhe a minha graphologia. Se o fizesse, poderia chamar-me de interesseira e com muita razão.

Li o Suave Enlevo, e se lhe interessar a minha opinião, depois que responder á esta carta, eu lhe contarei as impressões que tive ao lê-lo.

Peço-lhe, pois, sr. Yves, que attenda ao meu pedido, sob o pseudonymo "Moreninha".

Na esperança de ser attendida, agradeço-lhe antecipadamente, desejando o seu completo restabelecimento. — *Sinceraly Yours.*

P. S. — Reli a carta e pareceu-me mais uma carta commercial. Não sei se gostou do papel; eu não gosto, mas não tinha outro ás mãos que não fosse pautado. But never mind, if you excuse me all this."

Não devia fazer o estudo de sua letra, uma vez que não me deu o seu nome verdadeiro. Mas como a sua letra revela desconfiança excessiva, o seu escrupulo se explica, até certo ponto.

Antes de tudo: a sua alma e complicada. V. Ex. é de um temperamento agitado, vibrante, irrequieto, si bem que seja delicada. E' um tanto displicente. E veja ainda o que diz a sua letra: fineza, tacto, habilidade, esforço de pensamento, contrariedade, hesitação, espirito impressionavel. Vossa Ex. propende para a melancolia. Tem bom gosto. Ama as minucias. Preoccupa-se com as coisas pequenas e, infelizmente, é dada a gestos mesquinhos, que só a diminuem. Não é nada prodiga, mas tambem não é usuraria. Apparentemente é simples. Opportunista, procura tirar o melhor partido das coisas. E' inclinada

á preguiça, apezar da sua agitação, que é toda interior. E' de grande má fé. Desconfiada. Fria sob o ponto de vista sentimental.

E por favor — em troca do meu estudo não me vá passar uma descompostura. Eu nada inventei. Disse apenas o que a graphologia revela.

S. (Capital) — E' com uma certa commoção que leio os versos, lindos aliás, em que a sua sympathia incrustrou o meu nome — assim como quem intercalla num collar de perolas a treva e a humildade de um carvão.

Comquanto eu sinta bem que não sou homem para inspirar madrigaes, (e por tantas razões!...) nem por isso consigo dominar a minha vaidade (ou cabotinismo?) impedindo, evitando que lhes venham á luz da publicidade...

Aqui estão os seus versos:

TUA VOZ

— "Alô!" — "Quem fala? E' do
[Fon-Fon?
Yves está?"
— "Talvez... Vou ver." E aguardo
[o som
que ha um mez... virá!

Virá tua voz, quente e velada,
cheia de ardor,
macia, meiga — a desejada
do meu amor!

Virá tua voz trazer-me a mim
a só alegria
da minha vida! Ah! vem alfim,
como eu te ouvia...

Voz que me lembra, a feiticeira,
calor de ninho...
voz que, ao soar, me envolve
[inteira
no teu carinho.

Voz que fascina e faz lembrar...
Lyra de Orpheu,
presa ao teu som, vivo a sonhar
Um mundo meu...

Presa á magia encantadora
Da voz que ouvi,
só posso ser a sonhadora
que te ama a ti.

Presa á caricia embriagadora
que vem de ti,
oh minha voz dominadora,
eu vivo em ti.
Vivo no som da tua voz,
e na ternura
della pra mim... E vou empós
minha ventura

Buscando ouvir-te... Ao meu
[ouvido
venhas ou não,
tenho-te sempre a voz, querido,
no coração.

S.

Ahi está! V. Ex. me rende uma delicada homenagem; e eu, publicando a sua poesia, lhe sendo uma outra, não menos expressiva.

ROSARIO (Pará) — Muito bem. Goso de vêr uma mulher resoluta como a minha illustre collega. Pensou um livro. Sentou-se ao *boreau* e o escreveu. Assignou-o com o seu verdadeiro nome e lançou-o á publicidade. Assim é que é.

Isso de fazer de *jeune fille* (dezeseis annos, educação do Sion, conhecendo melhor o francez do que o portuguez e dona de uma *limousine*...) e recorrer a nós outros, pedindo, sob rigoroso incognito, (ha nomes que são incognitos eternos); que lhe publique as lamurias romanticas, lamurias estas que sempre começam deste modo: "O astro-rei morria no oceano, que se tingia de purpura. Nós dois, elle o meu *prince charmant*, e eu, na flôr dos meus dezeseis annos...

Oh, as *bas bleus!* Nossa senhora dos Chronitas, livra-me dellas, *in semper secula seculorum* — Amen.

V. Ex provou que não é uma *bas bleuse*: tem a coragem das suas opiniões: (Isso de querer ser literata, como muitas, através do nosso apoio, sem que nos dêm um "muito obrigado" — é o que não se concebe mais, neste seculo de utilitarismo...)

Agradeço-lhe o volume que me enviou, e onde se lê tão gentil dedicatoria ao seu humilde admirador — como se diz nas cortezias epistolares.

A sua photo vae ser publicada. E agora, que é mais?... Ah, sim: E' o questionario que me envia. Vamos por parte:

I — *Que idade parece ter?*

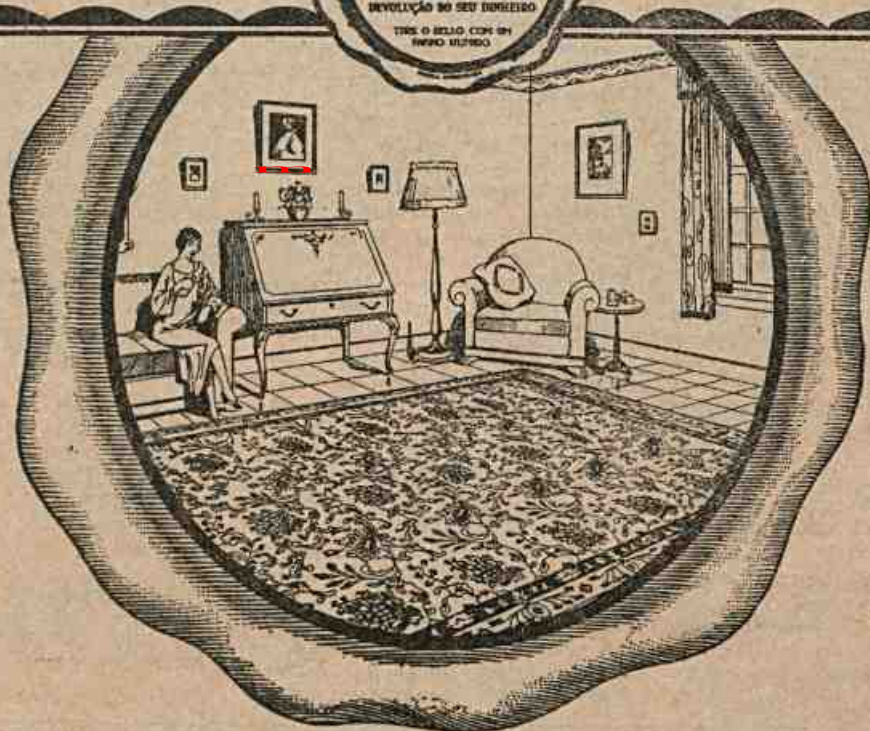
Resposta — 32, 35 annos... No emtanto, já estou nos 38. Ai de mim! (Entre parenthesis: Diz aqui o meu collega Renato Palmeira, desenhista da casa, que ha tres annos emperrei nos 38... Perverso, não é?)

II — *Qual é a sua terra natal?*

Resposta — O Polo Norte. Estou brincando: é o Leão do Norte.

III — *Desde que edade e como se dedicou á literatura?*

Resposta — Desde os tempos do Seminario de Olinda. — Escrevendo em jornalecos manus-

Duraveis
Faceis de Limpar

NÃO é sem razão que elles são os tapetes preferidos por todas as donas de casa economicas e que sabem apreciar, e exigem, o verdadeiro conforto moderno. Nos Estados Unidos, por exemplo, ha muito maior numero de Tapetes Artisticos Congoleum *Sello de Ouro* nos lares, do que qualquer outro tapete. Esta tão honrosa preferencia de que gosam os Tapetes Artisticos Congoleum *Sello de Ouro* e devida as suas qualidades insuperaveis e utilidade indispensavel.

São bellos e riquissimos em arte e côres os seus padrões. Nenhum outro tapete tem desenhos comparaveis aos do Congoleum.

Duraveis—Faceis de Limpar

A durabilidade do Congoleum é mais longa dentre todos os tapetes estampados.

O Congoleum é impermeavel; limpa-se num instante com um panno molhado. Liquidos ou gorduras, que sobre elle se derramem, não podem manchal-o.

O Congoleum se adapta ao soalho sem ser pregado ou collado; nunca se ondeia nem se revira nas margens ou pontas.

Note os preços baixos

2m76x4m58	210$000	2m75x3m66	173$000
2m75x3m20	155$000	2m75 x 2m74	133$000
2m29 x 2m75	111$000	1m83x2m75	87$000
0m92 x 1m83	30$000	0m92 x 1m37	22$500
0m46 x 0m92	7$500		

Nos Estados, os preços são ligeiramente mais altos devido ao frete.

A venda em todas as boas casas

Vendas por atacado:

Congoleum Company of Delaware

Caixa Postal 1605, Rio de Janeiro
Rua José Bonifacio 12, São Paulo

TAPETES ARTISTICOS
CONGOLEUM
Sello de Ouro

GRATIS

Lindo Folheto Colorido

Congoleum Company of Delaware
Caixa Postal 1605, Rio de Janeiro

Nome ____________________

Rua e No. ____________ Cidade e Estado ____________

ESCREVA CLARAMENTE

ptos. Certa vez, mexi com um condiscipulo e levei varios piparotes...

IV — *Qual foi o seu primeiro trabalho literario?*

Resposta — Umas trovas amorosas — rimando *bonina* com *menina*.

Geniaes, pois não?

V — *Qual foi a sua primeira emoção literaria?*

Resposta — A que experimentei quando vi, ha dezoito annos, a minha photographia n'*O Malho*, encimando um soneto.

VI — *Qual o seu trabalho, ou trecho predilecto?*

Resposta — Trabalho — o meu proximo romance "Uma garçonne carioca". Trecho — "O Abat-jour e a mariposa" (theatro).

VII — *Qual o genero literario que mais lhe agrada?*

Resposta — A chronica elegante.

Póde contar-me alguma coisa do seu modo de ser na vida?

Resposta — Sou o mais banal possivel — para não ser egual a toda gente. (Toda gente quer ser muito importante, superior, original, etc.

IX — *Que pensa da literatura moderna?*

Resposta — Um phenomeno da nossa evolução mental. Mas improficuo. Não se constroem obras duradouras sobre alicerces falsos.

X — *Como encara o intercambio mental hispano-americano?*

Resposta — Optimo — desde que seja criteriosamente orientado. Não como é feito no Rio: dois ou tres "hispano-americanistas" se reunem em torno a um escriptor da America Hespanhola para descompor o resto dos brasileiros.

XI — *Que pensa da élite literaria do norte?*

Resposta — Os escriptores nortistas não nos enviam seus livros. Poucos são conhecidos no Rio.

X — *Quer ter a gentileza de mandar-me alguns trabalhos seus e a sua photographia?*

Resposta — Escreverei uma chronica sobre o Rio. Serve? A photographia espera o seu endereço.

CATITA (Capital) — Aqui está a sua cartinha lilaz. Ella é um modelo de *tapeação feminina*. (Perdôe a gyria *tapeação*. Mas como no caso o tapeador sou eu...) Lá vae a sua bella missiva côr de melancolia:

"Illmo. Senhor — Saudações — Um grande favor venho solicitar-lhe: estudar a minha letra. Eu não me preoccupo em pagar-lhe a divida de gratidão que agora contraio comsigo, porque uma alma generosa como a sua, quando faz o bem, fal-o despida de toda e qualquer esperança de recompensa futura e sem ser levada pela vaidade de mostrar-se boa. Grata, gratissima mesmo, aqui fica a amiga desconhecida — *Catita*."

Essa *tapeação* da alma generosa", que faz o bem "sem a esperança de recompensa", me faz lembrar aquella anedocta do pote de dinheiro.

Certa vez, uma senhorita sonhou que havia, no fundo de sua casa um pote de dinheiro. Convidou o pae e a mãe (della) e foi explorar o terreno. Mas para isso chamou um caboclo forte, que entrou a cavar a terra com enthusiasmo. Foram felizes, porque acharam o dinheiro.

Dividido este, a mãe da moça lembrou-se de que deviam gratificar o caboclo.

O pae da moça, que era muito sovina, discordou. Sacou da garrucha e encostou-a ao peito do bom homem, com este argumento *tranchant*:

— Qual nada! O caboclo é dono de uma alma generosa, não é, Chico Engonço?

E Chico Engonço, com medo da garrucha:

— E' *inhô* sim.

— Você trabalha sem recompensa, não é?

— E' *inhô* sim.

— Você é um *trouxa*, não é?

— Sim, *inhô* sim. Que remedio!

E assim, elle o foi levando até á porta da rua.

Moralidade do caso: E' muito perigoso um homem passar por trouxa.... (Desculpe a gyria que não é lá muito elegante.)

INNOCENCIO MAZZUIA (São Paulo) — Quá, quá, quá, quá, seu Innocencio! Em materia de litteratura, o senhor é realmente um um innocente.

Por obséquio, não me diga mais nada hoje. Fique caladinho até o gallo cantar tres vezes! O senhor é um numero!

Imagine que o senhor fez como aquelle cavalheiro desastrado que foi a um baile, em casa de um cidadão que elle não conhecia de perto.

Comeu, dançou, bebeu, flirtou, etc., e, a paginas tantas perguntou ao dono da casa, que encontrára a um canto do salão:

— Quem é aquella féra, vestida de azul?

— E' a minha esposa.

— Não é aquella gorda, é a outra, sua vizinha.

— Ah, aquella é minha filha.

— Diabo! O senhor não acertou ainda. Refiro-me áquella outra, muito gorda, e de caraça de onça...

— Cavalheiro, aquella senhora é minha tia!

Dizem que o indiscreto fugiu pela janella.

Assim fez o senhor. A sua sua emenda foi peor que o soneto.

E curioso é que o senhor vem, muito pimpão, me pedir, ironicamente, que publique a sua carta...

Ora essa! Pois não. Não é a primeira tolice que tenho divulgado nesta pagina.

Vejamol-a:

"Meu caro snr. Yves: Saudações. — Apoz ter lido na sua utilissima e optima secção, "Saibam todos", as suas preciosas ponderações acérca da minha singela poesia, "Noivado", que, como havia dito, partira de quem é affeiçoado á litteratura, achei bôa a sua critica, não resta duvida; porém, uma cousa chamou-me a attenção: o ponto do soneto, que o snr. cita, "em que a alma vôa, qual vivo colibri", houve ahi, um mal entendido. Tenho certeza disso. Explico-me:

Esse ponto, "em que a alma vôa, qual vivo colibri"; está certo; porque, vivo, ahi, é synonimo de: esperto, ligeiro, lépido, etc.

Sendo assim, creio não ter perpetrado um máo soneto, como diz—; e, logicamente, não devo desistir de publical-o.

Excepto esse ponto que ahi se acha esclarecido, conto portanto, estar satisfeito pelo restante.

E, na minha obstinação, encontrei motivos para enviar-lhe mais uma poesia, que junto a esta se acha.

SAIBAM TODOS...

(Conclusão)

Creio encontre ella, bom humor desta vez.

Sem outros assumptos, que não os presentes, subscrevo-se com estima — *Innocencio Mazzuia.*

P. S. Peço o obséquio de publicar, se possivel, esta simples missiva.

Mais uma vez, grato — O mesmo."

Ora, eu sempre comprehendi que o mau gosto de poeta rococó não encontraria outro adjectivo para qulificar *colibri.*

Mas o que o senhor devia ter dito era: *vivido colibri,* na accepção de esperto. Dizer, porém, que *colibri é vivo, vivido* ou *esperto,* é o mesmo dizer — "assucar doce", "vinagre azedo", "fel amargo", etc. Não ha colibri que seja *vivo.* Salvo os mortos, senhor Conselheiro Accacio. E, segundo se lê na ornithologia, parte da Historia Natural, que trata dos passaros, o colibri é *irrequieto vivido, aligero* por natureza — devido a se alimentar de areia, o que o torna nervoso e vibrátil.

Aprenda mais essa, poeta.

Quanto ás estrophes que me enviou, devo esclarecer que não estão más. São, porém, tão passadistas que eu teria pudor de exhibir uma arte cheirando a môfo, aos olhos dos leitores modernistas...

E agora dê lembranças ao homem do baile.

LAMPADA BRUXOLEANTE (E. do Rio) — Sim, uma carta, azul, que é bem como o trecho de céo que diz aprisionar na sua carta perfumada.

Céo azul! Faz-me lembrar estes versos de felicidade...

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo devidamente preenchido.

ENDEREÇO:
Rua Republica do Perú', 62

Caixa Postal 97 — Telephone Central 4156.

FON-FON — 14-9-1929.

Nome do consultante ....

....

Data da consulta ....

El cielo está amatista, la aldea
[sonrosada.
La fronda verdinegra casi inmo-
[vilizada...
Un penacho humeante sale de cada
[techo...
La sopa está en la mesa: "Veci-
[nos, bon provecho!
Presumo
que mi casa tendrá también su
[poco de humo..."

Lindo, não é? Uma coisa bella deve sempre suggerir outra mais bella. Céo azul... Poesia... "Lampada Bruxoleante..." Qual a mais linda?

Mas voltemos á sua missiva. Que me dirá?

Ouçamol-a:

"Yves — Escrevo-te sob um céo azul, muito claro, muito puro, tão lindo que tenho impetos de guardal-o bem dobradinho na gaveta, para estendel-o qual docel, nos dias sombrios de céo cinzento...

O olhar errante, vagabundo pela paysagem ébria de luz, os membros lassos, reclinada a um canto do "mapple", fecho negligentemente o segundo volume de Phylosophie de l'Art de H. Taine...

E' ainda sob a impressão deliciosa de suas paginas que cedo á tentação — mixto de curiosidade e necessidade quasi imperiosas — de solicitar tua opinião sobre a personalidade daquelle escriptor.

Tua lhaneza característica me faz esperar ver ainda uma vez attendido por ti um pedido meu.

Antecipadamente, se confessa eternamente grata, a — *Lampda Bruxoleante."*

Ahi está! Outra belleza occulta, na sua carta: a sua ingenuidade de moça bonita (Moça ou velha?)

Pede a minha opinião sobre Taine.

Ha uma comedia franceza, não sei de quem — talvez de Pierre Woll — em que uma personagem ingenua (como V. Ex.) pergunta ao seu interlocutor, si um certo rei era bonito.

— Bonito? estranhou o outro.

— Sim. E' feio ou bonito?

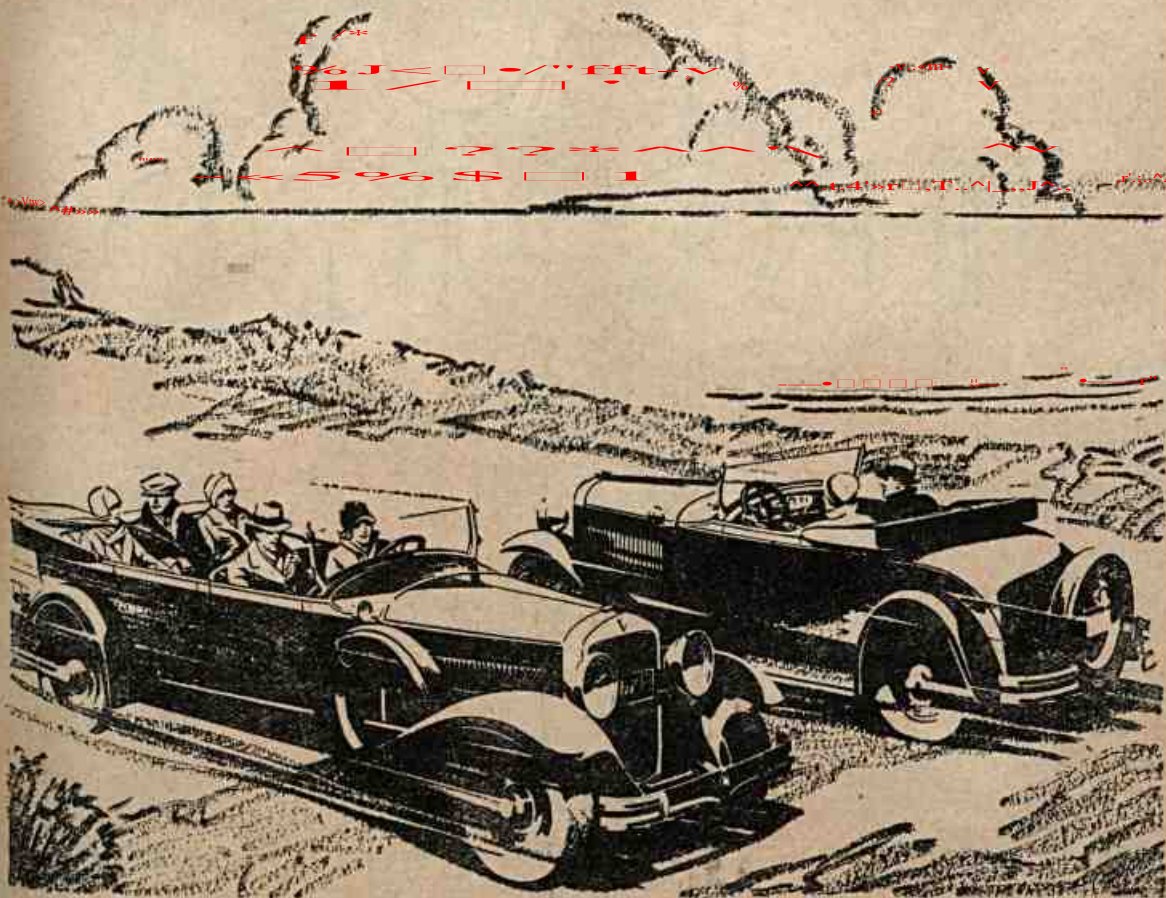
— Um rei é um rei. E' o que é. Não se procura saber si é feio ou bonito.

Assim digo eu: um genio é um genio. Taine é Taine. Não se póde dar opinião sobre uma mentalidade universalmente respeitada. Taine é um espirito illuminado, que enche toda a historia de uma civilização.

Quer mais? Nisso, creio eu, já vae uma opinião...

CECY (Capital) — Não sei a que carta se refere. Não recebi nenhuma, com o seu pseudonymo.

YVES

O HUDSON *Grandioso*
ESSEX O *Desafiador*

Modelos que Satisfazem a Todos os Compradores

Os 21 estylos de carrosserias do Hudson Maior e do Essex, o Desafiador, offerecem aos compradores uma larga escolha de modelos. Os concessionarios Hudson-Essex são felizes em poder dar aos seus freguezes exactamente o que querem.

Naturalmente, isto significa mais vendas para os concessionarios do Hudson-Essex e a facilidade que caracteriza essas vendas torna os lucros de grande attracção. Solicitamos sua consulta com respeito á concessão de vendas. Consulte o distribuidor do Hudson-Essex abaixo mencionado ou senão telegraphe directamente á fabrica pedindo informações completas.

HUDSON MOTOR CAR CO., DETROIT, E. U. A.

Endereço Telegraphico: **HUDSONCAR**

Distribuidores para os Estados de Minas Geraes, Rio de Janeiro, Espirito Santo e Districto Federal. Ha ainda localidades para bons agentes.

L. T. WRIGHT & CIA. LTDA.

Exposição e Vendas, Rua Evaristo da Veiga, 142 — Posto de Serviço e Secção de Peças, Rua de Santa Luzia, 202.

Nick passeia pela plataforma da estação.

Com escrupuloso cuidado conseguiu para Nouche e para elle os dois melhores lugares no melhor canto. Nouche já se installou e lê o jornal, esperando a partida, mas Nick enche-se de remorsos.

Parece-lhe que poderia ter encontrado cousa muito melhor. O carro não está no centro do trem, que é onde ha menos perigo em caso d'accidente. Inquieta-o o facto. Emquanto continúa em seu passeio investiga se ha outro vagão com dois assentos mais confortaveis. Mas a hora se approxima. Todos os logares estão occupados. Nick se decide, afinal, a reunir-se á esposa. Um silvo, e o trem parte lentamente.

* * *

Abertura de chaves, tunneis, casas escuras dos subúrbios, jardinzinhos, chacaras, pequeninos chalets, campos verdes...

Nick suspirou: que alegria deixar Paris nessa estação! Nouche levantou a ponta do narizinho e perguntou:

— Estás certo de nada teres esquecido?

Com verdadeira convicção, Nick affirmou:

— Nada, meu amor!

Por esta resposta e pela sinceridade com que foi dita, Nouche quiz lançar um beijo ao marido com as pontas dos dedinhos delicados.

Mas não se atreveu. Nos outros dois angulos do carro encontram-se um senhor entrado em annos e uma senhora de edade. De suissas brancas, roseta na lapella, elle; de penteado liso e vestido negro, ella; têm um aspecto tão austero e um semblante tão duro, que Nouche reata a leitura da secção dos "Ecos sociaes". Estes ecos são para ella o que de mais interessante tem a imprensa.

O "garçon" passa e pergunta: "Restaurante?" Nick toma dois cartões para a segunda mesa. Este intermédio prosaico traz-lhe a lembrança da realidade. Nick, que é um homem amante da ordem, tem a pretenção, quando viaja, de não se esquecer de cousa alguma. Recapitula: as malas foram devidamente despachadas; collocou-lhes as etiquetas deante do carro de bagagens. As duas valises descansam na rede sobre a sua cabeça. Ao que parece, tudo está em seu logar. Nick se inclina para Nouche e pergunta em voz baixa:

— Não te esqueceste de nada?

Como se a gente pudesse saber de momento o que deixou esquecido! Ella sorriu por detrás do jornal:

— Não, querido!

— O espelho de tres faces?

— Está com meus vestidos.

— Sabes que nos hotéis ha difficuldade, por causa de espelhos, para a gente se pentear bem. E meu pyjama?

— Também veiu.

— E as roupas de banho?

— Tranquilliza-te: eu mesma fiz as arrumações com Lúcia. E' uma rapariga cuidadosa e has de dar-me a honra de pensar que, por mim, não careço de senso.

Nick toma um ar de superioridade e murmura com um muchocho de desdem:

— Uhn... uhn!

— Que queres dizer?

— Sabemos bem o que são as mulheres sensatas! As mais attentas são tão esquecidas como as mais distrahidas.

— Cavalheiro, o senhor é um mal educado!

— Senhora! Não sou mais do que um pobre philosopho que estuda a vida!...

Quando Nick fala da vida, tem que resignar-se a supportar um longo discurso.

A Vida com um V enorme é o trampolim de onde todo o mundo se lança sobre as dissertações mais

(Conclue na pagina 79)

As Rainhas da Moda
PREFEREM
O CARRO DA MODA
O «CHRYSLER»
IMPERIAL!
As leis da Moda
Paris dicta-as quanto ao trajar,
«CHRYSLER» proclama-as
na locomoção
IMPERIAL
CHRYSLER

LIVROS E AUTORES

ALMA SERENA — E' uma figura inconfundivel das nossas letras femininas Elóra Possólo, que acaba de publicar *Alma Serena*. Nessas paginas repassadas de sentimento, a poetisa mostra-se segura de sua arte com um rythmo claro de agua crystallina e cantante, com uma riqueza de rimas em verdade digna de elogio. A alma de Elóra Possólo é contemplativa e dôce:

> *No silencio e na paz da manhã calma*
> *ouvir a fé que fala ao nosso sêr...*
> *Deixar sobre a quietude da nossa alma*
> *a quietude das coisas se estender...*

Em todos os seus versos ha um senso novo e vibrante que traduz a exaltação da fé da sua grande vida interior. E é talvez essa revelação de sua alma o que mais nos encanta na poetisa.

NOVOS POEMAS — O nome aureolado de Jorge de Lima assigna este volume de poemas modernos, em que palpita a alma nordestina dos côros e das lendas através da cultura e da subtileza do poeta. Livro de intelligencia e de sentimento, de amor á terra natal e da brasilidade nas fontes puras do folk-lore e da raça onde se abebera. Livro encantador pela leveza dos themas e pela singeleza da expressão. *Essa Negra Fulô* é uma pagina de regionalismo domestico sentida e viva. *Serra da Barriga* é a paisagem quente e aspera do sertão, onde vibram as saudades da meninice distante. *Diabo Brasileiro* é uma grande pagina do folk-lore. *Flor sanctorum* encerra as abusões e as crendices dum povo. E todo o livro mostra que o poeta tem talento para dar...

OUVINDO ESTRELLAS — O titulo do famoso soneto de Bilac foi escolhido pela escriptora Alice Leonardos da Silva Lima para o seu novo livro. E' um romance em que a fantasia de sua autora mostra sua riqueza e em que os personagens se movem e vivem, como em sonho, guiados pelas estrellas e em que estas se misturam á existencia dos mortos. Ha paginas de forte colorido e de emoção. E o livro é bem escripto, merecendo louvores a maneira discreta e segura com que a sra. Silva Lima maneja o nosso idioma.

Ouvindo estrellas foi lindamente illustrado pelo pintor Carlos Chambelland.

LYRIO QUE TOMBOU — Outro livro de mulher. O espirito feminino evolúe no Brasil. As escriptoras e poetisas surgem quasi diariamente, dando provas do seu valor e do seu desejo de vencer nas lutas do espirito. *Lyrio que tombou* é e o cantico de saudade duma mãe amantissima, cantico em prosa mais suave, mais sentido e mais dolorido do que si fôra em verso. D. Isa de Queiroz Santos fixou nessas paginas escriptas com o coração alguns leves traços da vida edificante dum seu filhinho, cuja existencia — como ella propria escreveu — só teve aurora. A mãe, com uma singeleza de Rabindranath Tagore, conta o que foi a curta e pura e abençoada vida desse menino para que, lendo seu bello livro, os meninos máus se tornem bons e os bons se tornem melhores.

O lyrio que tombou não murchará jamais nesse coração materno, dôce sacrario de saudade.

MEMORIAS DUM CURA — Do Padre Assis Memoria, jornalista e escriptor de renome, nosso collaborador. Typos e paisagens regionaes descriptos com graça e leveza, num estylo diaphano como uma manhã nos campos.

Todo o livro do Padre Assis Memoria tem a encher-lo de encanto o sabor da verdade, a felicidade das observações, o *goût du terroir*, que nos fazem sentir os aspectos de nossa terra e dos seus habitantes primitivos e bons. E' um volume de prosa digno de figurar em todas as estantes e aqui deixamos ao nosso illustre collaborador todos os nossos applausos pelo seu magnifico trabalho.

LLOYD BRASILEIRO

SERVIÇO DE PASSAGEIROS

PROXIMAS SAHIDAS DO RIO DE JANEIRO

EUROPA

Cuyabá .... 15 Setemb.
Alte. Alexandrino 30 Setemb.
Raul Soares .... 15 Outubro
Bagé .... 30 Outubro
Ruy Barbosa .... 15 Novemb.
Cant. Guimarães.. 30 Novemb.
Cuyabá .... 15 Dezemb.
Alte. Alexandrino 30 Dezemb.
Raul Soares ..... 15 Janeiro
Bagé .... 30 Janeiro
Ruy Barbosa .... 15 Fevereiro
Cant. Guimarães.. 28 Fevereiro
Cuyabá .... 15 Março
Alte. Alexandrino 30 Março

NORTE

LINHA RIO - BELEM

Manáos .... 29 Setemb.
João Alfredo ..... 27 Setemb.
Pará .... 4 Outubro
Cte. Ripper ..... 11 Outubro
Pedro I .... 18 Outubro
Manáos .... 25 Outubro
Pará .... 1 Novemb.
João Alfredo ..... 8 Novemb.
Cte. Ripper ..... 15 Novemb.
Pedro I .... 22 Novemb.
Manáos .... 29 Novemb.

LINHA MANÁOS-MONTEVIDEO

Baependy .... 25 Setemb.
Campos Salles ... 10 Outubro
Affonso Penna ... 25 Outubro

LINHA MANÁOS-B. AIRES

Rodrigues Alves.. 10 Novemb.
Duque de Caxias 20 Novemb.
Baependy .... 30 Novemb.

LINHA RIO - RECIFE

Cte. Vasconcellos. 30 Setemb.
Cte. Vasconcellos. 30 Outubro
Cte. Vasconcellos. 30 Novemb.

SUL

LINHA RIO-PORTO ALEGRE

Cte. Ripper ..... 19 Setemb.
Cte. Alvim ...... 26 Setemb.
Cte. Alcidio ..... 3 Outubro
Cte. Capella ..... 10 Outubro
Cte. Alvim ...... 17 Outubro
Cte. Alcidio ..... 24 Outubro
Cte. Capella ..... 31 Outubro
Cte. Alvim ...... 7 Novemb.
Cte. Alcidio ...... 14 Novemb.
Cte. Capella ..... 21 Novemb.
Cte. Alvim ...... 28 Novemb.

LINHA MANÁOS-MONTEVIDEO

Affonso Penna ... 26 Setemb.
Rodrigues Alves.. 11 Outubro
Duque de Caxias. 26 Outubro

LINHA MANÁOS - B. AIRES

Baependy .... 3 Novemb.
Alte. Jaceçuay.... 13 Novemb.
Campos Salles.... 23 Novemb.

LINHA RIO - LAGUNA

Asp. Nascimento.. 15 Setemb.
Asp. Nascimento.. 30 Setemb.
Asp. Nascimento.. 15 Outubro
Asp. Nascimento.. 30 Outubro
Asp. Nascimneto . 15 Novemb.
Asp. Nascimneto . 30 Novemb.

RECONQUISTA

de RUDYARD KIPLING

DEPOIS do matrimonio chega a reacção, grande algumas vezes, pequena outras. Mais tarde ou mais cedo, porém, chega, e é preciso que as duas partes saltem por cima della si querem seguir a corrente.

No caso de Cusack Bremmil a referida reacção não se declarou até o terceiro anno depois do casamento.

Bremmil era, geralmente, um pouco difficil de supportar. Mas foi um bom marido até quando o pequeno morreu, e mr. Bremmil se vestiu de luto, emmagreceu e chorou como se o universo inteiro houvesse desmoronado sobre ella.

O marido teve que consolal-a e creio que procurou fazel-o; mas quanto mais o tentava, mais se enchia ella de pezar e mais desagradavel se tornava elle.

O facto é que os dois necessitavam de um tonico e o encontraram.

Nessas circumstancias appareceu *mistress* Hanksbee no horizonte, e onde ella apparecia eram grandes as probabilidades de perturbação.

Em Simla chamavam-na o *albatroz*, ave tormentosa; qualificativo que, segundo minhas noticias, fôra ganho cinco vezes. Era uma mulher pequena, morena, delgada, com olhos grandes de côr violeta, que lhe bailavam nas orbitas, e com as maneiras mais suaves do mundo.

Bastava que se lhe citasse o nome nos *five o'clocks*, para que todas as senhoras se levantassem, dizendo que não era uma bemdicta.

Intelligente e graciosa, brilhava de um modo superior a sua especie, e possuia a malicia e a picardia de mil demonios.

Bremmil *poz as mangas de fóra* depois da morte do menino, e mrs. Hanksbee se lhe juntou. Como não gostava essa senhora de occultar suas conquistas, todo o mundo o notou.

Bremmil passeou a cavallo e a pé com ella, acompanhou-a em caçadas, e a levou a tomar *lunch* em casa de Pelitti, até que os estranhos se atreveram a murmurar:

— Que escandalo!

Mrs. Bremmil permanecia, entretanto, em sua casa, revolvendo as roupinhas do menino morto e chorando deante do berço vazio. Não se occupava de outra cousa. Mas algumas de suas queridas amigas lhe explicaram o que se passava.

Mrs. Bremmil ouviu-as tranquillamente e lhes agradeceu seus bons officios.

Embora não tão intelligente como *mistress* Hanksbee, não tinha nada de tola. Occultou seus designios e não disse nada a seu esposo do que ouvira.

Um dia, a 26 de julho, lord e lady Litton convidaram mr. e mrs. Bremmil para um baile em Peterhoff, ás nove e meia da noite.

— Eu não posso ir — disse mrs. Bremmil, pensando bem o que dizia —, porque ainda está muito recente a morte do pobre Florie. Mas isso não deve deter-te a ti, Thomás.

Mr. Bremmil replicou que não tinha, tambem, grande interesse em comparecer a essa festa.

Mas estava mentindo, e a sua esposa isso não passou despercebido. Adivinhou — uma mulher adivinha com mais exactidão do que um homem — que elle havia promettido ir desde o principio, e com mrs. Hanksbee.

Então meditou, e o resultado de suas meditações foi que a memoria de um menino morto era menos importante que o amor de um marido vivo.

Formou, em vista disso, seu plano, arriscando tudo nelle.

— Thomás — disse a seu marido — no dia 26 tenho que ir jantar em casa de Longmores. Tu deves ir ao circulo.

Isso evitou a Bremmil o trabalho de inventar um pretexto para ir jantar com *mistresse* Hanksbee, pelo que se mostrou reconhecido, terno e vil, ao mesmo tempo.

A's cinco horas da tarde sahiu a cavallo, e ás cinco e meia uma enorme caixa com tampa de couro chegou á casa de mrs. Bremmil de parte de Phelps.

O traje que mrs. Bremmil havia encommendado era esplendido e de allivio de luto. Eu não posso descrevel-o. Era o que o jornal *The Queen* chama uma creação. Uma cousa que nos deixa atonito e com a bocca aberta.

Ella pouco se preoccupava com o que estava fazendo. Mas, ao se mirar no espelho, verificou, com alegria, que nunca fôra tão bella. Era

uma loira lindissima, e quando queria ficava deslumbrante.

Depois do jantar, em casa de Longmores, foi ao baile de lady Litton, onde chegou um pouco tarde, e a primeira cousa que viu foi seu marido dando o braço a mistress Hanksbee. Aquillo a fez corar, e quando os homens se agglomeravam em torno della, rogando-lhe lhes concedesse uma contradança, estava realmente formosissima.

Comprometteu-se em todas as contradanças, menos em tres, que deixou em branco.

Uma vez, seu olhar e o de mrs. Hanksbee se encontraram e esta conheceu que começava a luta.

Mrs. Bremmil iniciou o combate, não se occupando, segundo parecia, de que existia seu marido, o que começou a desgostar a este, que nunca vira sua mulher tão encantadora.

Collocando-se á sua passagem, o olhar, abobalhado umas vezes, furioso outras, vendo-a passar dansando com um de seus pares.

Quasi não queria acreditar que aquella fosse a mulher de olhos inflammados pelo pranto, e que, mal coberta com uma bata negra, salpicava de lagrimas os pratos, quando se sentava á mesa.

Mrs. Hanksbee fez quanto poude para retêl-o. Mas, passado algum tempo, mr. Bremmil se aproximou de sua mulher e pediu-lhe que lhe concedesse uma contradança.

— Temo que chegue tarde — respondeu ella — com os olhos scintillantes.

Elle pediu de novo, rogou, e, por fim, lhe foi concedida a quinta valsa, que, felizmente, ella não havia promettido a ninguem.

Dançaram, e houve, então, um movimento de admiração na sala.

Mr. Bremmill suspeitava que sua mulher sabia dançar, mas nunca suppoz que o fizesse tão admiravelmente.

Terminada a valsa, o marido pediu que lhe concedesse outra, não como um direito, mas como um favor.

— Mostra-me teu *carnet*, querido — disse mrs. Bremmil.

E o marido lh'o apresentou tremendo, como uma criança travessa apresenta ao mestre as mãos cheias de tinta. O *carnet* estava completamente cheio de *H. H.*

Mrs. Bremmil não disse nada. Sorriu displicentemente, apagou com seu lapis as letras escriptas sobre os numeros 7 e 9, e escreveu sobre ellas seu proprio nome.

Não. Seu nome, não, mas um outro muito carinhoso, que só ella e seu marido usavam em outro tempo.

Feito isto, lhe devolveu o programma, emquanto, ameaçando-o com um dedo, lhe dizia:

— Ah! Sem juizo! Sem juizo!

Mrs. Haksbee ouviu isto e, embora procurasse dominar-se, comprehendeu que perdêra a batalha.

Bremmil acceitou, reconhecido, a contradança, e, ao chegar o intervallo, os dois esposos se sentaram sob um dos pequenos caramanchões do jardim.

O que o marido disse e o que a mulher lhe respondeu não nos importa, nem a nós, nem a ninguem.

Afinal, os dois se dirigiram á galeria, e mrs. Bremmil foi buscar o carro, emquanto sua mulher ia pôr o agazalho.

Aproveitando essa conjunctura, *mistress* Hanksbee se aproximou e disse:

— Espero que me levará a cear...

Mr. Bremmil enrubesceu, olhou-a com ar de espanto e respondeu:

— Ah!... Eu?!... Vou para casa com minha mulher. Isto foi, apenas, um ligeiro equivoco.

E continuou falando de modo que parecia que a unica responsavel por tudo era mrs. Hanksbee.

Mrs. Bremmil voltou envolta em sua capa de pelle de cysne, que formava uma especie de nuvem em torno de sua cabeça. Parecia radiante de alegria e não lhe faltava motivo para assim estar.

O casal desappareceu na sombra, caminhando mr. Bremmil muito perto de sua mulher, até chegar onde estava o carro.

Então, mrs. Hanksbee, que á luz das lampadas me pareceu um pouco desapontada e cansada, disse:

— Escute e não o esqueça: a mulher mais tola póde manejar um homem intelligente; mas é preciso uma mulher muito esperta para manejar um homem tolo.

M. O.

UMA CURA MARAVILHOSA

ALBERT JEAN

— Encontro-me muito mal, Astolpho — disse a senhora de Flip a seu esposo.

Este, que lia com interesse um importante estudo sobre a *utilização dos bigodes do gato como combustivel*, limitou-se a responder, sem abandonar a leitura:

— Ah, sim?

— Imagina que tenho nauseas, doem-me horrivelmente as costas, tenho caimbras nas pernas, zumbidos nos ouvidos, não vejo bem, o menor esforço me fatiga, perdi o apetite, passo as noites sem dormir...

A esta serie de symptomas inquietantes seguiu-se um profundo silencio; os "bigodes de gato" absorviam, indubitavelmente, toda a attenção de Astolpho.

— Que devo fazer? — perguntou a doente.

— Que?... — exclamou Flip, como se despertasse de um somno millenario.

— Se julgas opportuno chamar um medico...

— Ah!... Estás doente?

— Mas, não acabo de dizer-te?

— E' verdade... Sim, filha, vae consultar um dentista.

— Dentista?

— Não dizias que te doia o dente molar?...

A senhora Flip, muito offendida deante da indifferença conjugal, lançou um olhar feroz ao esposo e, em seguida, dignamente, apanhou "O Eco Mudo" e começou a ler os annuncios.

Entre elles chamou-lhe a attenção o seguinte:

Doutor Melecio Hipotensin. Das Faculdades do Hymalaia, Cabo de Hornos e Chandernagor. Doutor "honoris causa" das Universidades de Alaska, Trifuque e Nova Guiné. Professor de gansologia interna da Faculdade de Medicina. Ex-medico interno do hospital Descuidini. Consultas das 5 ás 24 horas, ás segundas, terças, quartas, quintas, sextas, sabbados e domingos. Tupinambá, 6478".

Este deve ser uma notabilidade — pensou a enferma. — Amanhã mesmo irei consultal-o.

* * *

A senhora de Flip entrou no consultorio do celebre doutor Hipotensin, pelas 3 da tarde, em pontas de pé.

O famoso cirurgião acabava de operar uma dama da mais authentica nobreza e estava ainda todo salpicado de sangue azul.

Quando viu a senhora de Flip, o scientista, cuja fama se estendia pela Europa, America e Nova Zelandia, aproximou-se de uma machina semelhante, na côr e na fórma, a essas caixas registadoras automaticas usadas no commercio.

O doutor Hipotensin, sem desviar os olhos de sua cliente, empurrou uma alavanca e apoiou o dedo sobre um botão. Ouviu-se um ruido seguido de um toque de campainha e sobre o transparente em que geralmente são marcados os numeros, appareceu esta indicação temivel: "Doença dos rins".

A exactidão e a rapidez daquelle diagnostico fulminante impressionaram consideravelmente a senhora de Flip, que balbuciou assombrada:

— Doutor!... E' maravilhoso!... Como póde o senhor?...

— E' muito simples, senhora — respondeu o sabio; — a côr de sua pelle revela uma irritação no figado; seu modo de andar, perturbações renaes... A affecção do figado é mais grave que a dos rins, e partindo do principio de que de dois males o menor, declaro-lhe que soffre dos rins.

— E' prodigioso! — exclamou a senhora de Flip, cada vez mais estupefacta.

— A questão é mais complexa do que a senhora pensa — falou o doutor, tirando os oculos e limpando-os cuidadosamente. — As affecções renaes são multiplas e importa que nos pronunciemos definitivamente depois de um longo exame... Tenha a bondade de tirar o vestido.

— O vestido? — perguntou a senhora de Flip, um pouco vacillante.

— Sim, senhora... Recoste-se neste divan para que eu a ausculte.

O doutor realizou escrupulosamente a tarefa e disse em seguida:

— Vou agora insensibilizal-a.

E injectou na pelle de sua cliente um preparado especial, cujo inventor lhe havia valido ser nomeado "honoris causa" da Universidade de Ilo-Ilo.

Com notavel destreza fez depois uma profunda incisão na parte inferior das costas e extrahiu delicadamente um dos rins da senhora de Flip.

— E agora, doutor? — perguntou a paciente.

O sabio dirigiu-se para um bolão cheio, nas tres quartas partes, de agua distillada, e precipitou dentro do recipiente o rim, que se poz a fluctuar.

— E' grave, doutor? — gemeu a senhora de Flip.

Num abrir e fechar de olhos, o cirurgião seccou o rim molhado e cosendo-o com agilidade, collocou-o em seu primitivo logar.

— Nada é grave si estou attento á enfermidade — respondeu seriamente o sabio, com o tom de um homem consciente de seu valor pessoal.

Tirou, em seguida, de uma vitrine uma caixa redonda e entregou-a á sua cliente, dizendo:

— Tome, senhora, duas vezes ao dia, uma colherada do producto que esta caixa contém. E volte a ver-me dentro de quinze dias.

— Que é isto? — perguntou curiosamente a senhora de Flip, contemplando a caixa que lhe entregara o doutor.

— Não se incommode...

— Quanto lhe devo?

— Quinhentos francos, senhora.

(Continúa na pagina 66)

Escrava voluntaria

Os Incommodos Uterinos são como pesadas cadeias que acorrentam o sexo fragil ao desconforto de soffrimentos periodicos mais ou menos graves.

Entretanto para se libertarem dessa angustiosa prisão, têm as Senhoras uma arma poderosa e infallivel: — o uso d' "A SAUDE DA MULHER".

Toda Senhora que padece de incommodos uterinos é uma escrava voluntaria do Soffrimento, pois para combater esses males, basta usar o grande remedio.

A SAUDE DA MULHER

ANNO XXII

FON-FON

NUMERO 37

SERGIO SILVA, Director.

Rio de Janeiro, 14 de Setembro de 1929

A poesia que não conhece o amor . . .

GRAÇAS ao meu amigo Hayao, illustre secretario da embaixada japoneza, nesta capital, pude conhecer as *haikai* do poeta Kikaku — um dos maiores do archipelago nipponico.

Mas que vem a ser uma *haikai*? E' poema minusculo.

Certa vez, em "Madame Chrysanthème", Pierre Loti confessou que abusava do emprego da palavra *petit*, — quando falava das coisas do Japão. E logo adeante, explicava: "Mais comment faire? — En décrivant les choses de ce pays-ci, on est tenté de l'employer dix fois par ligne." Mas de certo, nunca o emprego desse *petit* seria tão opportuno como no caso das *haikai* japonezas.

A *haikai* é uma poesia de tres versos, contando o primeiro e o ultimo cinco syllabas, e sete, o segundo.

Mas nesse quadro de camafeu precioso, nesse disco de medalha de ouro, nesse limite de petala de rosa, ou azaléa, o japonez desenha toda uma paizagem, encerra toda uma visão, resume todo um momento pathetico. E nesse trabalho põe cuidados de um miniaturista exigente, de um fino Cellini do verso. (E esse logar-commum, das imagens comparativas, fica ahi maravilhosamente adaptado).

Embora sacrificando a belleza da traducção franceza, de Kuni Watsuo e Steinilber - Oberlin, vou tentar aqui algumas transposições dessas *haikai* para a nossa lingua materna.

I

Festa das flores.
Acompanhado pela sua [mamã,
Uma creancinha cega.

(E' a festa das cerejeiras floridas. Toda gente, nesse dia, sae para a rua, afim de admiral-as. A creancinha cega tambem quiz sahir...)

II

Sob a lua velada,
as flores de kaido
adormecem...

(A flor de kaido é uma encantadora flor de petalas côr de rosa. Os poetas japonezes a comparam, tradicionalmente, a uma linda mulher adormecida. Aqui a flor-mulher apparece sob a lua, — que é uma *veilleuse* discreta.)

III

Um salgueiro verde.
Ah, e este morcego que [passa
sob o crepusculo rosa!

IV

Crepusculo.
Por toda parte e em todos [os jardins
flores de azaléa
e iris.

V

Pratos cheios de doces.
Bonecas lindas e peque- [nas.
Flores de pecegueiros...

(Simples, como se vê, a descripção. Em março, dia da festa das Bonecas, colloca-se sobre o *tokonoma*, especie de prateleira cavada na parede de um quarto e que serve, por assim dizer, de *étagère* para as bonecas, os pratos, os doces e as flores.)

VI

Eu queria que elle viesse [com uma flor na mão.
Seguiria uma longa vere- [da...
E, nessa noite, devia ha- [ver luar...

(Kikaku pensa em um dos seus amigos, um aristocrata delicado que, todos os annos, no dia do anniversario do poeta, lhe traz uma flor, colhida entre as mais lindas do seu jardim.)

VII

Estrella da manhã.
Imagens confusas:
flores de cerejeira ou um [flôco de nuvem?

VIII

A lua já desappareceu.
Demorei-me demais no [meu banho de agua té- [pida
Ouço o cantar do cuco...

(Os japonezes tomam, frequentemente, o seu banho nos jardins de suas residencias. O encanto da natureza é tal que o poeta passou a noite a sonhar, no seu banho. A agua esfriou. Ao alvorecer, foi que deu de si, ao ouvir a voz expressiva do cuco.)

IX

Uma pequena porta de [bambú
fechada com um ferrôlho.
Lua de inverno.

X

Sae do pavilhão
e lança-se á embriaguez [do azul...
Oh, a linda andorinha!

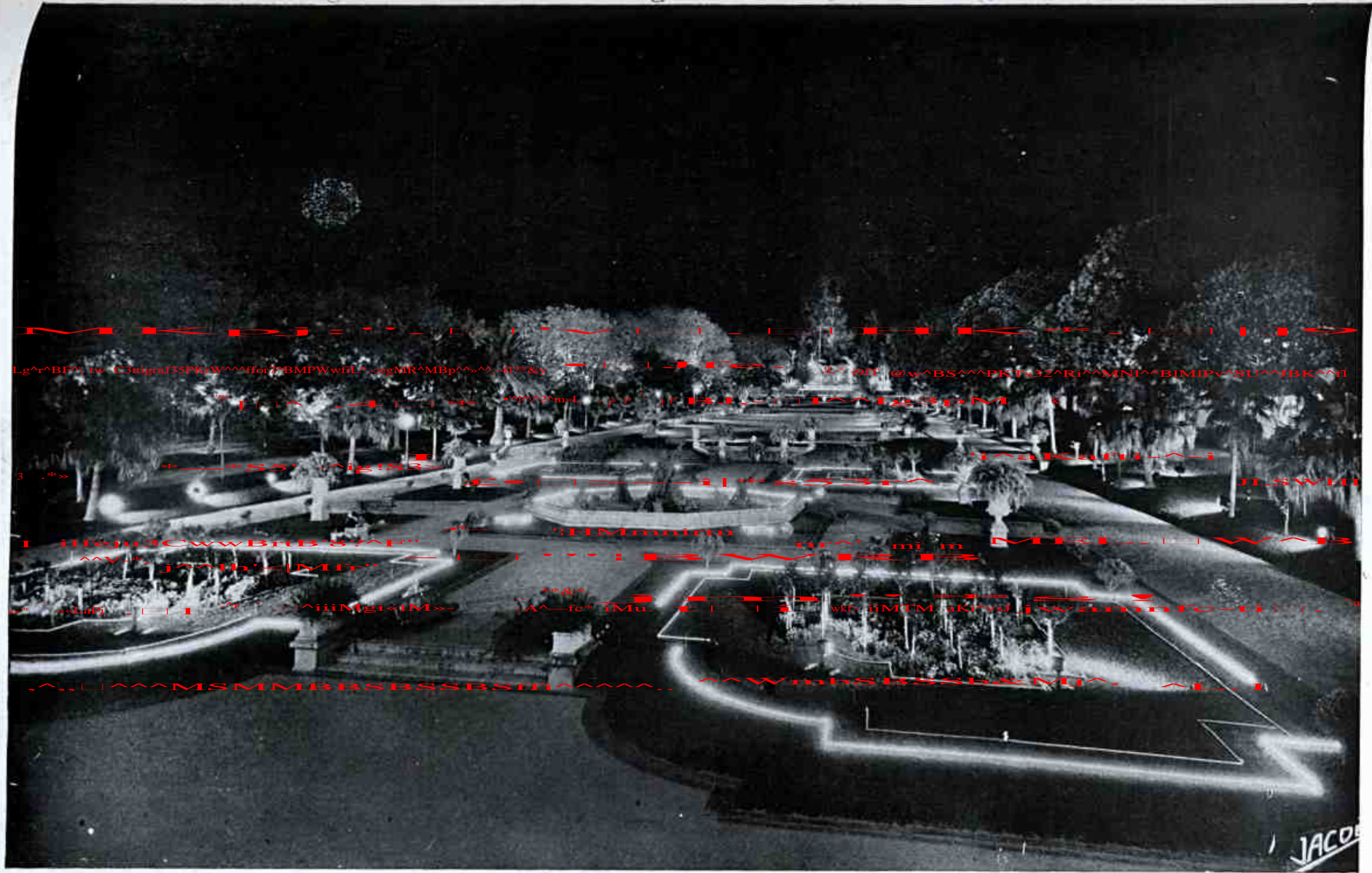
* * *

Curioso é que na poesia japoneza não se fala de amor. Sente-se nelle a ausencia dessa flamma azulada, que illumina a vida dos poetas que sonham e soffrem: o amor. Falta-lhe tambem a harmonia do beijo, que é a musica ephemera dos prazeres ardentes e das melancolias indefiniveis...

Bastos Portella

O BAILE PRESIDENCIAL

FOI uma festa deslumbrante a que, para solennizar a data magna da patria, offereceu o presidente Washington Luis no palacio Guanabara, e á qual compareceu o que ha de mais fino e selecto na sociedade carioca. Tudo, nesse baile magnifico, estava com o maior carinho disposto para o encanto dos olhos e do espirito. A ornamentação interna era, em verdade, maravilhosa.

A illuminação da fachada e dos jardins lembrava uma féerie oriental. E o brilho dos uniformes, o rutilar das joias, a riqueza dos trajes femininos completavam o conjuncto sem par. O presidente da Republica e sua exma. senhora foram incansaveis de gentileza para com os seus innumeros convidados, que guardarão impressão ainda maior dessa festa esplendida pelo modo por que nella foram recebidos. Um baile deslumbrante-

O aspecto dos jardins do Guanabara, na noite de 7 de setembro

RAIO DE SOL Á MEIA-NOITE...

Gostei da festa, sim. Gostei de tudo.
De tudo: do local, dos arredores,
dos jardins, dos gramados de veludo
ao salão esplendente.
Gostei de tudo:
do scenario e da gente
— grãos-duques, personagens das maiores
a quem compete
dictar as modas e marcar o oriente.
E de cada fardão ou de cada "toilette",
do proprio ambiente
e das proprias pessôas,
almofadinhas ou capitães-móres
e damas dignas das mais altas lôas,
as impressões que trouxe
foram, como as da festa e os arredores,
cada qual mais doce.

Quê?! Ainda queres outros pormenores?
Exiges-me que abarque
com a visão da memoria
tudo, tudo que vi,
desde a marmorea,
solemne escadaria de dois lances
até á "féerie"
a deslumbrante "féerie" do parque,
com as aléas tão dignas de romances
ou de meditação, ou "reverie",
saudade amarga ou doce,
evocações de amor,
como si ali
não fosse eu, poeta simples, ai! não fosse
o unico sonhador...

Quê! mais ainda! queres
minudencias — "detalhes?"
(vae em luso-gaulez, que assim preferes)?
Tudo estava tão lindo
que eu cheguei a sonhar que era Versalhes,
fiquei com o pensamento entresorrindo
entre tantas esplendidas mulheres,
entre tantas papoulas e myosotis,
florindo e reflorindo
nos calices dos tumidos decotes.

Mas o melhor da festa...
—... foi esperar por ella!
— Não, não é isso, filha.
Por que sêres modesta?
Não. O melhor da festa
foi esperar por ti
que lá estavas tão bella
em tua soberana maravilha,
e em teu orgulho ingenuo e que eu suppunha
Em Veneza, em Paris, na Catalunha,
no Japão, ou na Hollanda,
menos ali, no amavel formigueiro,
menos ali, na esplendida ciranda
dessa noite de gala
em que, parece, todo o Rio de Janeiro
poude caber ali, naquella sala...

E eu nem me apercebi, quando chegaste,
nem percebi, na intima haste
do coração,
o reflorir daquelle sentimento,
pois eu cria exgotada a floração.
E eu nem senti nem percebi,
nada anormal naquelle rapido momento,
sinão que tu passaste,
e que me olhaste
e te voltaste
como quem quer,
na abstracta subtileza de um olhar,
que reiterou, mas não fixou, siquer,
testemunhar e eternizar
toda a nobreza,
toda a belleza
de uma alma de mulher...

E VANIDADE...

UM POUCO DE PSYCHOLOGIA

A mulher lembra a *gata* nas suas attitudes: arranha e esconde a unha. O homem lembra o leão: *ataca* sempre de *frente*.

Por quê? E' que a mulher, não confiando muito na sua *força* — a lagrima simulada — *procura fugir* á responsabilidade dos seus actos, servindo-se da dissimulação, da mentira e do embuste.

O homem, não. Confiando na sua força — a sua coragem brutal, a sua resistencia physica — elle timbra em affrontar pelo acinte das suas attitudes.

Eis porque tem elle o culto *puro* da verdade e a mulher faz da mentira uma arte.

Uma arte difficil, aliás. Porque convencer pela mentira, quando não é racional, é uma tarefa que demanda intelligencia, habilidade e artificios, que se não conseguem facilmente.

• • •

E' verdade que uma mentira para uma filha de Nosso Senhor, é uma coisa commum. Ella mente por habito.

Não é sem razão que, a esse respeito, Maurice *Magre* observa: "Un mensonge est comme une balle qu'elles lancent, il atteint son but ou il n'atteint pas, peu importe."

E mais adeante: "Quand elles sont convaincues d'avoir faussé la verité, elles se contentent de sourire et n'en éprouvent nul embarras."

Será assim? Acredito que o escriptor *francez* esteja com a razão. Pelo menos, está com a verdade. (E para isso basta elle ser homem...)

• • •

Mas seja como *fôr*, a mentira é uma arte, senão a propria arte.

E' Anatole France quem o diz: "O objecto da arte não é a verdade. Deve-se exigir a verdade da sciencia".

A razão de ser da arte é, *pois*, a mentira; e, por isso, mentir não é só uma arte, é a arte em si mesma.

Si assim não *fosse*, não haveria belleza. Pelo menos, a belleza feminina, que é toda *feita* de apparencias, não existiria.

Mlle. Heloísa Tavares da Costa, com o seu lindo perfil de princeza... carioca...

• • •

Ninguem melhor do que a mulher para realizar essa arte — de *pura* imaginação.

• • •

Uma das maneiras mais *faceis* de conquistar a sympathia feminina, é acreditar — ou *fingir* acreditar — n'uma de suas mentiras...

A' *força* de ennuncial-as, a mulher já não merece credito, por parte da generalidade dos homens. Na melhor das hypotheses, ha sempre uma razão para que se levante uma duvida, sobre o que ella affirmar. E' até elegante, e de bom gosto, não acreditar no que diz a bocca vermelha de uma filha de Eva.

De modo que, si um de nós lhe faz sentir ter acreditado na mentira, que nos conta, dá ensejo a que ella se commova, como si lhe tivessemos feito uma *justiça* inesperada. E, no *fundo*, ella *fica* escandalizada de vêr a nossa bôa *fé*...

Um exemplo? Eil-o aqui... Uma criatura linda, que amadurece como um *pecego*, — ou desabrocha como uma rosa! — *affirma* ter dezenove annos.

Ora, está *patente*, em toda ella, que, sobre esse numero, ha, seguramente, mais de dez: vinte e nove, ao todo!

Si tivermos bastante *presença* de espirito, para fingir não termos duvidado, *podemos ficar* certos de que ella se surprehenderá, da nossa ingenuidade, mas nos *pagará*, certamente, com o seu enternecimento...

FARPAS — De Yves — Alguem — uma mulher, já se vê — me perguntou, certa vez: "Por que tem o sr. prevenção com as literatas"? Ella notou a perplexidade que se estampou no meu rosto. E sorriu, para dizer em seguida:

— Admirou-se da minha pergunta?

— Sim. Estou pasmo.

— Mas o sr. é quem demonstra essa ogeriza pelas literatas.

— Mas por Deus! — exclamei. A sra. (ella é madame e escriptora) confunde literatas com bas bleus.

— O sr. ridicularizou a todas, sem excepção.

— E' uma injustiça que me faz: troço apenas aquellas que chamarei as "tabelliôas" da literatura.

— Que significa isso, sr. Yves? "Tabelliôas!" O sr. arranja cada termo caricato... Puxa!...

Então expliquei, com um sorriso de bom humor, á minha illustre collega, (ella não é *bas bleu*, asseguro) que "tabelliôa" é essa especie de letrada" — *soi-disant letrada* — cuja preoccupação é escrever, escrever enchendo columnas de jornaes, de logares-communs, sem piedade do nosso senso esthetico.

— Mas o sr. as lê porque quer.

— Caio no bluff: penso que vou lêr uma literata e en contro uma *bas bleu*.

— Uma "tabelliôa" — frisou ella, ironica.

— Disse bem: uma "tabelliôa". A "tabelliôa" escreve leguas de papel de "phrases feitas". Não tem uma imagem, uma comparação sua, um conceito, uma idéa nova... E nem sequer cita um autor notavel, quando os seus argumentos são fracos.

— Ha mais merito em se pensar por si mesmo.

— Mas a citação de um escriptor, em parallelo com a imagem de outro, um trecho entre aspas, um episodio historico, um confronto com as opiniões alheias são detalhes que têm o valor de illuminuras, de incrustações de pedrarias, de filigramas de ouro na pagina que se escreve...

— Ah, é por isso que o sr. abusa das citações em francez, em italiano e até no estafado latim, dos glossarios e encyclopedias.

— Não é por isso. E' por que ha coisas que têm um novo sabor ditas n'uma lingua que não é a nossa. De resto, ha palavras que, em portuguez, não traduziriam nunca a delicadeza de certos significados.

— Exemplo...

— "Rêverie".

— Outro exemplo.

— "Garçonnière".

— Outro ainda — insistiu ella.

— "Music-hall".

E defendi-me com mais calor:

— Ora, em bôa fé, não posso deixar de admirar uma George Sand...

— A que trai Musset?

— E a que escreveu a *Histoire de ma vie*...

— Adeante.

— Mme. de Staël, Mme. Sévigné, Desbordes - Valmore, e tantas outras, mais modernas, como Mathilde Sérao, Ada Negri, Rosemonde Gerard...

— Ardei, Delly...

— Não! Os livros dessas são o xarope de tolú das mocinhas que soffrem de coqueluche amorosa... Cite antes Grazia Deleda, Gina Lombroso...

— Vamos tomar chá?

— Já tomei tanto em pequeno. Mas uma vez não faz mal... Vamos, madame...

A senhorita Dolores Cecilia de Vasconcellos é a applaudida pianista patricia, a quem a nossa critica de arte tão justamente consagrou, por occasião do seu primeiro concerto nesta capital. Seguindo brevemente para a Europa, em cujos principaes centros de cultura musical vae colher novos triumphos, a senhorita Dolores de Vasconcellos far-se-á ouvir, hoje, no Theatro Municipal, num recital de piano organizado a capricho e com o qual se despede da culta e fina sociedade carioca, que tanto a admira e que, de certo, mais uma vez, irá levar á brilhante artista o calor do seu enthusiasmo e dos seus applausos.

OS HOMENS E AS MULHERES.

— Bôa-tarde, doutor.

— Bôa-tarde, mlle Ninon.

— Então? Que faz? Tem escripto muito?

— Oh, eu não sei quando escrevo muito ou pouco. Perguntar a um sujeito que escreve em revista si tem escripto muito ou pouco, é perguntar si o seu coração tem batido muito ou pouco.

— Ah, então o rythmo do trabalho mental, de quem escreve numa revista, é o mesmo do coração?

— Sim... quando se escreve para viver... quando se faz da penna o seu ganha-pão.

Estavamos no terraço de um grande hotel á beira-mar. O azul do céo se reflectia na agua esverdeada do oceano.

Longe, a curva do occaso se vestia de um rosa pallido, cambiando para um violeta triste.

— Sente-se, disse Ninon.

Sentei-me a seu lado, e pedi refrescos. Quando

A SELECTA e o mundo feminino

ESTÁ de parabens o mundo feminino brasileiro, com a modificação brilhante que vae ter, desde o proximo dia 25, a nossa irmã mais nova, SELECTA. Chegou á sua maioridade, adquirindo uns ares de moça, com o seu mais amplo formato, a sua profusa, interessantissima collaboração feminina em assumptos profundamente femininos.

Deste modo, SELECTA, com as suas encantadoras paginas de arte cinematographica, vem servir com novos attractivos — contos, romances, sociaes, etc. — o mundo a que ella principalmente se dedica, o mundo feminino, a alma da mulher brasileira.

D'ora a vante, a SELECTA vae andar nas mãos delicadas de todas as damas de bom gosto.

AS jovens e já bem notaveis cantoras patricias Nazynha e Herminia Fernandes Lima, que partiram em «tournée» artistica para o Rio Grande do Sul, onde pretendem dar alguns interessantes concertos.

"garçon" voltou com a apparelhagem da bandeja de prata e a chimica dos refrigerantes. Mlle. falou:

— Diga-me: em que ficou o seu caso?

— Que caso?

— O da morena.

— Que morena?

— Ora, não se faça de tolo... Aquella... que o sr. dizia ser mediocre... e com a qual, certa vez, teve uma tróca de perfidias...

— Ah, já sei... E' a Celina?

— E', sim. Uma a quem o sr. fez muitos elogios, affirmando ser linda e intelligente...

— E que móra para os lados da Tijuca?

— Ella já sabe que o sr. gosta della?

— Não! Deus me livre!

— Então é crime a gente gostar de uma pessôa com quem sympathizamos?

— Não, não é isso...

— Que é então?, — insistiu a moça, num esforço para dominar a sua curiosidade.

Calmamente falei:

— Ouça, mademoiselle. O amor no homem se manifesta por uma tempestade. E' impetuoso. Tem im petos de furacão...

— Credo! Ave Maria. E na mulher?

— Na mulher — diz um escriptor francez — é um vento tépido e continuo... Mal a gente o percebe...

— E dahi? — fez Mlle. Ninon.

— Dahi o que acontece é que a mulher o póde disfarçar. Quando um homem ama, elle se manifesta abertamente: "sim". A mulher diz sempre "não". Mesmo que o seu coração transborde de affecto, ella dirá sempre "não". E quando diz: "eu amo" é porque na realidade, não ama...

— Mas Pascal diz: "O homem é feito de simulação e hypocrisia"...

— Ora, Pascal! Pascal nunca foi psychologo. Ou melhor, nunca estudou a alma feminina. Senão veria que nós somos superiores ás mulheres em tudo.

— Que desafôro! O sr. é um despeitado! Fala assim porque a moça morena não o quer.

— E' possivel que ella não me dê importancia. Mas o certo é que, vivendo na duvida, nunca lhe diria abertamente: "Amo-a!"

ADÃO & EVA

Porque elle a não esqueceu

Numa sala de espera da cinelandia. Conforto dos grandes sofás de couro. Luzes claras de espelhos. Ao longe, pelo balcão escancarado, a curva azul e transparente de um céo banhado de sol. Pela escada resôam passos ágeis. Martha sáe da sala de espectaculo e se detem deante de um espelho. Reynaldo, que acaba de subir, a vê, hesita, pára!

Reynaldo — Martha!

Martha (*virando-se com o "baton" de "rouge" na mão*) — Você?! — (*Ella sorri*)

Reynaldo. — Sim, eu... o destino misericordioso ou perfido... não sei bem... novamente nos poz um deante do outro.

Martha (*olhando-o de soslaio, com um gesto familiar nella*) — Mysterioso ou perfido? Por que não indifferente? Que poderá advir de um encontro banal como este?

Reynaldo — Encontro banal... (*com ironia*) tão banal que nem siquer nos dissemos "bôa tarde", "como vae", e já reassumimos nossas attitudes de outr'ora, como si estivessemos no "rendez-vous" habitual.

(*Martha tem um gesto de protesto*).

Reynaldo (*emquanto falava se aproximara della, e de perto, com um tom brutal na voz:*) — Sim, "rendez-vous"... Vamos, confessa que tu tambem não me esqueceste... confessa-o...

Martha (*evitando a resposta numa tactica bem feminina*) — Tambem?... Por que tambem? Quer dizer então (*e a voz da moça destaca as syllabas lentamente, com volúpia*) que tu é que não me esqueceste?

Reynaldo (*com cynismo affectado*). — Não, não te esqueci... Por que havia de esquecer uma creatura que me fez passar horas de prazer tão... intenso?

Martha (*sem ceder*) — Não... não finjas. Não era isso que ias dizer. Olha, si eu tivesse duvidas do quanto me amaste estas estariam dissipadas já. Como tua physionomia mudou quando me viste!

Reynaldo (*dando uma gargalhada*) — Vejo que não perdeste nem um defeito dos que já tinhas, e que adiquiriste um novo: a pretensão.

(*Olham-se os dois em silencio, num desafio mudo*).

Martha (*lentamente se desvia*) — Está bem. Vamos admittir que eu me tenha enganado... Comtigo não seria a primeira vez. (*Envolve-o num olhar ironico*). Vejo que estás cada vez mais gordo e bonito, e nisto, creio, não ha illusão; dou-te parabéns sinceros e... vou dizer-te adeus, que ainda tenho uma comprinha a fazer.

Reynaldo (*lutando comsigo mesmo*) — Não... não te vás assim (*vencido, em voz baixa*). E' verdade, nunca pude esquecer-te... Bem sabes que não te iria procurar... para te encontrar talvez com outro; mas já que o acaso nos juntou neste logar... (*olhando em torno*) nesta sala deserta... não nos separemos já.

Martha (*dominada tambem pelo passado, num tom dócil.*) — Que desejas de mim?

(*Sentam-se ambos num sofá*).

Reynaldo (*com ardor contido*) — Que desejo de ti... Nada... tudo... Ver-te a meu lado... olhar-te longamente... tomar-te as mãos como antigamente — (*numa prece de amor*) Martha, eu não posso viver sem ti!

Martha (*olhando ao longe, pensativa*) — Recomeçar... diluir num pouco d'agua a ultima gotta de um licôr divino... (*como a fugir de uma obsessão*). Por que não me esqueceste?...

(Conclue na pag. 62)

Porque ella o amou

Noite sentimental, enluarada e bella. Uma doce aragem faz desmaiar em voluptuoso aroma as *florzinhas meúdas do resedá*. No caramanchão da velha casa da Tijuca, Roberto e Lygia conversam docemente com as mãos entrelaçadas. Têm a attitude inconfundivel dos novos amorosos.

Roberto — Não, minha querida, não te arrependas da tua confidencia; não creias que tuas queixas me aborrecem. Acaso serei teu maior amigo só para as horas de alegria e de coragem? E' justamente quando soffres que mais ciúmes tenho de tua confiança. Teus sorrisos, Lygia querida, destribue-os á vontade entre tuas amigas e conhecidos... mas tuas lagrimas, guarda-as só para mim.

Lygia (*que o ouve enlevada*) — Obrigada, meu amigo. Que bem me fazes... Como sinto que dia a dia nossa comprehensão é mais intima e total, mais irreparavel! Obrigada...

Roberto — Sim, meu amor; é justamente o que almejo. E' que sempre mais te convenças de que ninguém, ouves?, ninguém terá nunca por ti o carinho e a indulgencia que eu tenho. O que não ousares dizer á tua propria mãe, conta-o a mim. Si fôr preciso, arrancarei minha paixão de homem do meu pensamento para que este te possa desassombradamente julgar e perdoar... Porque é preciso sim, que nossa união se torne irreparavel deante de nós mesmos antes que se torne irreparavel deante dos homens.

Lygia (*pensativa*) — Entretanto, li tantas vezes... rar-te... Nunca, nunca encontrei, nesta vida, creatura alguma, homem ou mulher, parente ou amigo que me entendesse como tu me entendes.

(*O vento fazia oscillar brandamente sobre o solo as finas pinceladas escuras das sombras de hastes esguias*)

Lygia (*pensativa*) — Entretanto, li tantas vezes que aos homens não agrada lamentações nem prantos... e todos me diziam: "Não confie inteiramente em seu noivo; não é seu marido, e muitas confidencias fóra de tempo poderão aos poucos enfadal-o."

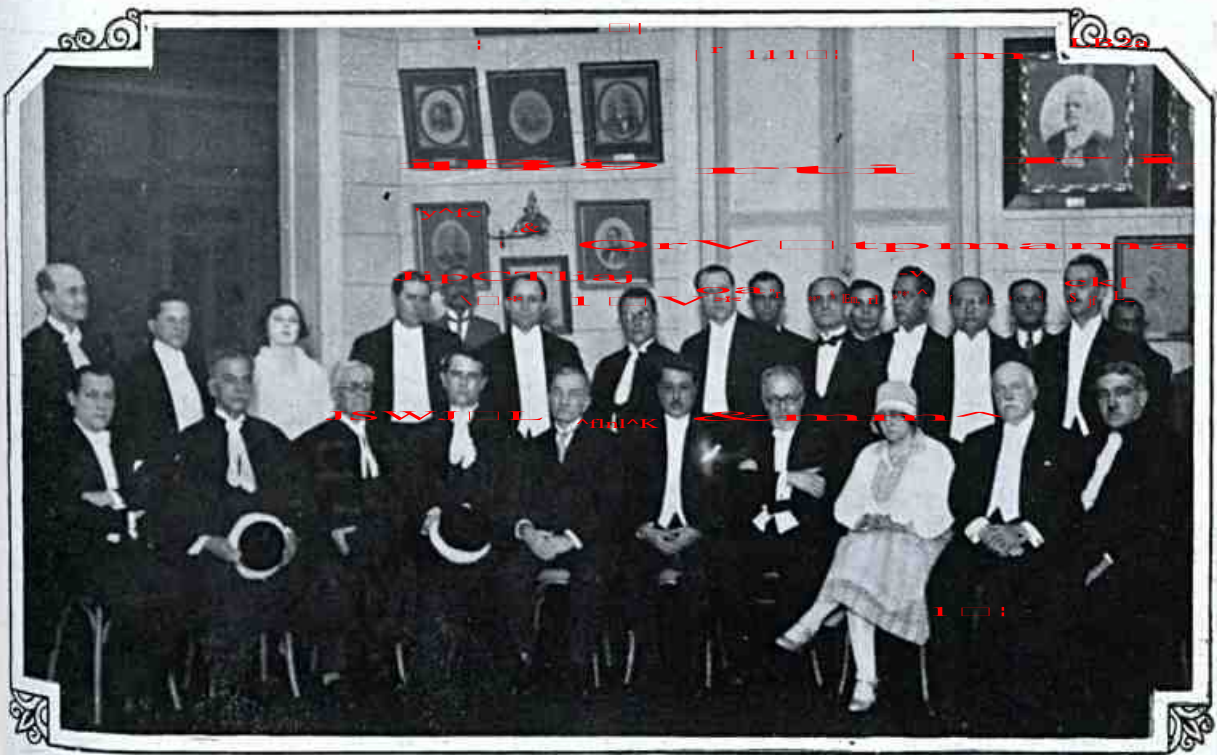
Roberto (*cada vez mais meigo*) — Os homens não gostam de chóros... talvez, quando não amam. Por que então, buscando apenas o prazer, e esquecimento o apoio moral junto á mulher que distinguiram se irritam si ella lhes frustra a esperança egoista. Mas eu te amo. Eu te amo, com todas as forças de meu ser, a ponto de não mais comprehender a vida sem ti. E não te quero minha para ser feliz, sinão para te fazer feliz. Porque minha ventura já é perfeita desde que te olhe, te fale, te oiça... e te veja sorrir...

Lygia (*com lagrimas de emoção na voz entrecortada*) — Meu amor... Meu amor!... Que palavras encontras para dizeres o que sentes... Quando as murmuras, em surdina, com tua voz apaixonada e meiga, sobe do âmago de meu ser um affecto tão immenso, que parece um dia dever matar-me de emoção... diluir-me a vida no extase total de uma adoração que não é humana.

(*Na serena suavidade da noite enluarada, o silencio desdobrou a harmonia mysteriosa do inexprimivel*).

Lygia (*como si falasse em sonhos*). Diziam que eu era rebelde e teimosa... Affirmavam que meu espirito era orgulhoso e indomável como a onça arisca e má... E todos se espantam da humildade absoluta do meu amor por ti... Elles não sabem a magia das tuas palavras... E si soubessem diriam: "Ora promessas de namorado!" Mas, minha vida, é illusão a ventura que me dás, não a desfaças nunca, peço-te de joelhos... Illusão embora... ella é tão doce!... Perguntam porque te amo tanto. Ouvi ha dias li que alguem poz nos lábios de Maria

(Conclue na pag. 62)

PETITE SOURCE

O Instituto dos Advogados festejou a data do anniversario de sua fundação com uma brilhante solennidade, que teve a presença do sr. ministro da Justiça e do grande jurisconsulto dr. Clovis Bevilaqua, a quem foi, por essa occasião, entregue o diploma correspondente á medalha de merito juridico mandada cunhar pelo Instituto.

No Centro Paulista e na Liga da Defesa Nacional a data da independencia foi commemorada com expressivas solennidades, que se realizaram na tarde de sabbado e tiveram grande realce civico. O Centro Paulista, dando posse á sua nova directoria, levou a effeito uma sessão solemne, sob a presidencia do dr. J. B. de Mello e Souza, representante do sr. ministro da Justiça. Uma «hora de scintillações civicas» foi a festa de arte da Liga da Defesa Nacional, na qual tomaram parte figuras bem conhecidas dos nossos circulos intellectuaes.

PAINEL DE AZULEJOS

ROMANTISMO

O dr. Alfredo Nogueira de Castro é medico do Departamento Nacional da Saude Publica, e foi assistente de clinica pediatrica do professor Calazans Luz, no Hospital de S. João Baptista da Lagôa. Formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde fez brilhante curso, sua carreira tem sido uma serie de victorias scientificas, que muito recommendam e enaltecem o merito do joven discipulo de Hippocrates.

Satins changeants,
cheveux poudrés,
mousselines et mandolines.
O Mirandas! O Roselines!
Pour les étoiles cristallines,
o songe des soirs bleu-cendrés!

FRANCIS JAMMES.

A' margem dum lago tranquillo, por entre um bosque sombrio de pinheiros, ergue-se um antigo castello de torres esguias. A opalina claridade dum luar lendario illumina os torreões e os terraços contornados de festões de hera, onde se debruçam, languidamente, pallidas rosas e glycinias tristemente adormecidas. Tudo parece abandonado entre as sombras e a melancolia da noite. O sereno cáe, subtilmente, em surdina sobre as flôres do jardim. Um vago perfume faz reviver a visão do passado, um passado de bellezas e de galantaria...

Lembra as noites adoraveis de balladas e os romanticos trovadores. Ouvem-se ainda, dentro da noite morta, os soluços dos sonoros flautins e a melodia das guitarras, entôando as lindas sonatas apaixonadas.

O pianista Arnaldo Rebello, que alcançou grande successo por occasião de seu ultimo concerto nesta capital, realizado no Instituto Nacional de Musica.

Dentro das sombras silenciosas, junto a um balcão florido, o espectro dum poeta trovador canta á sua amada as serenatas de antanho:

Quand mon coeur sera mort d'aimer,
je n'aurai plus de coeur,
je t'oublierai peutêtre.
Mais non, c'est ton âme que j'aime
et c'est mon âme qui t'aime.
Me est immortelle,
alos je ne t'oublieroi jamais!

Cala-se a voz na tranquillidade da noite. Cala-se tudo. Morre o sussurro dos insectos nas estevas dos fóssos entulhados pelos seculos. E como que um véu negro corre sobre a face do passado.

Satins changeants,
cheveux poudrés,
mousselines et mandolines.
O Mirandas! O Roselines!
Pour les étoiles cristallines,
O songe des soirs bleu-cendrés!

(Esta pagina é a do album duma senhorita que m'o emprestou para nelle escrever alguma coisa. Nada escrevi e arranquei esta lauda, que, indiscretamente, publico. Creio, porém, que valeu a pena. Não é verdade?)

DOM JAYME.

O sr. Job Borges Freire é um chronista moderno, que vê as coisas através um prisma personalissimo e original. Estreando com o livro de flagrantes da vida actual, a que deu o suggestivo titulo de «Caixa de Bonbons», elle se firma um escriptor de estylo facil e elegante.

MODERNIDADES

O predio fronteiro á janella do meu quarto soffreu uma limpeza geral.

O entregador de compras do armazem do rez do chão andou esfregando as vidraças e vasculhando os tectos.

A morena que móra no sobrado, a filha unica do proprietario da venda, vae casar-se.

Hontem, viajamos no mesmo bonde e no mesmo banco. A morena ia acompanhada de uma amiguinha, tambem morena e tambem bonita.

Falavam do futuro enlace.

— Mas tu gostas delle, Lucia?

— Não.

— Logo vi. Afinal de contas, és uma tola em casar-te com um homem já entradinho em Janeiros...

— Mamãe achou que era um bom partido. Elle tem, sabes? um armazem maior que o do papae...

Houve uma pausa.

A morena minha vizinha abriu a bolsa. Concertou o "rouge" deante do espelho.

E concluiu, num ar de indifferença:

— Mamãe diz sempre que o amôr vem depois...

Mattos Além.

◆◆◆

O Palacete da Estrada Velha da Tijuca onde a União dos Empregados do Commercio vae installar o seu hospital, esteve, domingo, novamente em festa. E festa que encheu todo o dia, porque teve inicio pela manhã, com a missa campal celebrada por monsenhor Egydio Lari, encarregado de negocios da Santa Sé. A' tarde, o sr. presidente da Republica foi alli recebido triumphalmente, realizando-se uma sessão solenne para homenagear o primeiro magistrado da Nação. Encerrou o dia festivo da União dos Empregados do Commercio o baile que, á noite, movimentou todos os salões do velho palacete.

SOMBRAS CHINEZAS

Photo film da Cidade

MELINDROSA, num passinho meúdo de rola, vinha chispando pela Avenida, quando eu, vendo-a passar, lhe fui no encalço. Não sei bem por que fiz isso, obedecendo também a não sei que propositos.

O coração tem, porém, dessas coisas, desses impulsos intempestivos que levam a gente, mesmo sem querer, a fazer certas tolices.

Pois eu, que estava certo de não mais ligar importancia á Melindrosa, que a suppunha definitivamente riscada da folhinha de lembranças de mulher de meu coração, não sahi mesmo dos meus cuidados para seguir-lhe os passos, sorrateiramente, numa espionagem zelosa e afflictiva de amante que quer colher um "*flagrante*" para... explodir e desabafar!

* * *

SE o homem que ama de verdade comprehendesse o ridiculo de certas attitudes e de certos gestos a que o arrastam a sua maluquice, o amor desappareceria da face da terra. Felizmente, por isso mesmo que se está maluco, não se tem a noção desse ridiculo senão depois que l'amour meurt.

Estaria, porém, eu a amar de facto? Ou, nesse complicado caso com Melindrosa, seria apenas o meu egoismo de bom filho de Israel, de bom judeu, até mesmo nas coisas do coração, que estava a bradar, revoltado contra a propria rebeldia e insubmissão de um pedacinho de mulher dengosa, saltitante, esfusiante, volitante, e damnadamente inconstante, que eu já considerava parte integrante (quanto ante!) do meu patrimonio affectivo?

* * *

SÓ mais logo é que eu iria sabel-o. Melindrosa ia andando e eu, firme, atrás della, esgueirando-me aqui e ali, para que ella não me visse.

Um esfria, com quem topei, quiz-me fazer parar, vindo falar-me.

— Oh, Esaú, para onde te destinas tão apressado?

— Para o... inferno! Deixa-me. Falar-nos-emos depois.

Bandido! Pois o bandido do empata-tempo não me fez perder Melindrosa de vista?

Onde, como a encontrar, agora?...

Desapontado e dominado por profunda irritação, enfiei por uma rua, sahi por outra, e nada!

Perdera Melindrosa e, com ella, o fio á meada que desejava descobrir.

* * *

JÁ desilludido e com os nervos em polvorosa, ia desistir da minha pouco habil espionagem, quando alguém me bate camaradamente no hombro:

— Que faz o meu querido Esaú, parado aqui, e com cara de quem se encontra no mundo da lua?...

Era Melindrosa, linda e fresca como uma manhã tonta de luz e de perfume, uma linda manhã que me entrasse pela alma a dentro. Esqueci tudo, para lhe dizer, alegre e semvergonhamente, com licença do termo:

— Melindrosinha, minha querida, andava justamente a ver se, neste brouhaha da Avenida, conseguia avistar tua silhueta gentil e graciosa. Como estou satisfeito, meu bem! Andava roxo de saudade, uma saudade louca e dolorosa da minha querida Melindrosa!

— Sim, Esaúsinho de meu coração? Não estavas, então, zangado commigo? Será que me amas ainda, hein, dize?

— Se te amo, Melindrosa? E quem é que não te ama, a ti, que és a alegria, a festa e o encanto da Cidade?

— Não. Isso todos me dizem e eu, ás vezes, fico mas é triste com esses galanteios sem sinceridade e sem significação. Quando te pergunto se me amas realmente, quero saber se posso confiar a ti meu coração, meu amor, minha vida...

* * *

FIQUEI, a principio, sem saber o que dizer, mas ante um sorriso e um olhar morno e caricioso de Melindrosa, em que havia um mundo de promessas de coisas do outro mundo, não tive duvida:

— Sim, queridinha, amo-te! Amo-te! amo-te!

E, emquanto ia repetindo essa deliciosa e velha mentira, tão velha como a humanidade, ia tirando o meu atrazo, a beijar, furiosa e fanfarronescamente, no verso e no reverso, a mãosinha macia, cheirosa e fria que, cada vez mais, ia tambem apertando a minha...

Tudo isso em plena Avenida, aos olhos escandalizados e invejosos de todas as mulheres e de todos os marmanjos que passavam.

Não ha nada como se ter um coração molle, "*coração de rapadura*", como se diz na minha terra, a se derreter ao contacto de qualquer caricia...

E, cheio de Melindre, estou melindroso á bessa, hoje!

Esaú & Jacob.

D. Amélia de Freitas Bevilaqua tem, ha muito, seu nome firmado e consagrado na primeira plana da alta intellectualidade feminina brasileira. E' uma escriptora de raça, operosa, brilhante, que, de vez em vez, nos brinda com um livro suggestivo, interessante, trabalhado num estylo todo pessoal, elegante e sobrio ao mesmo tempo. A distincta autora de «Através da vida», «Literatura e Direito» (em collaboração com seu illustre marido e notavel jurisconsulto, dr. Clovis Bevilaqua), «Angustia», «Vesta», e varios outros volumes, acaba de enfeixar em livro suas «Impressões», uma fina collectanea de estudos diversos, criticas, etc., — obra recebida com a melhor acceitação. «Impressões» é um livro que se lê com o agrado e encanto, um livro em que não só o espirito trabalhou porque o coração, um grande e bonissimo coração, tambem nelle muito cooperou, evocando individualidades, recordando factos, illuminando homens e coisas que a illustre escriptora focalizou com muita intelligencia, muito brilho e muita emotividade.

O NOSSO CASO...

Minha amiga. — Comprehendo perfeitamente a tua grande melancolia, filha da tua immensa saudade. Sim, saudade de um bem que se perdeu e que é impossivel reconquistar; saudade de uma felicidade apenas esboçada, não realizada; saudade que ficou bem no fundo do teu coração, no anseio torturante de conquistar azas, para voar... Voar, ir até onde póde penetrar o nosso espirito, sentir as vibrações todas da carne moça, e não poder suffocar o seu grito de dôr!

Ah! minha querida amiga, eu sei, eu comprehendo o teu estado d'alma. Adelmar Tavares, o poeta, synthetizou nitidamente o teu estado de nervos quando escreveu estes versos deliciosos de verdade:

Tudo se perde. A esperança...
A fé... A illusão querida
de uma jura que enganou.
Tudo!... Menos a lembrança,
De quem a gente na vida,
Primeiro amou...

E' o teu caso, o nosso caso...

MARIOX.

A exma. familia Irineu Marinho, o inolvidavel jornalista brasileiro, cuja vasta obra ahi continúa na abnegação dos seus antigos amigos e companheiros d'«O Globo», festejou, no dia 7, tres acontecimentos intimos de grande repercussão no circulo das suas numerosas relações sociaes: o anniversario da senhorita Hilda Marinho, o baptizado de Helenita e o 2.° anniversario do casamento do dr. Velho da Silva com a sra. d. Heloisa Marinho Velho da Silva. A' noite, no palacete de sua residencia, a exma. viuva Irineu Marinho offereceu uma recepção ás pessoas de suas relações de amizade — e recepção que constituiu uma festa de muita elegancia, de muita alegria e cordialidade, como documentam os dois detalhes photographicos desta pagina, onde se vêem as senhoras, senhoritas e cavalheiros presentes.

Feira de Vaidade e de Elegancia

BALCÃO FLORIDO

A força immaterial, que arde no nosso coração, deve arder, antes de tudo, para si mesma...

São de Maeterlinck, em *La Sagesse et la destinée*, as palavras acima. E, não sei porque, ao reler, agora, o capitulo em que elle traçou essa phrase, fico a pensar que, como o guarda do pharol da legenda, que distribuia, entre os pobres das cabanas vizinhas, o oleo das grandes lanternas destinadas a illuminar o oceano, tambem eu consumi, imprevidente e prodigamente, toda a substancia que alimentava o fogo sagrado de meu coração.

Si petite que soi votre lampe, ne donnez jamais l'Luile qui l'alimente, mais la flamme qui la couronne.

E, bem cêdo, esgotada a ultima gotta de oleo generoso com que vinha illuminando o mundo interior de mim proprio, fiquei ás escuras, a buscar, em meio ás trévas que me cercavam, a luz clara e amiga de outro coração que tivesse, para mim, sempre a arder, carinhosa e bôa, a abençoada lampada da minha consolação, o pharol protector que me guiaria no oceano agitado da vida.

Em vão, porém, busquei a chamma continuada, sem intermittencia, serena e constante de um coração, cujos suaves lampejos me emprestassem a illusão de que, ao prodigo de sentimentos e de sonho, que gastara todas as reservas da luz interior de sua vida, seria possivel ainda a felicidade de confiar a outrem a illuminação de todo o seu sêr.

Quantos olhos, de mulher, a reflectirem o esplendor e a magnificencia da lampada interna, clara e festiva de seu coração, não desceram sobre mim, na minha ansia de luz, no meu incontido desejo de carinho, quente, de fogo de lareira, para depois, depois de um feitiço e momentaneo lampejo de esperança e de fascinação, me deixarem mais só, mais triste, mais desilludido e mergulhado em trévas do que antes!

E tu foste uma dessas mulheres, meu amor. Melhor, mais generosa do que as outras, durante muito tempo senti que não poupavas o oleo á lampada sagrada de teu coração, afim de encheres de deslumbramento a vida que se te offerecia, em paga de um pouco de luz.

Um dia, porém, tambem começaste a diminuir de intensidade a chamma em que ardia, feliz e confiante, a pobre sombra que confiára á tua luz, á flamma amiga de teus olhos negros, ao generoso calor da primavera em flôr de teu corpo cheiroso.

E fiquei triste, profundamente triste, a aguardar, inquieto, o momento em que, com a ultima caricia illuminada de teu sêr, o meu, que só vive de ti, por ti e para ti, soffra a tortura infinita da sua ultima desillusão...

*

SORRINDO...

O verão ahi vem e, com elle, a alegria estridula e guizarreante das cigarras tontas de luz.

Mas, o verão não se vae encher tão só de cantigas de cigarras. Tambem de risos, de gritinhos, de expressiva alacridade de outra especie de cigarras — as que, mesmo sem cantar, sabem encantar, enchendo de festa as praias da Guanabara. Cigarras praieiras, marinhas, que, não raro, cantam tambem... debaixo d'agua.

E, a aguardar o verão illuminado e quente, que ahi vem, ponho-me a pensar em alguem, alguem que foi a minha divina nereida na ultima estação balnearia de Ipanema.

Evoco-a e recordo-a, agora, com os olhos da alma, através do espelho verde de minhas pupillas, ainda tão cheias da sua fascinação, do seu encanto, da sua graça. Porque ella foi o meu deslumbrante sonho do verão passado, o meu grande amor feito do mar agitado e do céo azul e sereno de Ipanema.

E o verão ahi vem, de novo, e com elle a canção das cigarras, e a festa pagã das nereidas e tritões do Flamengo, de Botafogo, de Copacabana, de Ipanema, do Leblon.

Virás, tambem tu, meu amor, para o verão de minha alma e de meu coração cheios de ti?...

*

SEARA ALHEIA

LA SIESTA SAGRADA

Emilio Ow[...]

Una fragancia rústica de espliego
trasminarán las sendas y un [divino]
dulzor de rosa mística y de trino
se extederá en el campo solariego.

Dormirán los paisajes bajo el [fuego]

ENLACE da senhorita Adjaldina Alves Pereira com o sr. Mario Fontenelle, realizado, ha dias, na residencia dos paes da noiva — o dr. Adjalme Alves Pereira e a exma. sra. d. Ricardina Borges Alves Pereira.

A gentil senhorita Véra de Noronha, filha do casal Amarilio de Noronha, contrahiu nupcias com o primeiro tenente João de Deus Menna Barreto. O enlace realizou-se na tarde de quinta-feira penultima, e foi uma nota de grande repercussão nos circulos sociaes a que pertencem os jovens noivos. A residencia do dr. Amarilio de Noronha encheu-se de elementos altamente representativos da «haute-gomme» carioca, que foram levar ao novo casal seus cumprimentos e votos de felicidade.

de la siesta, y al borde del camino
engarzarás en tu perfil latino
la plenitud de mi optimismo
[griego.

Arderemos los dos en el hechizo
de la impoluta suavidad del viento.
Y guardarás mi espiritu enfermizo

en la unción de tu ensueño vi-
[sionario,
lo mismo que un jazmim amaril-
[lento
en la fiel castidad de tu breviario.

ROSAS DE SANTA THEREZINHA

Meu principe e meu querido... tyranno. — E' com um beijo de perdão a cantar-me, inquieto e quente, nos labios, que abro esta carta, ansiosa por transfundir, assim, no intimo de seu ser, toda a alma e todo o coração da sua Maria do Céo. De perto, bem de pertinho, porem, tendo-o ao meu lado, preso á suave cadeia dos meus braços frescos de mulher, tão frescos como os riachos que derramam e fazem rolar a caricia de suas aguas marulhantes á flor da terra fecunda, verde e cheirosa do meu sertão mineiro, é que desejaria fechar-lhe a bocca com o meu "gesto de perdão".

Assim, meu principe, é que a mulher, que a *Santa* mal disfarça, queria ter o orgulho e, ao mesmo tempo, a doce e consoladora humildade de lhe poder dizer, no calor rumoroso de um beijo, que desejaria, de coração, ser milhares e milhares de vezes *magoada* por você, para milhares e milhares de vezes perdoal-o por essa maneira.

Suave tyrannia essa, a desse amor do... céo, a se desfolhar nas rosas do perdão, sempre prompto, solicito e carinhoso, da sua Santa Therezinha!

Escute, meu querido: não me peça mais perdão por cousa alguma, mesmo quando me diga alguma palavra mais rispida ou mais injusta. Fico confusa, inquieta, a pensar que forcei a um gesto de humildade aquelle a cujos pés venho, ha muito, queimando a myrha e o incenso da pyra ardente de meu coração.

Para mim, sim. Para mim a humildade, serena e pura, de quem sente, em toda a sua plenitude, a felicidade de saber se dar a você e de se considerar sua "escrava", docil, boa e dedicada, meu principe.

Não quero perder este correio. A rosa, rubra e casta, dos labios da sua Maria do Céo, despetala-se n'uma chuva... de beijos para você. Adeus.

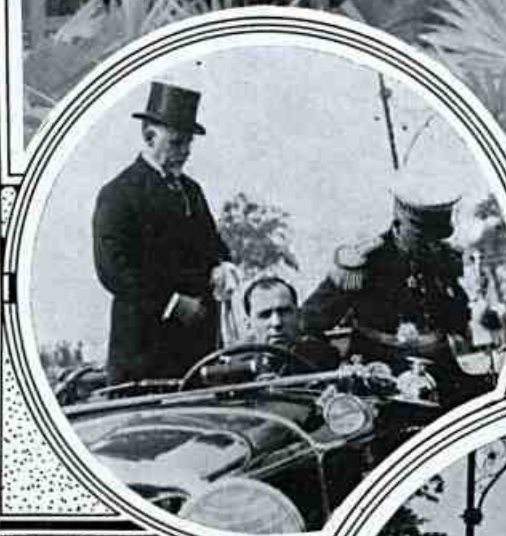
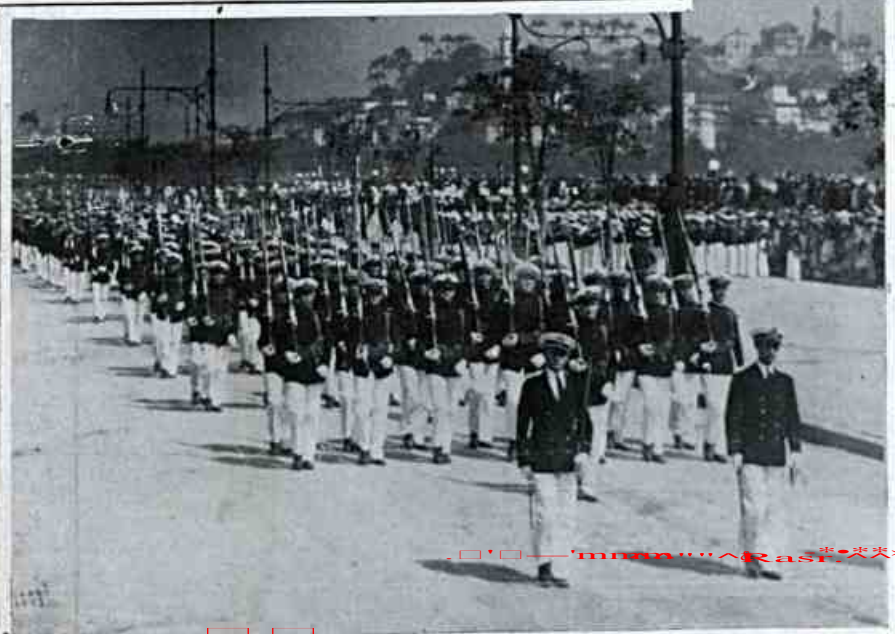
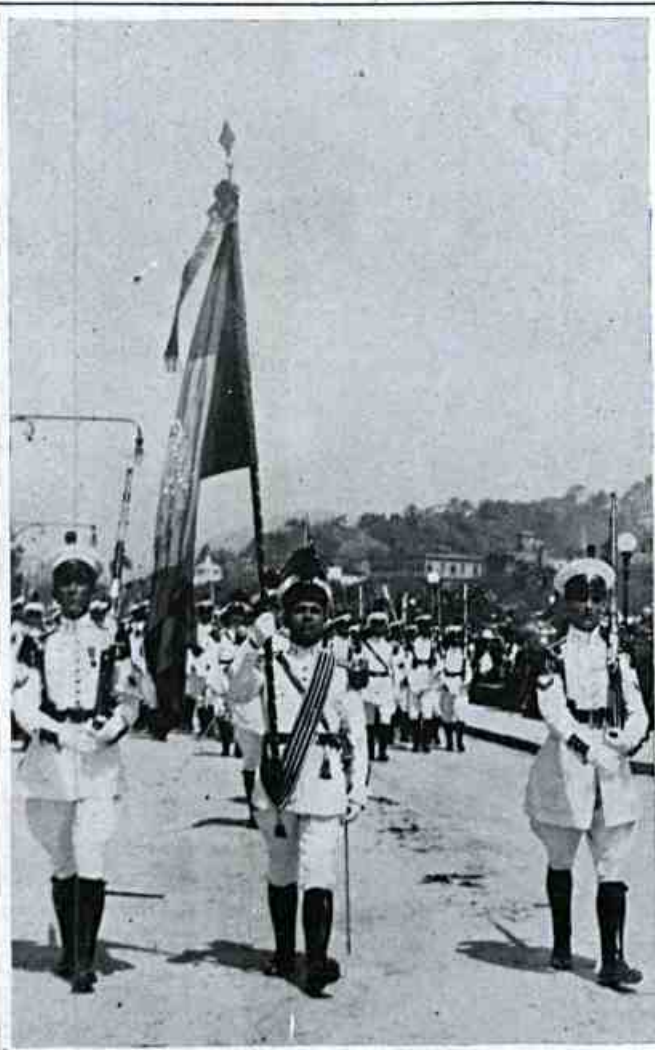
BONECA NA AVENIDA

A feira de elegancia e de vaidade da Avenida tem tido um movimento fóra do commum nos seus dias "chics". Aos sabbados, então, nestas tardes mornas que vêem annunciando as de... fogo do verão proximo, e treinando o carioca para as "delicias" da canicula, o movimento daquelle mostruario de lindas silhuetas, finas, delicadas, *souples*, elegantes, ou *tout au contraire*, faz o encanto e a fascinação de quem tem ou não tem mesmo que fazer.

A Avenida é uma especie de cinema falado, em sesão continua, funccionando ao ar livre, e *baratinho* que é uma belleza. Nem todo mundo comprehende, porém, o papel desempenhado pelas encantadoras e bizarras bonequinhas e polichinellos que alli passeiam a sua graça ou fazem a sua pose.

Mas, para os olhos que sabem ver e *entender* a alma da Avenida e da gente "chic" que a frequenta, tudo que nella se exhibe é a ultima palavra em materia de *great attraction*.

Um encanto, uma delicia...

SETE DE SETEMBRO

A grande parada militar de [illegible] de setembro, em commemoração da data da [illegible], revestiu-se, este anno, de excepcional brilhantismo. [illegible] parte na imponente revista cerca de 14 000 homens das nossas forças de terra e mar, além de um contingente da disciplinada maruja do cruzador britannico «Caradoc». [illegible] os applausos e as palmas enthusiasticos da população. Os varios regimentos do Exercito, da Marinha, da Policia Militar, do Corpo de Bombeiros, formaram na [illegible] Beira-Mar, onde foram passados em revista pelo [illegible], desfilando, a seguir, garbosamente, pela Avenida Rio Branco e outras ruas

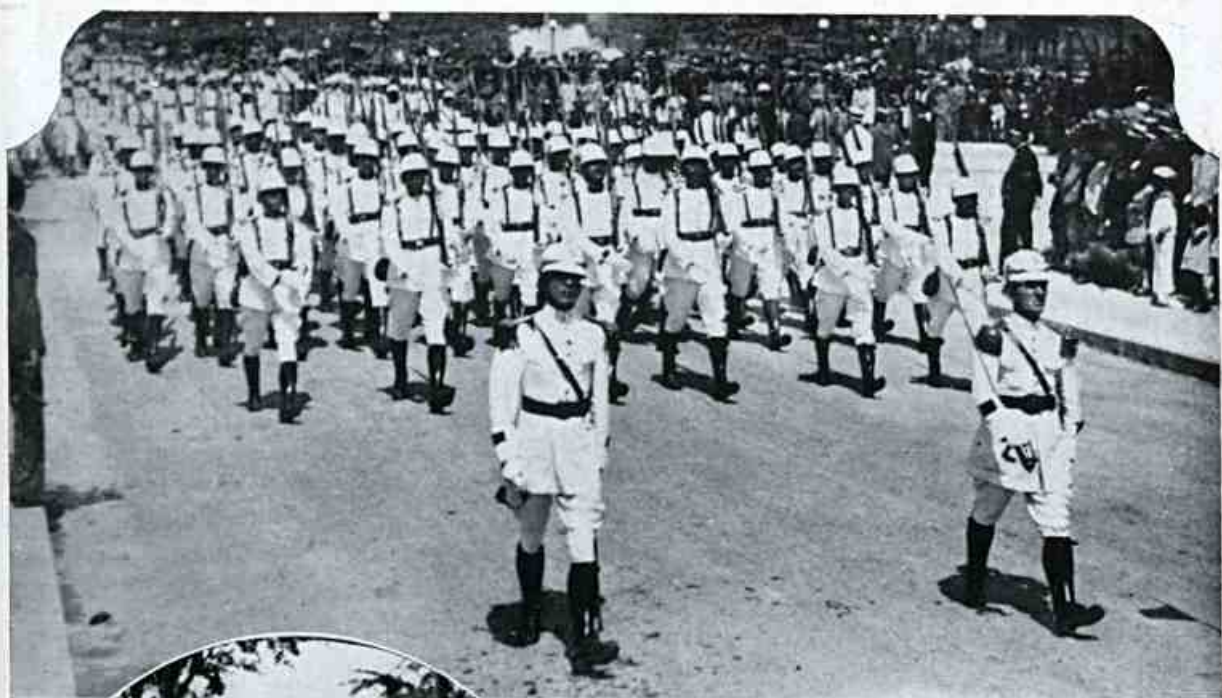
MARUJOS inglezes e soldados navaes da real infantaria da Marinha Britannica desfilando com as tropas brasileiras na parada de 7 de setembro.

. . .

COISAS

Parece que é moda ir a gente ao Parlamento, para ouvir os discursos politicos em torno dos principios liberaes, dos que estão decididos a regenerar esta Patria tão digna de melhor sorte.

Discute-se a oratoria de sobremesa do *leader* tal, o sermão *da paixão* de fulano, o besteologico de cicrano, e alguns espiritos afoitos chegam a ver, nisto, um esplendido symptoma de vida, de resurreição da nacionalidade!

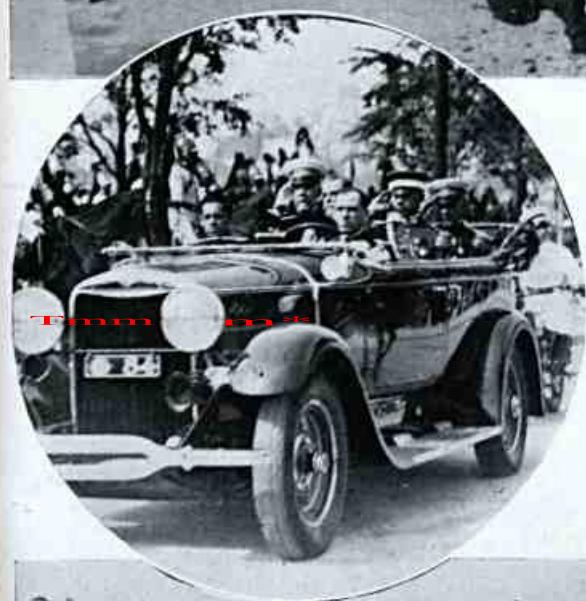
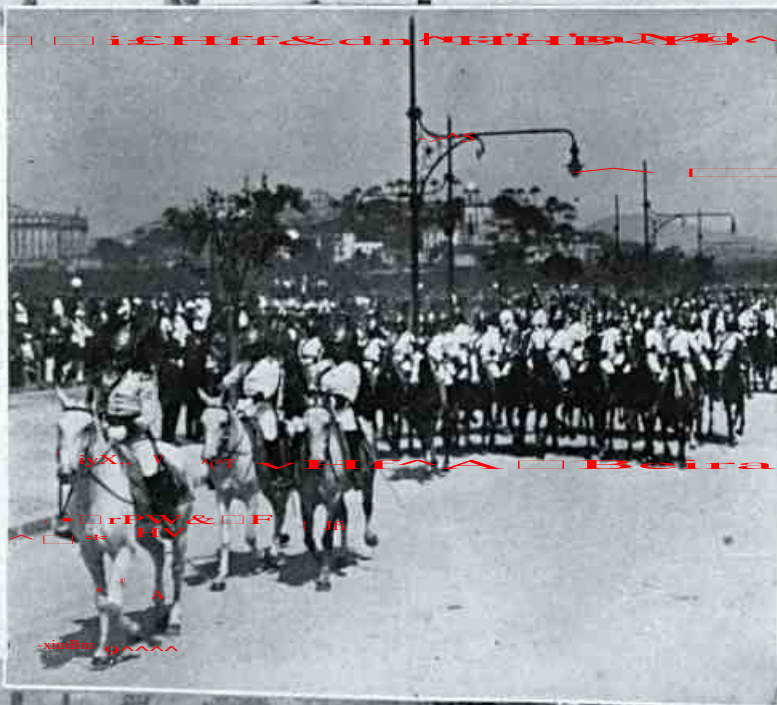
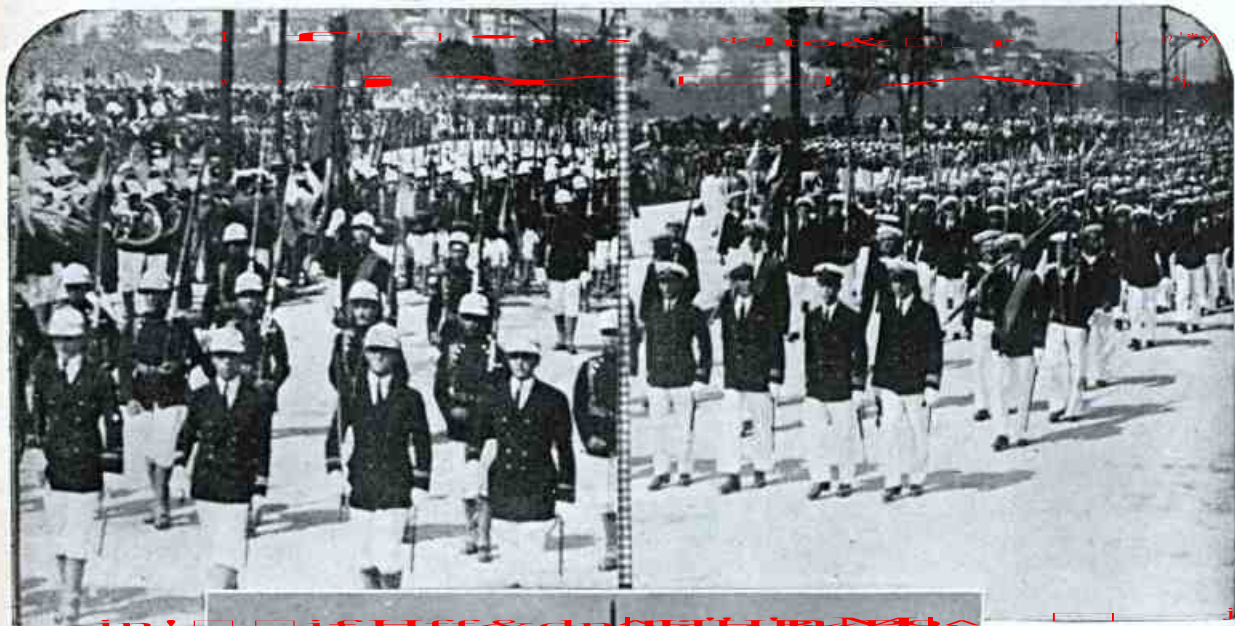
Os cinemas começam a sentir a deslealdade do con-

ASPECTOS do desfile das nossas forças de terra e mar na grande formatura com que foi commemorada a data da independencia.

• • •

corrente novo, porque as galerias do Parlamento agora vivem cheias...

E a coisa vae durar até o ultimo dia do anno, porque os artistas se garantiram até lá nos duzentos mil réis diarios, dos ordenados, por *patriotismo*, já se vê.

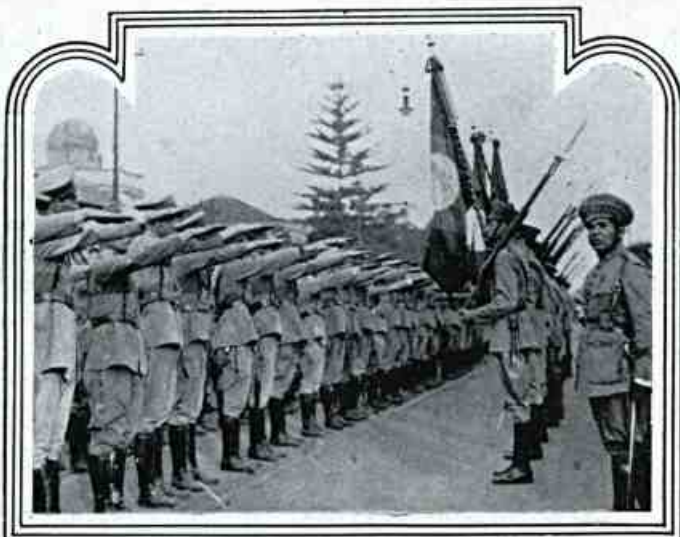
Os principios são muitos, porém, convergem para um fim unico...

Eu, deante do que observo, penso que Fialho foi mordaz, mas profundamente sincero, quando deixou cahir da penna estas palavras: *O parlamento? Ah, não me falem nisso! E' uma machina singular: mette-se um burro, sae um deputado; faz-se o deputado ministro, torna a sahir burro...*

TROPAS da Marinha, do Exercito, do Corpo de Bombeiros e da Policia Militar, em garboso desfile na Avenida Beira-Mar.

"A Noite" e o seu "arranha-céo"

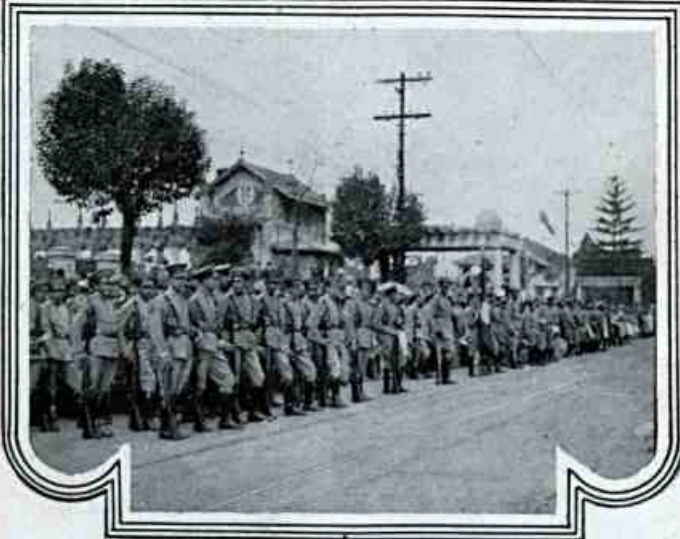
DE muito brilho e de um caracter da mais pura e expressiva cordialidade jornalistica foi a festa com que os nossos collegas d'«A Noite» inauguraram as novas installações do seu pomposo «arranha-céo», situado á praça Mauá. Nessa solennidade, que teve um cunho altamente espiritual e mundano, esteve reunida a quasi totalidade do jornalismo carioca, sem contar as figuras de alta representação no mundo das finanças, da politica, das letras e das artes que tambem compareceram á cerimonia. Entre as pessoas presentes se viam diversos senadores, deputados, intendentes municipaes, senhoras, senhoritas, representantes de associações de classe, de aggremiações literarias, de collegios, etc. O acto foi presidido por d. Mamede, bispo de Sebaste, que lançou a benção ao edificio, abrangendo todas as dependencias do «arranha-céo». O salão de festas apresentava um aspecto encantador, graças á rica e graciosa decoração que recebeu, e da qual se destacavam, entre as flores naturaes, uma fonte luminosa. Nesse salão foram distribuidas varias mesas, destinadas aos jornaes e revistas cariocas, inclusive este semanario, gentileza que muito agradecemos aos nossos distinctos collegas. Após a benção, o nosso collega Castellar de Carvalho proferiu um formoso discurso, allusivo á solennidade, e no qual historiou a vida da imprensa brasileira, salientando o seu papel na civilização do paiz. E' escusado dizer que o orador, como «A Noite», foi muito applaudido. Em summa, a festa com que o intrepido e glorioso vespertino solennizou a inauguração do seu «arranha-céo» teve um raro fulgor, pela sua elegancia e sua significação.

LAMPEJOS

Aquella sua terrivel phrase de hontem: — "E' impossivel!" — encheu-me o coração de amargura. Eu senti, ao ouvil-a, que todo o meu sonho, todo o meu grande sonho desmoronava ao choque dessas duas palavras desoladoras que seus labios pronunciaram. E minha angustia foi tanto maior quanto eu li nos seus olhos, que faiscavam lindamente nos meus olhos — eu li esse tantalismo fulgurante

que illumina os olhos dos que amam.

Impossivel, por que? Si eu gosto de você e você gosta de mim; si ha uma força mysteriosa e subjectiva que aproxima os nossos corações e glorifica os nossos anseios; si temos ambos o mesmo sentimento humano; si possuimos a mesma analogia moral — por que, então, ha de ser impossivel o nosso amor?

Difficil, sim, acredito. Difficil e arriscado. Porque os olhos

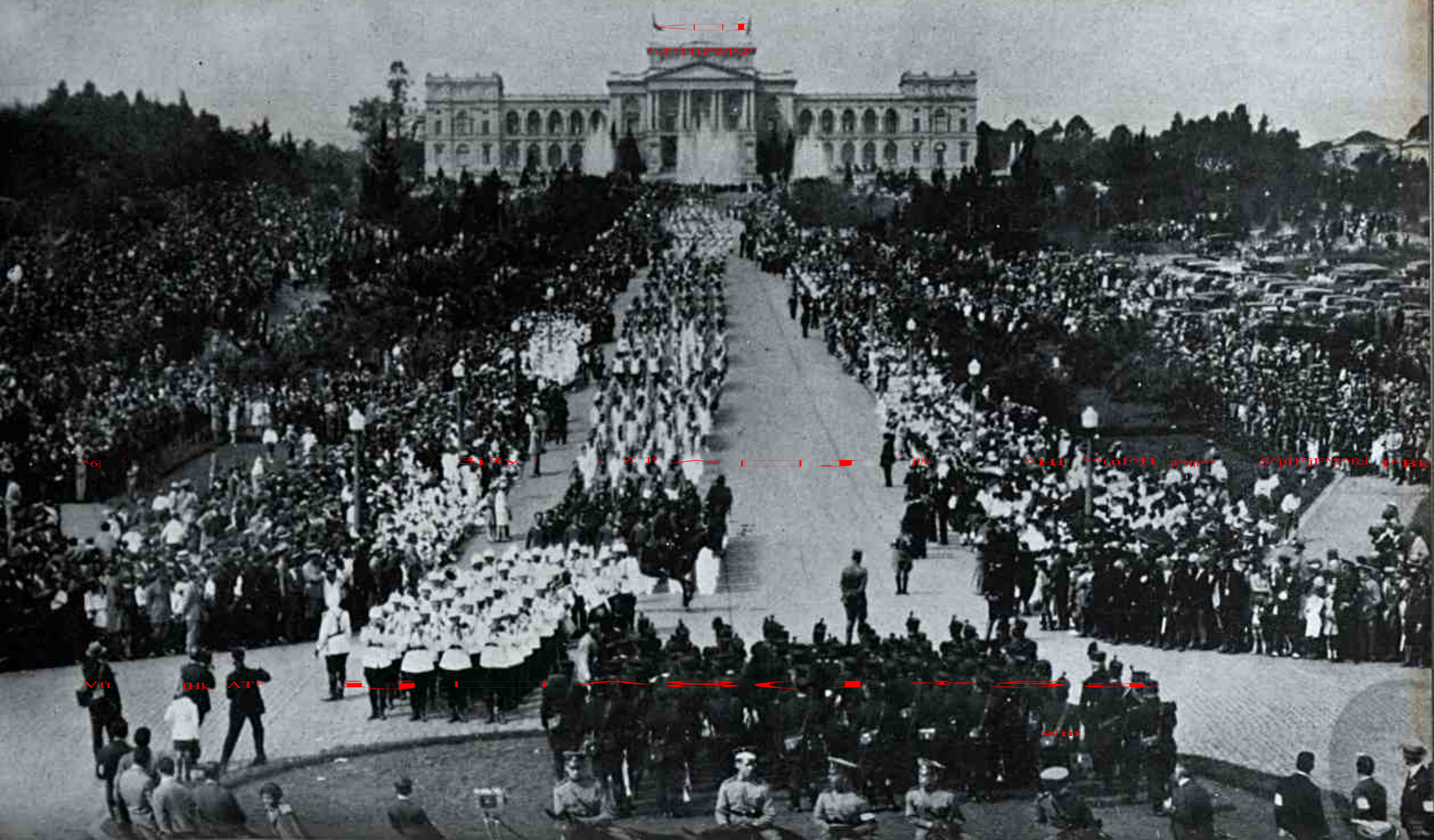
A grande data de 7 de setembro foi commemorada em S. Paulo com a empolgante festa civico-sportiva que se realizou junto ao Monumento da Independencia, na colina historica do Ypiranga. Os alumnos das escolas paulistas e os escoteiros desfilaram deante de 50.000 pessoas que enchiam o grande parque. Realizou-se, a seguir, a cerimonia do juramento á bandeira pelos novos reservistas dos tiros de guerra. O presidente Julio Prestes compareceu, com seus auxiliares de governo, a essa expressiva commemoração da maior data brasileira.

ALGUNS flagrantes da festa *civica* realizada no parque do Ypiranga, em São Paulo, na manhã de 7 do corrente. A tribuna official, vendo-se o sr. presidente Julio Prestes e outras altas autoridades e familias. O desfile dos *escolares*. Autoridades militares presentes.

... do mundo, vigilantes e perfidos, não perdoam os peccados do amor. Mas, que temos nós com o mundo? Que devemos a esse Monstro indiscreto que procura embaraçar os desejos do coração? Nós não precisamos do mundo para o nosso amor. Podemos realizal-o com a vontade soberana da nossa coragem. Podemos conserval-o bem longe do trivial tumulto de egoismos que agita a consciencia dos invejosos.

Esqueça o mundo. Esqueça os homens. Esqueça tudo. E lembre-se de mim, que tanto a quero, que tanto procuro vêl-a para sentir a felicidade.

Agora, é *tarde*. Tarde para mim, que já não posso viver sem a doçura esplendente dos seus olhos doirados. Tarde para você, que não poude disfarçar a melancolia dolorosa com que proferiu a sua terrivel phrase de hontem: E' impossivel!

Tenha pena de mim. Tenha pena de você. Tenha pena dos nossos corações. Reflicta. Olhe-me *nos* olhos. Veja nelles reflectida a tortura inquieta e amarga que brilha nos seus, quando você me diz que é *impossivel*. Não seja assassina do seu proprio amor...

Uma visão empolgante do 7 de Setembro em S. Paulo

ARABESCOS

Foi a tua imagem, presente sempre no meu pensamento, que me guiou com a sua luz no caminho torturoso e obscuro da minha adversidade.

Essa imagem era o symbolo da minha crença. De olhos fitos na dôce lembrança dos teus olhos encantadores, lutei com a perseverança de um guerreiro.

A tua imagem era a minha esperança e o meu amôr o meu alento.

E era a saudade a companheira dos meus dias.

No emtanto, nunca mais merecêra de ti uma unica prova de que me não esqueceras...

Por que, então, me apeguei tanto ao meu sonho intangivel?

Porque o meu coração já me não pertencia.

Talvez por seres má, nunca me foi permittido esquecer-te.

Por que te tornaste má?

Não te sei comprehender.

Sei recordar, sei padecer.

Nunca chorei pelo que sinto.

SÃO Paulo reverenciou, expressiva e tocantemente, a memória desses dois moços infortunados que, tripulando o avião «Anhanguera», da Força Publica paulista, encontraram a morte no meio da selva solitaria. Toda a população paulista, numa sincera e commovente homenagem, acompanhou, dolorida, até o cemiterio da Consolação, os corpos do capitão Messias e do deputado Lacerda Franco, cujo enterro constituiu, assim, uma verdadeira apotheose de saudade. O cortejo funebre foi o que se vê na gravura desta pagina: impressionante. Em cima, está a mais recente photographia do capitão Messias, o mallogrado piloto do «Anhanguera». Em baixo, a do deputado Lacerda Franco, que viajava no apparelho.

• • •

No emtanto, si algum dia soubesse que padecias o que padeço, tenho a certeza de que chorarias. E' que apprendi a querer-te mais do que a mim mesmo.

• • •

O teu amôr seria a realização do meu sonho roseo.

Emtanto, ás vezes, penso:

Que seria de mim? Que seria de nós, si me amasses tambem?...

MATTOS ALÉM.

TREPAÇÕES

Celinha é a interessante filhinha do casal Mario Mattos.

. . .

MADAME andava com a pulga atraz da orelha...

O marido, rapaz de maneiras distinctas e muito amigo de casa de onde raramente sahia á noite, de um momento para outro principiou com umas novidades que alarmaram o espirito de *madame*. Deu para jogar *pocker*, com uns amigos em quem a esposa nunca ouvira fallar, amigos desconhecidos... e em pontos differentes da cidade.

Madame reclamava, porém o esposo, delicadamente, fazia sentir que tinha o direito de se divertir, pois o casamento não importava na renuncia de tudo, na vida.

Mas, o rapaz começou a abusar, a entrar em casa pela madrugada. *Madame*, furiosa, protestou contra o abuso, mas o marido allegava sempre a distancia do bairro, a falta de conducção, tantas desculpas que ainda mais irritavam a esposa.

Madame, entretanto, não desistiu de descobrir onde realmente eram as taes rôdas de *pocker* que o marido frequentava com tanto enthusiasmo e pontualidade.

E, na semana finda, quando o rapaz advogado estava numa elegante salinha de jantar deante de um calice de licor e de uns olhos azues, a esposa surgiu inesperadamente.

Madame perdeu a calma ao vêr o *pocker* do marido, e a custo este evitou uma scena que poderia ter gravissimas consequencias, com repercussão nos noticiarios policiaes.

O resto ficará para depois...

MADEMOISELLE dava-nos a impressão de uma creatura recatada, educada em ambiente austero, de rigidos principios familiares. Porque *mademoiselle* aos domingos ia á missa, não jogava *tennis* nem adorava a *torcida* do *foot-ball*, e raramente apparecia nos cinemas da Avenida, era, para o nosso espirito de jornalista curioso, uma interrogação.

Na rua, quasi nunca a viamos sózinha e na praia, uma ou outra vez, sempre na companhia de amiguinhas.

O verdadeiro typo da ingenua.

Por isso, quasi nos cahiu o queixo, quando a surprehendemos, numa das ultimas tardes de sol, na companhia de um rapaz estrangeiro, lá para os extremos da cidade, em sitios desertos, escolhidos de preferencia por enamorados que não querem ser vistos...

Si um corisco nos rebentasse aos pés, não nos teria proporcionado maior espanto!

O que é grave, é que *mademoiselle* sabe perfeitamente que o rapaz é casado.

Que bella propaganda para o nome da familia brasileira, no estrangeiro!...

VEJAM só o que é o amor! Ou por outra, um capricho de amor...

A formosa morena que, numa sexta-feira da Paixão, ha talvez dois annos, certa vez, sacrilegamente, deixou que a rosa do seu beijo se desfolhasse sobre a bocca do escriptor... Mas paremos ahi...

A morena estava mal com o rapaz. Uma noite, ella passou á porta do hotel onde elle mora e, vendo-o alli, olhou-o com desdem, emquanto a sua amiguinha, que nada tinha com isso, fazia outro tanto.

O moço perdeu a linha e resignou-se com aquelle desprezo.

De outra vez, elle a encontrou com a mamã. O mesmo desdem.

Agora, o castigo: o moço, indignado, bandeou-se para uma sua amiguinha, que admirava o escriptor.

Elle espera, tão somente, uma opportunidade favoravel para que a morena o veja em companhia da amiguinha — e o olhe, naturalmente, com desdem.

Ahi é que ella deve ter essa attitude... Não é verdade?

Demos tempo ao tempo. Nada como um dia atraz do outro — dizia o Conselheiro Accacio...

O galante menino Ricardito, filhinho do sr. Antonio Brennand e de dona Dulce Brennand, residentes em Pernambuco.

«FON-FON» NO JAPÃO

O novo gabinete ministerial japonez, formado em 2 de julho deste anno, logo após a renuncia do gabinete de Tanaka. Ahi estão os ministros Koizumi, Tawara, Machida, Kobashi, barão Shidehara, Takarabe, Hamaguchi (presidente do gabinete); Ugaki, Egi, Adachi, Inouye, Matsuda, Watanabe e Suzuki, director do gabinete da secretaria.

REALIZOU-SE na noite da penultima sexta-feira, no Instituto Nacional de Musica, a solennidade para entrega de diplomas e premios aos alumnos daquelle estabelecimento laureados no anno escolar de 1928.

ORLANDO Teruz, o joven pintor brasileiro laureado pelo nosso «salão», e que foi um dos concorrentes deste anno ao premio de viagem, inaugurou, a 3 do corrente, no Palace Hotel, uma exposição de seus melhores trabalhos. Damos, acima, um aspecto do acto inaugural dessa exposição, que tem sido muito visitada, despertando grande interesse entre os admiradores da arte serena e pessoal de Orlando Teruz.

. . .

SETEMBRO

Setembro vive num scenario de sonho e poesia.

Espessa bruma azulada esfuma os contornos da terra, amortalha as arvores desgalhadas, avelluda a aridez dos campos resequidos, disfarça a desolação da natureza exanime e uma paizagem irreal se ergue sob um céo quasi branco, pesado e opaco.

Pela tarde, a bruma se adensa e toma as mais leves e mais suaves gradações do roxo. Os campos são de pellucia lilaz; a serra veste um manto violeta, e o céo — mysteriosa opala — dilue o azul, o oiro e o rosa nas suas mais subtis e mais delicadas tonalidades.

Debalde os olhos procuram os tons violentos do vermelho, do verde, do jalde.

Mas, na meia-tinta da paizagem crespucular, arvores sem folhas, inteiramente cobertas de flores violaceas, são estranhas corbeilles de magoa e saudade.

Sente-se uma penetrante e dorida volupia na fragilidade dos crepusculos de setembro, na sua doçura, na sua languidez, no seu ar morno, saturado de fumaça, no céo gris, na envolvente "tristeza das cousas e dos entes".

Setembro é a velhice da terra.

E' como formosa mulher, que sente a mocidade tocar o seu termo e luta, luta, dolorosamente, num desespero inutil, pela conquista de mais um dia de esplendor.

E' qual um amor, que se extingue no abandono, no cansaço, no tedio...

E' a velhice, a destruição, o fim...

MARILDA PALINIA.

. . .

JOSE' Rodrigues — um dos novos de mais merito na moderna pleiade de artistas portuguezes — inaugura no dia 16 a sua exposição de pintura, no Palace Hotel, predominando, entre 70 quadros expostos, paizagens das ridentes provincias do norte de Portugal e «marinhas», das quaes damos a reproducção de uma das mais bellas.

Um grupo de jovens alumnas da Escola Profissional Paulo de Frontin.

BASTIDORES DA POLITICA

— E' mentira!...
— Calumniador é V. Exc.
— E' mentira, repito!
— Parto-lhe a cara!
— Uma felonia!
— Parvo!
— Espeto o figado de V. Exc. nas lanças do meu regimento...
— Patife!
— Hei de amarrar o meu ginete nas pontas do bigode de V. Exc.
— Trahidor!

Acaso essa linguagem é de moços da praça do mercado, ou de associados da *Tulipa vermelha*, do morro do Pinto?!

Antes fosse...

Porque, nestas palavras, eu vejo, presinto, o destino que nos espera!

No jardim da Luz, em São Paulo, acaba de ser inaugurada uma escola para crianças debeis. Ahi estão, sorrindo sob as arvores, os primeiros alumnos dessa original escola.

MESA que presidiu aos trabalhos da Convenção das Municipalidades, vendo-se os senadores Dino Bueno, Padua Salles e Rodolpho de Miranda, o deputado Ataliba Leonel e outros vultos representativos da politica paulista.

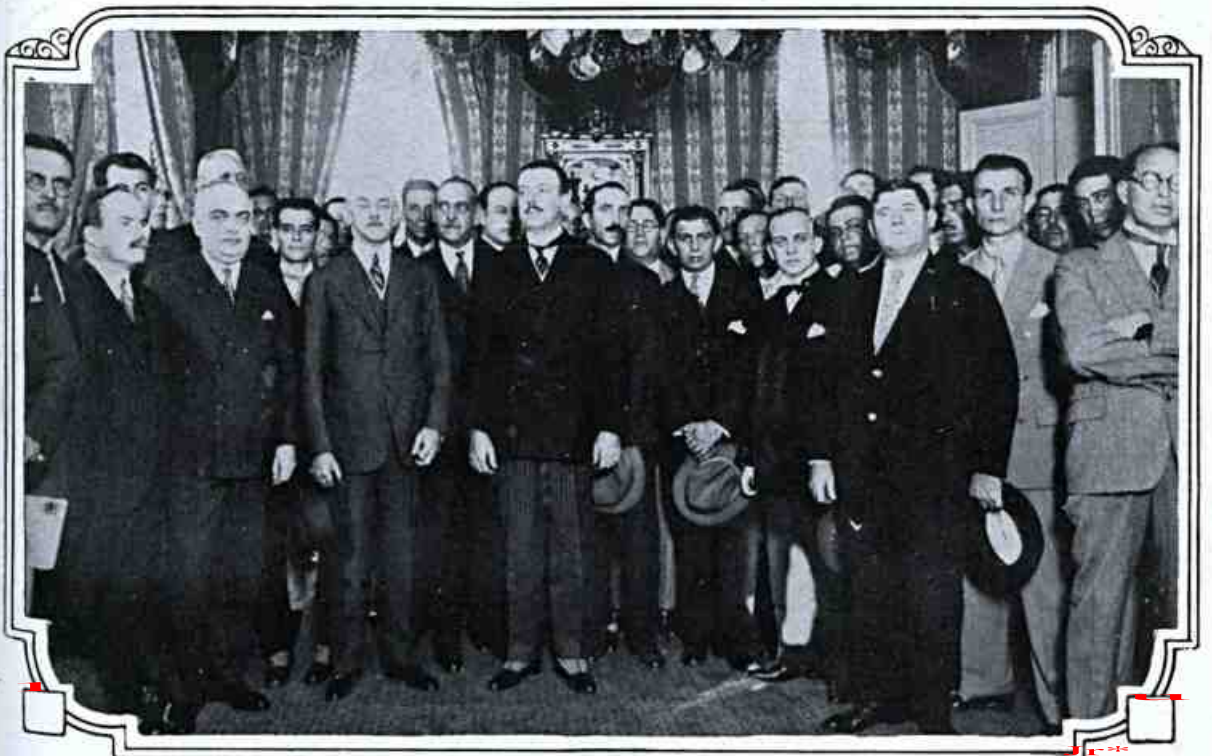
POLITICA NACIONAL

O Partido Republicano Paulista, que é uma organização politica modelar, de onde têm sahido grandes figuras da administração do paiz, realizou, na capital de S. Paulo, a concentração dos seus elementos mais representativos, para a escolha dos delegados do Estado junto á Convenção Nacional! para a escolha do futuro presidente da Republica.

Todos os municipios paulistas estiveram presentes á grande reunião, numa esplendida demonstração de força e cohesão de vistas, animados do mesmo idéal de paz e de ordem, a serviço da unidade nacional.

Pela vontade unanime da assembléa, foram escolhidos para representar o Estado junto á Convenção, os srs. drs. Padua Salles, presidente do Partido Republicano; Manoel Villaboim, «leader» da bancada paulista, e Pires do Rio, prefeito da capital de S. Paulo, nomes de sobejo conhecidos pelos serviços prestados ao paiz.

Essa reunião do Partido Republicano Paulista teve uma memoravel significação, porque é do seu seio que ainda uma vez sáe o candidato ao futuro quadriennio presidencial da Republica, candidato destinado a con-

ASPECTO colhido por occasião da Convenção das Municipalidades paulistas que escolheu para seus representantes á proxima Convenção Nacional os drs. Manoel Villaboim, Pires do Rio e Padua Salles.

Os convencionaes paulistas no palacio dos Campos Elyseos, com o presidente Julio Prestes, a quem foram levar a sua solidariedade, após a grande assembléa das Municipalidades.

tinuar a obra patriótica e gigantesca de Prudente de Moraes, de Campos Salles, Rodrigues Alves e Washington Luis, que no Cattete nunca desmentiram as tradições de honra e honestidade da politica de S. Paulo.

Numa época de quasi ausencia de civismo, quando os homens empregam o seu tempo em retalhar, macular reputações, negando até ao adversario qualquer parcella de brio, a substituição dos governos é acto delicado, necessitando de nossa parte a maior serenidade, para não envolver na mesma onda de arrivismo os que, desprezando interesses pessoaes, tomam posição á frente do povo para bem servil-o, com os olhos voltados para a imagem da Patria.

Porém, ainda desta vez, o Partido Republicano Paulista sente-se orgulhoso de destacar das suas fileiras, para a suprema magistratura da Nação, um dos seus legitimos valores, o exmo. sr. dr. Julio Prestes, que já é a affirmação positiva de uma intelligencia sadia, de um caracter impenetravel, depositario digno da nobreza da raça dos Bandeirantes, os creadores da grandeza do Brasil.

De sã consciencia, não poderá negar ao illustre candidato á successão presidencial da Republica, as qualidades excepcionaes de intelligencia, cultura e fortaleza de espirito não communs naquelles que, entre nós, abraçaram a politica como ideal, para servil-a com patriotismo, abnegação, até o sacrificio.

E' por essa razão que as forças vivas da Nação appellam para Julio Prestes, que á frente do governo do Brasil saberá corresponder aos anseios do povo, fatigado de lutas inglórias entre irmãos.

THEATROS...

Um incendio formidavel arrazou o Theatro Carlos Gomes, velha casa de diversões, das poucas que existiam no Rio.

O theatro Carlos Gomes era um pardieiro de taboas e zinco, muito igual aos outros espalhados pela cidade, á espera do fogo. Para a limpeza que não faz a Saude Publica, e pela esthetica, da qual não cuida a Prefeitura.

O Carlos Gomes era theatro apenas no nome.

Nelle não havia uma só porta de escoamento, em caso de perigo.

Si o incendio cahisse á hora do espectaculo, morreriam todos os que lá estivessem.

E, si isto acontece um dia, o que fazer?! Restarão os necrologios pelos jornaes, e as descomposturas ás autoridades.

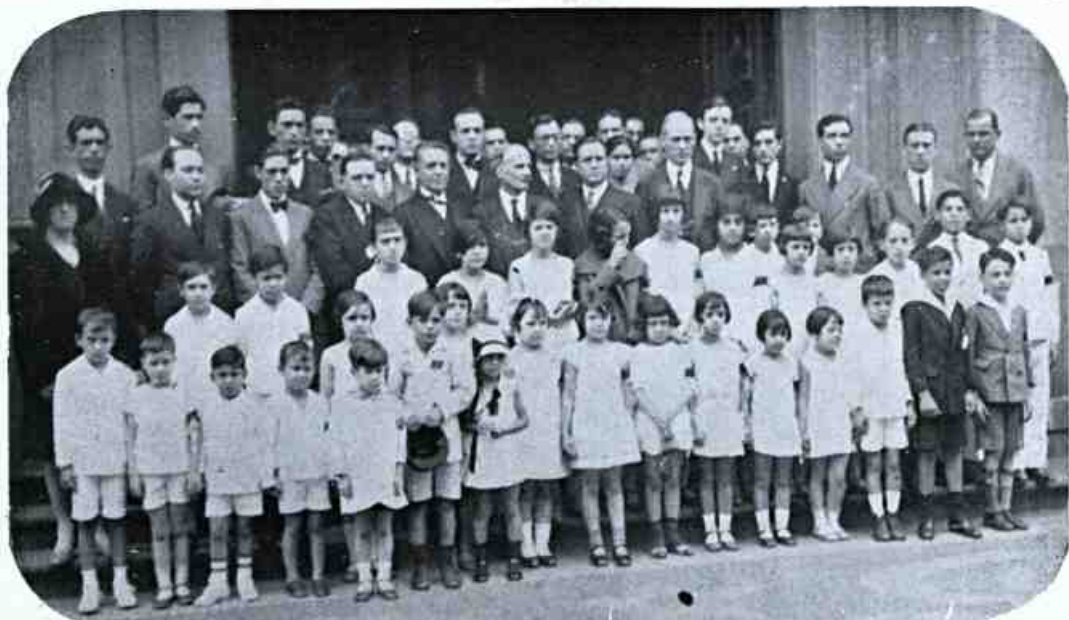
Porém, o mal estará feito, e as descomposturas não terão nenhum effeito pratico.

Não sei realmente o que se espera, para deitar abaixo os outros barracões que ahi estão, com o rotulo de theatro.

São uma vergonha para a cidade mais linda do mundo!

O prefeito Antonio Prado, devia incluir "este numero", no seu programma de acção em beneficio do Rio maravilhoso.

E, para começar, poderia bater rijo sobre o *Lyrico*, viveiro de pulgas, sem poupar até o *Phenix* que dá um "azar cachorro", do qual não escapou nem mesmo o Partido Democratico...

Politicos parahybanos da opposição em visita ao dr. Julio Prestes.

EM cima: grupo tomado após a missa mandada celebrar, na egreja do Sacramento, em suffragio da alma do sr. Francisco Vieira da Silva, fundador do Centro Lusitano D. Nuno Alvares Pereira, cujos alumnos compareceram a essa tocante homenagem á memoria daquelle saudoso intellectual e jornalista portuguez.

Ao centro: um flagrante da homenagem prestada, sexta-feira penultima, pelos alumnos da Escola de Bellas Artes, ao professor Swigget e universitarios americanos que presentemente nos visitam.

Pessoas que tomaram parte no jantar offerecido ao dr. Antonio Avellar, vice-presidente demissionario do America F. C., pelo conselho administrativo e alguns de seus admiradores do club.

DESTINOS...

Especial para o FON-FON

GASTÃO Gonçalves da Justa é um dos "leaders" operarios do Ceará e também apreciado poeta e jornalista. Acompanha o movimento dos novos na literatura e é assíduo collaborador da imprensa de Fortaleza.

Nasceu a 1o. de julho de 1899, em Fortaleza. Foi o fundador do Partido Socialista Cearense, organizado em 1919, e, também do jornal "Ceará-Social", orgão desse partido.

E' de sua lavra o conto "Destinos..." publicado nesta pagina, e com o qual Gastão Justa inicia sua collaboração no FON-FON.

JÁ era o vigesimo *fox-trot* que a orchestra executava. O baile attingia ao maximo da loucura. O ambiente saturava-se de um cheiro morno de cansaço...

* * *

Silencioso, numa banca, um jovem bebia e fumava. Era Crysantho de Assis — o estroina elegante e discreto, que procurava afogar, na volupia do vinho, toda a amargura da sua desillusão.

Uma mulher, vendo-o triste e só, acercou-se de sua mesa. Falou:

— Eu tambem sou triste. Perdi pae e mãe. Vivo só no mundo. Aqui me encontro isolada na minha dôr. Queres tu, mancebo, o conforto da minha solidão?

Crysantho sorriu. Chamou o garçon:

— Olá, rapaz, mais wisky!

E, voltando-se para a sua desconhecida companheira:

— Bebes?

— Bebo!

E continuou:

— Não te pergunto quem és. Nem quero saber de onde vens. Si, porém, desejas falar, fala. Eu te escutarei. Para mim, quasi todas as historias de amôr são iguaes: uma paixão mal comprehendida; após... a vertigem e a desillusão, o aniquilamento...

A mulher trajava de azul. Tinha nas faces ainda o fulgôr de uma innocencia meio apagada. Não estava de todo destruida pelo vicio...

O garçon trouxe wisky e agua gelada.

A mulher, tocando a taça á taça de Crysantho, bebeu á felicidade daquelle encontro.

— Antes de tudo, devo dizer-te o meu nome. O meu nome, não. O nome que me reservou o destino, para eu fugir á vergonha de minha familia. Eu sou Thereza, a loira. Nasci feliz, numa cidade pequena do sul do Ceará. Eduquei-me em Fortaleza, num collegio religioso. Aquelle ensino rigido e mystico perdeu-me para sempre. Dominada pelo terror das chammas infernaes, eu aprendi a mentir, escondendo, da Madre Superiora, todas as frivolidades da minha adolescencia. Ah! si eu tivesse um filho, saberia educal-o!

Parou um pouco e bebeu novamente.

E proseguiu:

— Ninguem desconhece a vantagem de uma clara educação na formação do caracter, especialmente de uma mulher. A ignorancia do lado natural da vida é um precipicio aberto á juventude inexperiente. O mundo, bem sabes tu, é o palco onde se representam todas as farças humanas, desde a comedia á tragedia: a lagrima sentida e a gargalhada estridente! Esses conhecimentos me vieram, infelizmente, depois da minha dôr, da minha desdita irreparavel...

Um mal entendido, á mesa proxima, estabeleceu ligeira confusão.

Thereza suspendeu a sua historia. Crysantho olhou vagamente o ruge-ruge, e deixou-se ficar indifferente ao vozerio dos homens e das mulheres, que vibravam ao calor do vinho...

Meia hora depois, voltava a serenidade.

Crysantho pediu mais wisky.

— Vamos, Thereza, continúa a tua historia. Eu me sinto bem, ouvindo-te. Já percebi que és um pouco differente das outras mulheres. Tens mais alma: ha, nas tuas palavras, um pouco de luar dos tropicos — brandura e refulgencia...

— Amei, continuou Thereza. O meu primeiro amôr, porém, foi contrariado pelo orgulho dos meus paes e pelos preconceitos sociaes da minha terra. Eu não tinha o direito de escolher um homem. Apenas o dever de ser a mulher de um homem, escolhido pela sociedade e pela vaidade da minha familia. A educação religiosa, que recebi, não me deu forças para eu reagir contra essa affronta á sensibilidade mais sublime do organismo humano — o amôr. Cedi ás instancias dos meus paes. Casei-me. E fui infeliz como toda mulher educada num ambiente de mysticismo e de hypocrisias...

— E o teu primeiro amôr — indagou Crysantho — ainda vive sobre a terra?

— Penso que vive. Mas, si o visse, eu não o conheceria. Faz dez annos. E elle partiu para muito longe daqui.

— E teus paes?

— A politica empobreceu-os. Soube que os bandoleiros, que infestam os sertões nortistas, atacaram a fazenda da minha familia, roubando-lhes tudo. Ha muito, porém, que os considero mortos, porque eu morri para elles...

Deante desta ultima confissão, Crysantho tornou-se livido. Segurou Thereza pelos hombros. Olhou-a demoradamente. Ella mostrava nos olhos uma sombra de cansaço e de embriaguez...

O relogio marcava quatro horas. Madrugada. Crysantho, macerado e triste, despediu-se de Thereza.

A' sahida, murmurou, instinctivamente:

— Ella, a criatura tão linda e tão pura, que eu conheci e amei — é hoje a transviada Thereza! Eu — o seu primeiro amôr — o bebedo inveterado dos "cabarets"... Fatalidade ou determinismo das causas sociaes que modificaram os nossos destinos?!

* * *

Na esquina do *boulevard*, Crysantho desappareceu, nimbado na luz clara de um sol outomnal...

Amanhecia...

GASTÃO JUSTA.

SELECTA

A sua nova phase — As importantes modificações que vae soffrer a nossa revista.

Um brinde ao mundo feminino.

A partir do dia 25 deste mez a SELECTA, a mais popular das revistas cinematographicas brasileiras, vae apresentar-se em novos moldes, correspondendo d'esta forma ao favor com que o publico a tem recebido, nomeadamente no mundo feminino.

É a esse mundo feminino, sempre sincero admirador de todas as manifestações de arte e de belleza, que essa nova phase da SELECTA principalmeute se dedica.

Continuando a ser uma revista especialmente dedicada ao movimento artistico da tela, inserirá uma vasta e brilhante collaboração em assumptos que mais directamente interessam á mulher. A arte do ninho domestico, de que as almas femininas tem o segredo; os caprichos da moda nos seus ultimos modelos; o conto e o romance, de pennas as mais brilhantes, artisticamente illustrados; secções de são e esfusiante humorismo, de movimento social, de arte poetica, de assumptos infantis; tudo isso se encontrará na proxima phase de SELECTA, com que, certamenle, a nossa querida revista conquistará novos e mais brilhantes triumphos; a parte cinematographica, que continua sendo a razão essencial da revista, terá tambem sensacionaes novidades, quer na parte illustrada, quer na parte litteraria. Se assim é no que respeita ao novo aspecto intellectual da SELECTA, a parte material, a parte propriamente graphica constituirá verdadeiro successo, para o que a Empresa Fon-Fon e Selecta S. A. não poupou esforços nem dispendios. As machinas mais modernas por ella adquiridas garantem um trabalho magnifico que virá contribuir, em muito, para o prestigio das artes graphicas brasileiras.

Concurso Sabonete EUCALOL

(Menção Honrosa)

EU que idolatro a fórma appetecida,
CA ptivante de encantos — o crisol —
LOL a, aconselho que uses toda a vida,

EUCALOL

Hugo Motta.

Rua Tymbiras 4 — apartamento 51 — S. Paulo.

ADÃO — PORQUE ELLE A NÃO ESQUECEU.

(Conclusão)

Reynaldo (*n'uma explosão*) — Porque nunca te possui... Sim, nunca te possui! Teu corpo, eu o beijei mil vezes, eu o conheço palmo a palmo... mas a realidade de que é o corpo a apparencia externa? As mulheres em geral têm ansia de se entregar, desnudam todo seu pensamento, entregam todos os seus sentimentos antes de conceder um só beijo... E por isso o prazo da conquista é o limite do prazer do homem, o dom physico o final de uma aventura. A mulher é concentradora, aspira ao socego, ao abandono total; o homem é dispersivo, levado á luta, á difficuldade, á conquista, e, quando obtem tudo, se desinteressa. Ah! si as mulheres soubessem a arma terrivel que o silencio é para ellas... O silencio defende, occulta, o silencio envolve em mysterio, e o mysterio desperta o desejo... Tu, por indole ou sciencia do amor, o sabias... Quantas vezes murmurei a teu ouvido, lembras-te? o verso de Albert Samain: "*Ella vivia para a volúpia de calar-se*"...

Tu, que eu julguei uma conquista fácil, tu me deste teu corpo, mas tua alma eu a desejo ainda... Nunca te esqueci, porque tu és ainda hoje, para mim, a desconhecida que passa a nosso lado e desperta em nós o fundo instincto da conquista...

(*Na curva azul do céo a tarde abrandava no silencio do escurecer o grito estonteante da luz diurna*)

EVA — PORQUE ELLA O AMOU

(Conclusão)

Magdala estas lindas palavras, que faço minhas para nellas te offertar o porque do meu amor: "Eu serei o pedestal d'Aquelle cuja voz soube falar ao meu coração".

(*Sob o effluvio mágico do luar, a natureza extactica parecia se entregar a um sonho de luz num gesto infinito de suprema confiança.*)

COISAS

A Nação está empolgada por uma só idéa: o problema da successão presidencial. E' a materia obrigatoria de todas as palestras, dos commentarios dos jornaes, e não ha como fugir ao assumpto.

Parece mesmo que qualquer esforço no sentido de encontrar coisa mais interessante ao paladar dos nossos leitores, será inutil.

No Parlamento, então, as galerias estão apinhadas de gente que aprecia a oratoria inflammada dos *leaders* da politica.

E' de espantar o esforço que velhas raposas, viciadas na pratica de processos da compressão das liberdades publicas, fazem, para embasbacar os ingenuos...

Figuras patuscas, cheias de *enthusiasmo*, batem no peito gritando pela causa liberal.

Todos são liberaes...

Liberalismos para todos os paladares. Tambem fomos espiar os sacerdotes do novo crédo.

Que decepção! Nós escriptores deviamos quebrar as pennas e tomar do lapis. Ao em vez de jornalistas, deviamos ser caricaturistas. O commentario deve ser substituido pelos calungas.

Por que?! Ora, nós vivemos actualmente em pleno reinado da caricatura...

VARINHA DE CONDÃO

CHAPÉOS DE VERÃO — Entramos já na primavera e não mais é tempo de cuidarmos de

Fig. 1

vestidos agazalhados nem de chapéos de feltro. Nosso inverno é bem curto, e durante os mezes de verão rigoroso difficil e absurdo é para nós o acompanhar certas modas parisienses, como, por exemplo, a dos vestidos finos com chapéos de feltro ainda que leve e macio. Nos dias de canicula de nosso estio só mesmo a palha é toleravel sobre a cabeça escaldante.

Bfff... só de imaginar o verão é da gente ficar arrepiada de horror... Mas isso não adianta nada; elle vem mesmo.

Já é tempo de pensarmos dos chapéos de palha. Aliás estes tiveram muito em voga no verão francez. Os chapéos não guardaram, como o anno passado, uma linha um tanto monotona de sobriedade collegial. As abas eram mais caprichosas e recortadas, os chapéos grandes foram vistos ao lado de *berets* justos na cabeça.

Os enfeites tambem variaram mais. Alguns traziam pequenos ornamentos de pennas chatas, outros, veuzinhos de *tulle* que recahiam graciosamente. O *bakou* e o *bengale* estão em moda, mas outras especies de palha surgiram, brilhantes umas, como a Luciol, muito flexiveis outras; como a "jersey", palha de lã, palha, *tweed*, composta aquella de um galão e lã em *tricot* dobrado; esta feita de

Fig. 2

pedacinhos de feltro trançados.

Eis tres modelos interessantes de chapéos. São da ultima collecção da casa Lewis.

O nº. 1 é de *bengale* beje guarnecido de folhas feitas com fita de *faille* grosso, beije e vermelha.

O nº. 2 é de palha Luciol preta ornado com fita de setim negro,

formando sob a aba um laço de numerosas cabeças.

O nº. 3 é uma toque de d'ella azul marinho coberta por um véo de *tulle* cinza beirado de setim azul marinho.

UMA NOVIDADE — Um apagador nos dá a idéa da longa vara com um capucho de metal de que se serve o sachristão para extinguir após as cerimonias religiosas as chammas das velas, sobre o altar... uma a uma... lentamente como o tempo suffoca no templo de nossa alma as illusões scintillantes.

Mas os modernos apagadores absolutamente não têm o mesmo fim nem se prestam a comparações tão sentimentaes... e antiquadas como tudo o que é sentimental.

São objectos fantazistas para o luxo e a commodidade do seculo: pequeninas invenções caprichosas e bizarras feitas para completar os ambientes cubistas e futuristas e os salões de fumantes artisticos e voluptuosos. São apagadores de cigarros, destinados a matar bruscamente a pequena chamma surda e perfumada, mal terminado o prazer da ultima baforada, ainda não dispersa de todo a fragil espiral

Fig. 3

azul da derradeira fumaça... assim como o homem moderno, abafa com um só gesto, nervoso e pratico, o crepitar silencioso das paixões modernas, mal dellas exhauriu o instante fugitivo do prazer que desejou...

Eis na figura 4 um modelo de apagador de cigarro, feito de um poleiro de metal, com um travessão ôco, sobre o qual pousa, com ar mysterioso e mau, um pensativo

Fig. 4

mocho. O corpo do passaro contém uma pequena lampada que lhe accende os olhos redondos e fixos, como si estes absorvessem a braza extincta dos cigarros abandonados... para continuar a illuminar com suas almas apagadas os devaneios do fumante indifferente...

HARMONIA E PYJAMA — A mania actual da humanidade é de harmonia. Outr'ora bem pouca gente se occupava dessa filha primogenita da esthetica. Mas hoje em dia não ha um mestre de obras que não affirme em tom superior a respeito de fachadas: "Isto quebra a harmonia" e não ha uma garota levantando um palmo do chão que não proteste si a mãe lhe quer pôr um laço azul sobre um vestido vermelho. "Mamãe não combina!"

Ora não só a harmonia externa e visivel existe. Outra mais subtil é tão verdadeira quanto essa. E' a harmonia do caracter da pessoa com o ambiente que a cerca dos gestos e palavras com o traje.

Assim, por exemplo, póde ser gracioso uma mulher fumando, mas para isso é preciso que o movimento garoto de levar o cigarro aos labios esteja em harmonia o perfil da que o executa, seu vestuario e o quadro que emoldura.

Assim imaginem o lindo pyjama de séda estampada da figura 5, uma tetéa no genero, animado por uma silhueta esguia e graciosa de mulher moça, na intimidade voluptuosa de uma pequena sala mobiliada segundo o gosto moderno, e ousem dizer que não completará favoravelmente a scena uns apetrechos delicados de fumantes, como o apagador que descrevo nesta pagina, e a fumaça azul e subtil se evolando de uns labios apinhados como a beijar um sonho... o sonho da espiral que se desfaz... Bem vêm que o dese-

Fig. 5

nhista do figurino entendia de harmonia, pois não se esqueceu de pôr o cigarrinho na mão de sua figura.

JOIAS MODERNAS — Parece que a mais recente tendencia da moda nas joias é o abandono das linhas largas e singelas, dos embutidos discretos e a volta do gosto pelas peças muito trabalhadas, os metaes caprichosamente filigranados, a orgia rendilhada de recortes e relevos. Apenas, as joias antigas eram por vezes muito esculpidas mas ao mesmo tempo pesadas e massiças em quanto que as actuaes se distinguem por uma leveza e uma finura delicada e incomparaveis.

Na figura 1, vemos:

I um pendentif composto de diamantes, onix e esmeraldas talhadas em forma de peras e cizeladas; do joalheiro Mauboussin.

CINDERELA.

Fig. 1

A senhora de Flip seguiu fielmente as instrucções do doutor Hipotensin, e é innegavel que depois de tomar dez colheradas do pó que continha a caixa, as dores desappareceram. A cliente foi pontual e, ao completarem-se os quinze dias, apresentou-se novamente no consultorio do doutor Hipotensin.

— Então, como está, senhora? — perguntou elle.

— E' um milagre, doutor. Já não sinto a menor dor; o senhor curou-me.

— Espere, espere, minha querida senhora — disse o sabio; — não

Uma cura maravilhosa

(Conclusão)

. . .

antecipe julgamentos. Não tenho por habito regosijar-me tão depressa assim.... Procedamos com ordem e methodo.

Tornou a effectuar a operação de extracção do rim, com a mesma delicadeza, e metteu-o no boião dagua.

O rim foi ao fundo, como se fosse de chumbo.

A senhora deu um grito de alegria.

— Milagre! Não fluctua mais.

O doutor Hipotensin, triumphante, mas modesto, inclinou-se, sem dizer palavra.

— Mas, doutor — exclamou a senhora de Flip — póde explicar-me, afinal, que pó maravilhoso é esse que me receitou?

— Nada mais que areia. As maiores descobertas são as mais simples. Carregando de areia o seu rim estava eu seguro de que não mais fluctuaria.

Inscrever-se na Radio Sociedade e no Radio Club do Brasil é um dever de patriotismo: é concorrer para o desenvolvimento da cultura brasileira.

Nos cinemas da Avenida

Cotações: OPTIMO — MUITO BOM — BOM — SOFFRIVEL — MÁO — E . . . DETESTAVEL

QUEM E' O CULPADO?

DA FOX-FILM

Cinema PATHE' — Film policial, em cuja interpretação collocaram um artista galã-comico, que, por mais sério que se queira collocar dentro da situação não consegue fazer esquecer as horas de bom humor que elle deu ao publico carioca. Como todos os films do genero, o enredo preoccupa-se, principalmente, em crear com mysterio e prender o publico até a solução do problema. N'este ponto não ha negar que se consegue o objectivo. De resto, o film fez-nos rir, não nos impressionou. Não tivesse estes dois nomes: Raymond Griffith e Raymond Hatton. Marceline Day n'uma figurinha muito interessante e muito sentida.

Cotação — BOM

NINHO DE GAVIÃO

DA FIRST-NATIONAL

Cinema GLORIA — Film em que dois artistas de renome dos bons tempos dos films dramaticos silenciosos, Milton Sills e Montague Love, conseguem ainda emocionar-nos com as suas mascaras estupendas. Nomeadamente Milton é n'esta pellicula, de moldes antiquados, um artista de mascara expressiva e empolgante. Dissemos que o film é de moldes velhos. Realmente, o enredo — intrigas e mysterios do bairro chinez de Nova York — é uma cousa velha que tem tido innumeras edições, algumas bem valiosas. Não é que no seu argumento, na sua direcção e na sua technica este seja máo. Mas já está visto.

Cotação — BOM

PORTA-BANDEIRA

DA PARAMOUNT

Cinema IMPERIO — E' um film encantador para rapazes e moças... americanas. Não deixa ao publico d'outras raças uma impressão duravel. Como orientação educativa, poderá servir ao narcisisimo norte-americano, que se julga invejado e com direito a ser imitado pelo mundo inteiro. O romance é interessante, mas não vae a uma média vulgar de força emotiva. Bôa a direcção e excellentes as scenas das evoluções militares dos alumnos da escola tradicional de West Point. De resto, não sahimos descontentes.

ao final da exhibição; sahimos talvez um pouco com a alma vazia. Como film silencioso não lhe podemos negar a

Cotação — BOM

REGENERAÇÃO

Da First-National

Cinema ODEON — Este film foi apresentado aos leitores da SELECTA com a designação de *Mestre da Melodia*. Esteve para ser exhibido silencioso, mas passou a ser synchronizado. E bom foi que assim acontecesse, porque a musica é interessante, de uma profunda inspiração, d'uma grande emotividade. Trata-se d'uma pellicula de enredo bastante original, valendo muito mais pela sua interpretação, principalmente por parte de Richard Barthelmess, um artista de mascara dura, mas de profunda sensibilidade n'este personagem tão variada e tão curiosa de matiz. Betty Compson é uma artista de merito, mas já não é aquella trefega criatura, que constituiu o encanto do publico ha seis annos atrás.

Cotação — BOM

CRISE

Da Ufa

Cinema RIALTO — Aqui se nos apresenta um temperamento de mulher que é, evidentemente, o de uma anormal. O ensceñador deu a esta alma feminina, uma directriz amorosa que aberra do bom senso. Não ha mulher d'esta tempera? Não diremos que não, mas a conclusão moral é evidentemente falsa em frente dos antecedentes. Brigitte Helm fez um trabalho encantador, feito de irregularidades, como lhe cumpria em tão estranha figura. A direcção d'esta pellicula é bastante valiosa, com uma intensa vida e uma perfeita reconstituição de ambiente. A technica muito valiosa. Cada dia mais os ateliers germanicos se impõem, dando-nos verdadeiras maravilhas.

Cotação — BOM

LOURA E SAPECA

Da Pathé De Mille

Cinema IMPERIO — Film futil, mas gracioso. Bate-se aquella conhecida tecla das louras e morenas, já cançada no romance e na téla. Esta historia da *sapequice* das louras é na America um logar commum. Em todo o caso, vae para a conta mais este, para crescer o monte. Pretexto para mundanidades, alguma inverosimilhança no enredo, e muita cousa bôa para os meninos de calças largas que julgam que a vida é isto. Da Pathé de Mille podia sahir cousa bem melhor, porque films d'esta natureza já não satisfazem ao anseio de intellectualidade que caracteriza o cinema moderno. Emfim, é mais um silencioso... que passou.

Cotação — SOFFRIVEL

complicadas e incomprehensiveis, cuja finalidade é sempre dizer phrases pouco amaveis ás mulheres.

— Sim, senhora; estudei a Vida e, ainda que joven, já pude observar em todas vocês um estranho desdem ante todas as contingencias. Desde que o vestido lhes caia bem e que o chapéo lhes assente com graça, estão satisfeitas. O resto pouco importa. Quem perde as bolsas e as sombrinhas? As mulheres. Quem se encontra á porta da casa sem chave? As mulheres! Quem...

— Quem se vangloria sempre e vale menos que nós outras? O homem!

Nick se detem boquiaberto, interrompido em sua enumeração...

Fica olhando Nouche com a estupefacção de um professor a quem um alumno quiz dar lições...

— Dizia a senhora?...

— Digo, senhor Nick, que está em grave erro ao combater assim as mulheres, quando se tem tão pouco siso como o senhor.

— Eu, pouco siso?...

O pobre Nick está indignado.

EU NÃO ME ESQUEÇO DE NADA

(Conclusão)

* * *

Elle, que se tem por tão methodico, tão cuidadoso; em uma palavra, tão perfeito, ver-se assim ridicularizado por uma mulher. E que mulher! A sua! Fica fóra de si. Nascem-lhe desejos de tomar por testemunha o velho senhor da roseta e a senhora de penteado de bandós lisos (até os proprios viajantes que passam por ambos no carro) da injuria gratuita que acabam de fazer-lhe. Mas não se póde dominar. A calma é propria das grandes almas ultrajadas. Levantou-se e declarou:

— Vou fumar um cigarro.

— Está bem — disse Nouche. — Magnifico para esclarecer as idéas! E, além disso, faz já muito tempo que estás no mesmo logar!...

E é a verdade. Quando Nick viaja, não póde ficar tranquillo muito tempo. E' indispensavel para elle mover-se continuamente. Acredita que sua actividade augmenta a velocidade do trem.

Nick fuma um, e dois, e mais cigarros. O tempo passa. Volta. Magnanimo... perdoou as phrases cruais de sua mulher! Mais ainda: esqueceu-as. Mas Nouche não perdeu o curso de suas idéas, e, quando o marido veiu de novo assentar-se ao seu lado, entregou-lhe, com as pontas dos dedos e um sorriso não ironico, um objecto que Nick fica a olhar com certa perturbação...

— Como! A minha carteira?! — exclama.

— Sim; tua carteira! Tu a esqueceste sobre a escrivaninha e eu guardei-a, porque, sem ella, creio que o dinheiro nos teria feito falta... Fiz mal?

Nick não responde, guarda a carteira no bolso, olha a paizagem que foge entre os postes telegraphicos; finge encontrar nisto um grande prazer e murmura, afinal, deixando transparecer seu mau humor por ter sido logrado, num tom aspero de voz:

— Queira terminar de uma vez essa leitura! Não vi ainda as collecções do dia...

Inscrever-se na Radio Sociedade e no Radio Club do Brasil é um dever de patriotismo; é concorrer para o desenvolvimento da cultura brasileira.

ESPIRITO ALHEIO

OPPORTUNIDADE

Madame Pantaleão, senhora economica e esperta, aproveita a visita do noivo da criada...

PHOTOGRAPHIAS...

— Amigo, seu letreiro diz: "Photographias em um minuto. Os photographados pódem esperar."

— Sim, senhor. Mas, podem esperar em suas casas...

TRANQUILLIDADE...

— Cala-te um bocadinho, mulher! Deixa-me ouvir, por um instante ao menos, com tranquillidade, o bramido das ondas!

Elle. — Para viver, eu me contentaria com mil libras esterlinas annuaes.

Ella. — Está bem. Mas, por quanto tempo?

Elle. — Pór um mez mais ou menos.

— João! João! João! Vaes assim sem dar-me um beijo?...

UM ARTISTA

O Ceará, que tem sido tão feliz, honrado e enaltecido pelos seus filhos nas manifestações do Bello, possue, agora, um artista, que avança a passos largos... Vicente Rosal Ferreira Leite, ou simplesmente Vicente Leite é esse apaixonado, esse emotivo comprehendedor e reproductor do transcendente... E' um artista sincero, verdadeiro. Tem estylo, um colorido proprio, que o tornaram o mais brasileiro dos pintores nacionaes. Agrada e seduz a todos a sua paizagem: ao leigo, que a olha, talvez sem comprehendel-a, porém reconhecendo ali a natureza nossa que o extasia sempre; ao artista, que a vê, penetrando o espirito na belleza, encantamento e suavidade de quanto os olhos vêm...

A seu favor, para ser o mais brasileiro dos artistas, tem Vicente Leite a alma de brasileiro: deixa-se mais attrahir, elogia e anima os trabalhos do amigos e collegas, que se deixa empolgar pelas suas proprias manifestações d arte... Vê a sua arte, vê, naturalmente, o seu valor, tem a noção do seu progresso..., mas se cala para admirar a dos outros... E' a alma bôa, simples do brasileiro.

E' esse o artista cearense, duplamente laureado no actual Salão de Bellas-Artes, que, em um futuro não longinquo, será um nome mais a orgulhar o modesto Estado do norte, já tão digno de orgulho pelo seu passado, nos dominios da intelligencia, e que, ainda agora, na actual geração, em Gustavo Barroso tem um dos lidimos representantes da mentalidade patria! — **PEPE.**

ARVORES

POR HORMINO LYRA

VENERAMOS a arvore secular com o mesmo sespeito votado a velho amigo, alquebrado pelo peso de muitos lustros. As proprias féras, animaes impiedosos, são amigas das arvores, pelo consolo que lhes proporcionam estas com a sua sombra.

E que longevidade têm ellas!

Charles Martins, em Geffe, na Suecia, mediu um pinheiro que tinha sessenta e tres centimetros de diametro, e cuja idade foi calculada em quatrocentos e trinta e sete annos.

Havia um bordo em Trous, que ali vivera com mais de quinhentos annos.

Affirma-se houvera uma laranjeira em Fondi, a qual em 1278 fôra por São Thomaz de Aquino plantada. Existira outra no convento de Santa Sabina, em Roma; São Domingos plantára-a em 1200, consoante igualmente se affirmava, ha quarenta annos passados.

Vão os carvalhos muito além de mil annos. Em Ardennas, dentro do tronco de velho carvalho, encontrou um carvoeiro moedas de origem romana, pelas quaes a idade da arvore majestosa e veneranda se poderia calcular em mil e quinhentos annos.

Na Inglaterra ha muitos teixos de um a tres mil annos.

E o baobah senegalez?! Existem alguns com idade orçada em mais de cinco mil!

* * *

Com folhas de figueira, e não de parreira, como se diz commummente, cobriu-se Adão e Eva, logo depois de não resistirem as humanas creaturas á tentação do demonio, disfarçado em serpente; logo depois de comerem o fruto prohibido de que nos fala o *Pentateuco, livro da lei, n'O Genesis.*

Em São Paulo, á margem do Ypiranga, existe a tradicional *arvore das lagrimas e das saudades.* E' frondosa e velha figueira, testemunha dos abraços commovedores, do pranto, de muitas lagrimas derramadas, de muitos lenços ensopados no choro das despedidas; pois, antes do progresso das estradas de ferro, era ali, em baixo da enorme copa da piedosa figueira, aonde iam muitas pessôas ao bota-fóra dos viajantes que seguiam o rumo de destino, as quaes voltavam para a Paulicéa, quasi sempre cheias de saudades, com os olhos ainda orvalhados pelas lagrimas incontidas.

No Estado do Ceará existe, com as suas tradições, a cidade de Joazeiro do Crato, em homenagem á secular arvore de juá, que havia no local, onde fôra edificada simples capella pelo reverendissimo padre Pedro Ribeiro da Silva. Padre Cicero Romão Baptista, seu terceiro capellão, na ordem chronologica, reedificou-a depois, transformando-a em magnifico templo.

Progrediu Joazeiro; foi elevado á categoria de villa, conservando o primêvo nome do povoado; annos depois, chegou á categoria de cidade, e continuou com o nome tradicional da arvore frondosa que ao precitado reverendo tanto impressionára.

Possue o Estado de São Paulo a cidade de Jaboticabal, por se achar cerca la de tantos pés de jaboticabeira, que, na época da fruta, sobe á altura de metro o monte de jaboticabas cahidas das arvores, as quaes, já na effervescencia, se estendem kilometros fóra.

O maior tributo brasileiro, conselheiro Gaspar Silveira Martins, comparou-se ao jiquitibá da floresta: a machadinha que tentasse derribal-o, seria dentada; "a Republica que o diga", exclamára sil, quiçá, tambem ser reminis extraordinario gaúcho.

Ha muitas familias illustres appellidadas com varios nomes de arvores, nomes que vieram de seus maiores, e com os quaes se sentem muito honradas.

Nem precisamos ir adeante: é bastante lembrarmos que se preferiu o nome de Brasil, para nossa grande Patria, aos de Vera-Cruz, Santa Cruz, que tanto a honrariam; isso em homenagem á arvore do páo brasil, pela excellente qualidade para tinturaria, e pela sua abundancia nos arredores das terras, onde frei Henrique Coimbra, no domingo da Paschoa, celebrou a *primeira missa.* Não obstante isso, lembra Ronald de Carvalho que poderia o nome de Brasil, quiçá, tambem ser reminiscencia da lendaria ilha de Bra-, *Brazil, Brazylle* ou *O' Brasil,* celebre nas cartas medievaes; é comquanto fôra chamado "bersis" ou "berzi" por Marco Polo que assignala a sua abundancia em Ceylão, no Egypto e reino de Jerusalém; em provençal "brezil", em hespanhol "brasil", com derivação feita por verbos allemães "braeselen", "brasseen" assar; de qualquer sorte a palavra é anterior á descoberta do novo mundo, e foi a grande quantidade dessa arvore encontrada em o nosso paiz que deu o seu nome a este abençoado recanto do planeta a brasileiros pertencente.

Ha muitas arvores, cujos nomes se deram a individuos, cidades, villas, povoados, arrabaldes, suburbios, alamedas, ruas, bêcos; deram-se-lhes tambem os nomes das fructas.

Estas são o fructo amado das bemditas arvores, que nôl-o offerecem periodica e piedosamente.

Toda a arvore, que não dá bons fructos, será cortada e levada ao fogo, setenciára o sublime Mestre, o divino Rei dos filhos da Palestina, no dizer parabolico do Evangelho. Porém tanto desvelo lhe consagramos, que, deixando á margem algum preceito de moral exprimido por aquella sentença, teriamos remorsos de as derrubar, ainda com a certeza de darem fructo venenoso. Coitadas! Alguma culpa teriam disso?! A mãe natura fêl-as assim... Bôas sempre são ellas: purificam o ar que respiramos, possuem virtudes [illegible]tiferas, e, quando não nos dão fruto apreciavel, dão-nos sombra coonsoladora. Utilidade têm sempre as bôas *arvores.*

FON-FON

Revista Semanal Illustrada

Director:
SERGIO SILVA

Redactor-Chefe: Gustavo Barroso.
Thesoureiro: Cyro Machado.

Direcção, Redacção e Officinas:
62, Rua Republica do Perú, 62
(Antiga Assembléa)

Telephones — Director: C. 0877
Administração: C. 4186 — Endereço Teleg.: «Fon-Fon»

— Caixa Postal 97 —

RIO DE JANEIRO

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

No Rio e nos Estados

Anno	48$000
Semestre	25$000

Venda avulsa em todo o Brasil, 1$000.

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA
FON-FON e SELECTA S. A.

Representante em São Paulo:
EMPRESA AMERICANA DE PUBLICIDADE, LTDA.

Praça do Patriarcha, 8 - sob.
Caixa do correio, 1481.

Repr. na Europa: Davignon, Bourdet & C., 9, Rua Tronchet, Paris. — 11, 21, 28, Ludgate

AGUA DO REGIMEN DOS ARTHRITICOS

GOTTOSOS — RHEUMATICOS — DIABETICOS

A's refeições

VICHY CÉLESTINS

ELIMINA O ACIDO URICO

O SR. APPLAUDIRÁ A VOZ DO

DECCA

O PHONOGRAPHO PORTATIL

Escute o Sr. a sua canção favorita neste apparelho, que ha de ouvil-a com toda a graça e naturalidade. Não ha nota que se perca e até as notas mais baixas resultam com uma admiravel precisão. Isto consiste em que o Decca consta de um systema sonoro exclusivo que nenhum outro phonographo possue. Apezar de todos os attractivos de construcção do Decca, julgue-o o Sr. pelo seu timbre SEM RIVAL.

Informações para o commercio:

CARLOS HAERING

RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 28

RIO DE JANEIRO

A SCIENCIA ENALTECE AS QUALIDADES DA "ASTRÉA"

O preparado ASTRÊA é de perfeita indicação na hygiene feminina, empregado em lavagens vaginaes.

a) Fernando Magalhães.

O uso do preparado ASTRÊA recommenda-se por suas magnificas qualidades antisepticas e hygienicas.

a) Augusto Brandão Filho.

ASTRÊA é um preparado usado em lavagens vaginaes, que eu aconselho vivamente na hygiene da mulher.

a) Oliveira Motta.

ASTRÊA é um dos melhores preparados destinados á toilette das senhoras. Attestando a sua efficiencia subscrevo um acto de justiça.

a) Fernando Vaz.

Caixa Postal 2.677 — S. Paulo

O que nem todos sabem

Dos gritos dos animaes, nenhum se approxima tanto da voz humana como o da phoca quando lamenta a perda ou captura de seus filhos. Esse grito se parece muito com o da mulher presa de uma grande dôr.

•

Entre os muitos serviços que os raios Roentgen prestam á humanidade, figura o da analyse dos alimentos. Nas photographias tiradas de farinhas estendidas sobre o crystal, se notou a presença de mineraes que as adulteravam, por serem os metaes opacos aos raios e produzirem manchas na photographia.

•

Uma estatistica recente demonstra que a maioria das pessoas que attingem a avançada idade sempre se deitaram muito tarde.

•

Conservando uma curiosa tradição, os arabes, desde a perda de Granada, não vestem camisa.

Cansada da duração do cerco dos mouros, a rainha Isabel de Castella tinha jurado que não mudaria de camisa emquanto Granada resistisse ao assalto dos hespanhoes.

Os arabes, vencidos, afinal, e expulsos da Hespanha, não quizeram ficar atrás. Sahindo de Granada, seu chefe jurou tambem não vestir camisa emquanto não recuperassem a capital perdida. Os mouros resolveram, então, despojar-se de sua *tchamir* e, fechando as portas de suas casas granadinas, puzeram as chaves no capuz de seu *selham* e atravessaram o estreito de Gibraltar.

Ha cinco seculos que isto se passou, e os arabes, cumprindo religiosamente o seu juramento, ainda não usam camisa e guardam em logar de honra, em suas moradas africanas, as chaves de suas casas de Granada, que, esperam, Allah lhes deve restituir um dia...

ANEMIA, DEBILIDADE, RACHITISMO, BRONCHITES
ESCROFULOSE, TUBERCULOSE

LABORATOIRE SCIENTIA, 21, Rue Chaptal, PARIS.
JULIEN & ROUSSEAU, 174, Rua General Camara, RIO DE JANEIRO.

Adelgaçar

é um gôsto com as

"Pilules Galton"

Um "Emmagrecedor" perfeito hoje em dia está ao seu alcance. A sua acção melhora a digestão sem perjudicar a saúde. Chama-se : "Pilules Galton". Papada, bochecha, quadris, barriga, mingoam bem depressa. Rejuvenesce o organismo.

A Sra. C., de Perpinhão, escreveu-nos:

« Com um só frasco de "Pilules Galton" perdi nove centímetros de cintura; além d'isso, minha barriga, que era enorme, diminuiu como por encanto. »

O Snr. E. B., de Montbard :

« Tenho emmagrecido tres kilos dentro de 17 dias com as "Pilules Galton". Depois tenho obtido resultados muito notáveis, sem abandonar o meu trabalho e sem ser incommodado de fôrma alguma. »

Assim, pois, quem quizer emmagrecer não deve hesitar em tomar as **"Pilules Galton"**; o uso de um frasco bastará para convencel-o do resultado deveras assombroso (Composição exclusivamente vegetal)

Appr. D.N.S.P. em 26-6-1917 sob o Nº 88

J. RATIÉ, Phcº, 45, Rue de l'Echiquier, Paris-X.

A' venda em todas as pharmacias e drogarias

Esperança...

A esperança é uma caixinha dourada cheia de cubos verdes.

Deus, que é tão bom, deu esse brinquedo de armar p'ra nós.

Com aquelles cubos verdes a gente póde fazer uma porção de castellos de felicidade, tantos mesmo, que, brincando a vida toda, não se é capaz de armar nem a metade...

E' um brinquedo bonito (pudera! si foi feito no céo...) que fascina a criança-coração.

Papae Razão diz sempre que o brinquedo não é bom, que é perigoso, que vae magoar o filho amado, mas qual!, o menino geralmente não obedece. Toma a caixinha dourada cheia de cubos verdes, levanta castellos encantados, e é feliz quando brinca...

Mamãe imaginação sabe que o filho vae ficar triste quando estiver quasi prompto o palacio... mas é tão bom ver o pequeno contente e feliz!...

E mamãe deixa o filhinho brincar só uma vez...

Ajuda-o na diversão. Toma a esperança, e mostra como é que a gente póde armar um castello bonito com os quadradinhos verdes...

E o menino vae passar umas horas alegres no parque da vida. Levanta e aperfeiçoa, com mimos de artista, a fantasia bonita que mamãe Imaginação ensinou a construir...

VERSOS

SALOMÉ

I

Eis que, aos olhos da côrte deslumbrada,
Numa visão de amor esplendorosa,
Surge, risonha, Salomé.
Sua belleza é tão maravilhosa,
Que tem muito de fada
E pouco de mulher.
Os olhos chammejando, extactico de gozo,
O Tetrarcha repassa
Aquelle corpo esbelto, flexuoso,
Aquella carne tepida, morena,
De fluidos aromaes de cravo e de verbena.
A sua vista, cupida, perpassa
Por todo aquelle marmore perfeito,
Onde as curvas se alteiam, provocantes,
E os pomos côr de rosa, palpitantes,
Semelham pombos arrulhando.
Vae deslisando
Lentamente
Dos pés pequenos para a cruz do peito,
Dos labios de carmim, frescos, rosados,
Para os bastos cabellos ondulados...
Mas Salomé sorri;
E, entreabertos os labios de ruby,
Apparecem brilhando, fulgurantes,
Duas filas de limpidos diamantes.

II

Dança, agora.
Pallida, tremula, fremente,
Recurva, em contorsões,
O corpo de serpente.
A cabelleira rola, aos borbotões,
Por sobre a espadua núa, setinosa,
Pondo reflexos irizados
Na carne côr de rosa.
Os olhos do Tetrarcha, illuminados,
Scintillam como raios de luar.
Mas eis que Salomé deixa, emfim, de dançar.
Extenuada,
Tomba exangue,
As faces tintas, de romã;
E a seus pés,
Horrenda, tragica, ensopada
De sangue,
Rola a cabeça de Iaokanaan...

JORGE DUARTE RIBEIRO.

De Gil Morel

. . .

Brinca bastante, até que passa correndo o "Realidade", um cão muito grande e feio, que assusta a criança e derruba o castello tão lindo...

O Coração faz beicinho para chorar, fica triste. Pensa que papae Razão é bom conselheiro... E vae pedir á mamãe Imaginação que lhe ensine como é que a gente arma um palacio mais bonito ainda...

Mamãe fica com dó do filhinho loiro que prova uma desillusão. Ensina mais um brinquedo bem difficil de armar, que é para o menino ficar bastante tempo alegre, antes que passe outra vez o cão muito feio e muito grande que espera sempre o castello estar quasi prompto...

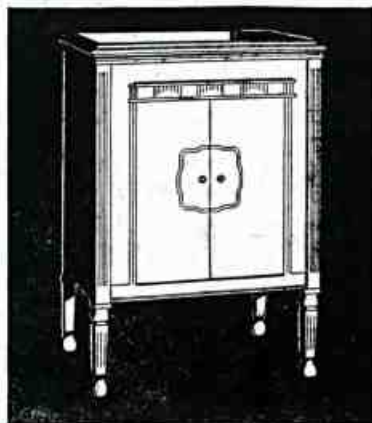
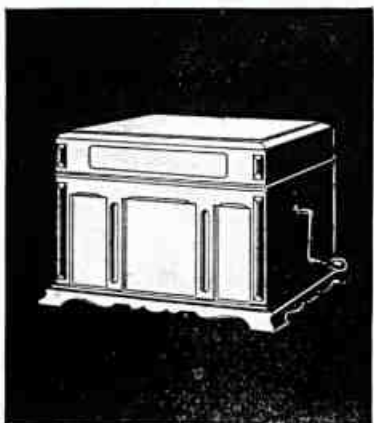
E o "Realidade" passa mesmo... e a criança fica triste, com vontade de chorar.

Papae Razão aconselha de novo...

Mamãe Imaginação ensina (só mais uma vez) como é que a gente faz um palacio muito bonito...

O filho Coração continúa brincando sempre. E pensando por que Deus que é tão bom, fez um cachorrão preto e sem graça, só para derrubar as fantasias que a gente gosta tanto de armar com os cubos verdes da esperança...

Uma Victrola Orthophonica
significa tanto . . . e custa tão pouco!

Victrola Portatil Modelo 2-55. Reproducção assombrosa. Travão automatico sem necessidade de previo ajuste.
Preço

Victrola Orthophonica Modelo 4-20. Reproduz com um realismo incrivel. Travão automatico sem necessidade de previo ajuste. Esta é uma das caracteristicas exclusivas dos instrumentos Victor.
Preço

Victrola Orthophonica Modelo 1-90. Própria para casas pequenas. Travão automatico sem necessidade de previo ajuste. **Preço**

Victrola Portatil Modelo 2-35. Musica excellente pelo modico preço de

As NOVAS Victrolas Orthophonicas são hoje em dia melhores do que nunca porque todas ellas encerram os ultimos aperfeiçoamentos feitos na arte da reproducção do som e continuam, portanto, sendo o recreio supremo de todos os lares.

Existem muitas pessoas que crêm que por serem as Victrolas Orthophonicas excepcionalmente excellentes, ellas custam muito. Isto, entretanto, não é verdade. Actualmente qualquer lar, por mais modesto que seja, pode disfructar a musica maravilhosa que proporciona uma Victrola Orthophonica. Um pequeno desembolso . . . ahi tem V. S. uma Victrola Orthophonica em sua casa. Qualquer commerciante Victor está disposto a acceitar um pequeno pagamento inicial no momento da entrega e depois tanto por mez ou por semana até que o instrumento tenha sido pago em sua totalidade. Assim sendo, *V. S. pode disfructar a melhor musica do mundo* emquanto paga pelo instrumento.

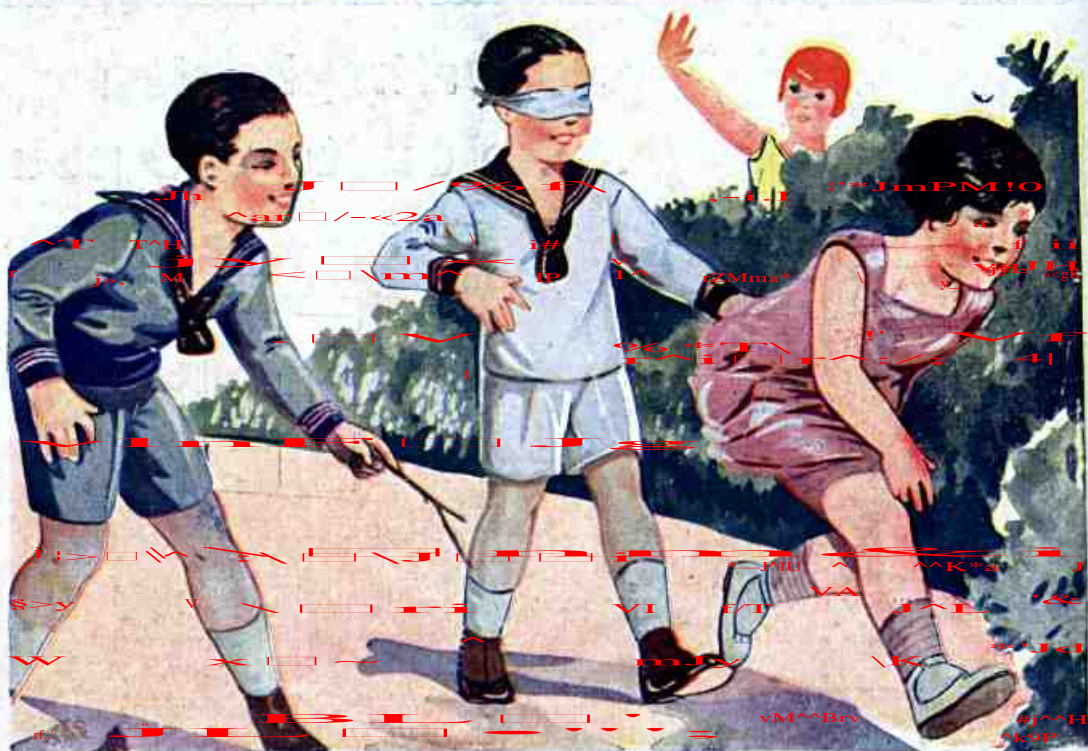
Qualquer commerciante Victor desta localidade terá muito prazer em proporcionar-lhe uma demonstração dos modelos mais populares lançados no mercado pela Companhia Victor.

Distribuidores Geraes: PAUL J. CHRISTOPH COMPANY — Ouvidor, 98 — Rio de Janeiro — S. Bento, 35 — S. Paulo. — O material VICTOR também se'acha á venda nas seguintes casas: Dorfman & Irmão, rua do Cattete, 79 e 253; The Dental Mafg. Co. of Brasil, rua Ouvidor, 127; Vasco Ortigão & C., Largo de S. Francisco; F. A. Pereira, rua Ouvidor, 179; Mestre & Blatgé, rua Passeio, 48; L. Ruffier, rua Ouvidor, 121; Roberto Donati & C., Ouvidor, 153; Nascimento Silva & C., rua 7 Setembro, 238; J. de Sá Oliveira, rua da Carioca, 48; Waddington Barbosa & Comp., rua Gonçalves Dias, 40.

PROTEJA-SE! *Somente a Cia. Victor fabrica a Victrola*

Esta marca identifica a Orthophonica

A NOVA VICTROLA ORTHOPHONICA

VICTOR TALKING MACHINE COMPANY, CAMDEN, N. J., E. U. da A.

Deixem as crianças saltar e brincar!

A actividade é o tonico da Natureza para as crianças.

Os alegres brinquedos, correrias, saltos e jogos constituem os meios naturaes de desenvolvimento dos jovens corpos.

A Natureza tambem fornece os alimentos proprios e necessarios á construcção dos ossos, dos musculos, ao desenvolvimento da força e do vigor, á Saude. O Leite Maltado Horlick contém esses elementos naturaes e indispensaveis ás crianças no periodo de desenvolvimento: o puro e rico creme, as proteinas, as vitaminas — tudo isso, em forma deliciosa, se encontra no

HORLICK'S

A BEBIDA ALIMENTO PARA TODAS AS IDADES

PEÇAM AMOSTRAS A

PAUL J. CHRISTOPH COMPANY

Ouvidor, 98 — Rio. S. Bento, 35 — S. Paulo.